



UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS
FACULDADE DE SERVIÇO SOCIAL
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM SERVIÇO SOCIAL- PPGSS/UFAL

DIANA RAMÍREZ DUARTE

**PROFISSÕES E IDEOLOGIA NO SISTEMA DO CAPITAL: determinações
histórico-ontológicas e espaço de manobra**

MACEIÓ-AL

2023

DIANA RAMÍREZ DUARTE

**PROFISSÕES E IDEOLOGIA NO SISTEMA DO CAPITAL: determinações
histórico-ontológicas e espaço de manobra**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Serviço Social da Universidade Federal de Alagoas como um dos requisitos para obtenção do título de Doutora em Serviço Social.

Área de concentração: Serviço Social, Trabalho e Direitos Sociais.

Linha de pesquisa: Trabalho, Política e Sociedade.

Orientadora: Profa. Dra. Reivan Marinho de Souza

MACEIÓ-AL

2023

Catálogo na Fonte
Universidade Federal de Alagoas
Biblioteca Central
Divisão de Tratamento Técnico

Bibliotecário: Marcelino de Carvalho Freitas Neto – CRB-4 – 1767

D812p Duarte, Diana Ramírez.
Profissões e ideologia no sistema do capital : determinações histórico-
ontológicas e espaço de manobra / Diana Ramírez Duarte. – 2023.
159 f.

Orientadora: Reivan Marinho de Souza.
Tese (Doutorado em Serviço Social) – Universidade Federal de
Alagoas. Programa de Pós-Graduação em Serviço Social. Maceió,
2023.

Bibliografia: f. 156-159.

1. Função social do contrato. 2. Ideologia. 3. Reprodução do capital. 4.
Sociedade de classes. 5. Educação. 6. Estado. I. Título.

CDU: 330.342.14:37

A mis muertes

AGRADECIMENTOS

El final de este camino se me dibuja como unas líneas borrosas que van tomando forma. Personas, muchas, estuvieron a mi lado en este proceso, algunas llegaron y se fueron, otras estuvieron desde el inicio, y muchas permanecieron.

Agradezco, siempre, a mis padres, sustento emocional y económico de mi existencia. Abiertos a entenderme y amarme. La adultez me ha traído la maravilla de poder vivirles y disfrutarles desde lo que soy y lo que son. Son mi amarre y mis alas.

A mi hermano Daniel, no solo por la amistad que hemos construido, sino por su transparente interés en mi tesis, por las discusiones sobre mi objeto de estudio que me permitieron darle forma y pensarlo de distintas maneras. También por su apoyo emocional, por sostenerme cuando he caído y por creer en mí.

A mi hermano Andrés y a mi cuñada Joha por su apoyo incondicional y su compañía certera. Son una columna de mi felicidad.

A Reivan, mi orientadora, por la comprensión, los consejos, la empatía y la libertad que me llevaron a encontrar mis caminos en este proceso.

A Aura, mi guía académica desde hace mucho tiempo ya.

A Gilmaísa, que en el inicio me acogió con su tierna sonrisa y su completo abrazo.

A todos los jurados por su rigurosidad y respeto hacia mi trabajo y proceso académico.

A Juan Esteban Arango por su ayuda técnica en tiempos afanados.

A mi prima Manu, siempre tan cariñosa y cuidadora, a mis tías Amanda y Mari, por hacerme sentir amada y valiosa.

A mis amigas, amigos y amigos. Son las personas que me cobijan, me dan la mano y el empujoncito, me hacen reír y querer la vida. Sin ellas, definitivamente, no hubiera sido capaz de llegar hasta acá.

A Trabajo Social Crítico y a Juntando, los procesos que le dan sentido a mi militancia.

Por último, quiero recordar a Juan, Tadeo y Julia, las almas que siempre llevo a mi lado.

RESUMO

O objeto de estudo que se desenvolve nesta pesquisa refere-se às funções que cumprem as profissões localizadas não complexo ideológico, em relação à reprodução do sistema do capital e à construção de processos emancipatórios. Para isso realizou-se um estudo histórico-ontológico das profissões, através da revisão documental tanto de outros autores que tem feito pesquisas históricas sobre a educação, a luta de classes, a ciência, a divisão social do trabalho, o Estado e as profissões, quanto uma amostra estatística da oferta acadêmica atual nas ‘melhores universidades do mundo’ seguindo o Ranking QS. O método inspirado em Marx e os desenvolvimentos de Georg Lukács são adotados como base teórico-metodológica porque permitem apreender os fundamentos ontológicos das profissões no geral, e daquelas com uma função ideológica. Deste modo faz-se uma análise histórico-ontológica que evidencia que as profissões aparecem na história com a primeira sociedade dividida em classes (Egito) e, a partir daí, identificam-se continuidades e rupturas que respondem às necessidades da reprodução social em relação ao modo de produção; a economia como momento predominante. Assim, é claro que as profissões com uma função ideológica foram as primeiras em aparecer (a profissão de escriba não Egito) e que muitos séculos depois, com o capitalismo, foram criadas as profissões diretamente imbricadas na produção (especialmente como trabalho intelectual). Além disso, reconhece-se o movimento contraditório e desigual entre dependência e autonomia relativa, tendo como base as decisões alternativas dos seres humanos singulares que, a partir de uma gama de possibilidades dadas pela totalidade social, dão direção aos complexos parciais das profissões. É com isso que são entendidas as possibilidades que têm os sujeitos profissionais de agir dentro da sociedade de classes, particularmente não capitalismo, como reflexo da luta de classes e dos projetos de sociedade antagônicos.

Palavras-chave: Função Social das Profissões. Ideologia. Reprodução do Capital. Sociedade de classes. Educação. Estado

RESUMEN

El objeto de estudio que se desarrolla en esta investigación se refiere a las funciones que cumplen las profesiones localizadas en el complejo ideológico, en relación con la reproducción del sistema del capital y la construcción de procesos emancipatorios. Para esto se realizó un estudio de cuño histórico-ontológico de las profesiones, a través de la revisión documental tanto de otros autores que han llevado a cabo investigaciones históricas sobre la educación, la lucha de clases, la ciencia, la división social del trabajo, el Estado y las profesiones, como una muestra estadística de la oferta académica actual en las ‘mejores universidades del mundo’ según el Ranking QS. El método inspirado en Marx y los desarrollos de Georg Lukács son retomados como base teórico-metodológica porque permiten aprehender los fundamentos ontológicos de las profesiones en general, y de aquellas con una función ideológica. De este modo se hace un análisis histórico-ontológico que evidencia que las profesiones aparecen en la historia con la primera sociedad dividida en clases (Egipto) y de allí se identifican continuidades y rupturas que responden a las necesidades de la reproducción social en relación con el modo de producción; la economía como momento predominante. Asimismo, es claro que las profesiones con una función ideológica fueron las primeras en aparecer (la profesión de escriba en Egipto) y que muchos siglos después, con el capitalismo, se crean las profesiones directamente imbricadas en la producción (especialmente como trabajo intelectual). Además, se reconoce el movimiento contradictorio y desigual entre dependencia y autonomía relativa, teniendo como base las decisiones alternativas de los seres humanos singulares que, a partir de un abanico de posibilidades dadas por la totalidad social, dan dirección a los complejos parciales de las profesiones. Es con esto que se entienden las posibilidades que tienen los sujetos profesionales de actuar dentro de la sociedad de clases, particularmente en el capitalismo, como reflejo de la lucha de clases y de los proyectos de sociedad antagónicos.

Palabras-clave: Función Social de las Profesiones. Ideología. Reproducción del Capital. Sociedad de clases. Educación. Estado

ABSTRACT

The object of study developed in this research refers to the functions fulfilled by the professions located in the ideological complex, in relation to the reproduction of the capital system and the construction of emancipatory processes. For this purpose, a historical-ontological study of the professions was carried out, through a documentary review of other authors who have carried out historical research on education, class struggle, science, social division of labor, the State and the professions, as well as a statistical sample of the current academic offerings in the 'best universities in the world' according to the QS Ranking. The method inspired by Marx and the developments of Georg Lukács are taken up again as a theoretical-methodological basis because they allow us to apprehend the ontological foundations of professions in general, and those with an ideological function. In this way, a historical-ontological analysis is made that evidences that professions appear in history with the first society divided into classes (Egypt) and from there continuities and ruptures are identified that respond to the needs of social reproduction in relation to the mode of production; the economy as the predominant moment. Likewise, it is clear that professions with an ideological function were the first to appear (the profession of scribe in Egypt) and that many centuries later, with capitalism, professions directly imbricated in production are created (especially as intellectual work). Moreover, the contradictory and unequal movement between dependence and relative autonomy is recognized, having as its basis the alternative decisions of singular human beings who, from a range of possibilities given by the social totality, give direction to the partial complexes of the professions. It is with this that we understand the possibilities that professional subjects have to act within class society, particularly in capitalism, as a reflection of the class struggle and of the antagonistic projects of society.

Keywords: Social Function of the Professions. Ideology. Reproduction of Capital. Class society. Education. State.

LISTA DE ABREVIATURAS

Divisão do trabalho	DT
Divisão social do trabalho	DST
Força de trabalho	FT
Modo de produção capitalista	MPC
Posições teleológicas	PT
Posições teleológicas secundárias	PTS
Serviço Social	TS
Valor de uso	VU

SUMÁRIO

1.	INTRODUÇÃO	12
2.	A REPRODUÇÃO SOCIAL E A EMERGÊNCIA DAS PROFISSÕES...	17
2.1.	Trabalho e posições teleológicas secundárias	18
2.2.	A reprodução do ser social como complexo de complexos	29
2.2.1.	<i>Os dois polos da reprodução social: reprodução biológica e totalidade da sociedade.....</i>	
	30	
2.2.2.	<i>Os complexos parciais ou singulares</i>	<i>31</i>
2.2.3.	<i>Os dois polos do ser social: a totalidade da sociedade e o ser humano singular</i>	<i>38</i>
2.2.4.	<i>A continuidade, as tendências e o movimento ascendente do processo de reprodução social</i>	<i>42</i>
2.3.	Origem e desenvolvimento histórico das profissões desde Egito até a Idade Média	45
3.	AS PROFISSÕES E A REPRODUÇÃO DO MODO DE PRODUÇÃO CAPITALISTA.....	59
3.1.	Mercadoria e trabalho	60
3.2.	O processo de produção e reprodução do capital.....	65
3.3.	A relação capital-trabalho: divisão do trabalho e classes sociais no modo de produção capitalista.	75
3.4.	Particularidades das profissões no sistema do capital	80
3.4.1.	<i>Uma aproximação à oferta acadêmica profissional no mundo.....</i>	<i>93</i>
4.	A IDEOLOGIA E AS PROFISSÕES NO SISTEMA DO CAPITAL	102

4.1.	A ideologia como complexo parcial e suas funções na reprodução do ser social	102
4.1.1.	<i>A ideologia em sentido concreto e em sentido estrito, superestrutura e ocupações ‘ideológicas’</i>	106
4.2.	As profissões com funções ideológicas no sistema do capital	110
4.2.1.	<i>Determinações ontológicas das profissões em seu conjunto</i>	111
4.2.2.	<i>Decadência ideológica da burguesia, ciência e vida cotidiana</i>	126
4.2.2.1.	<i>A decadência ideológica da burguesia e a Sociologia das profissões</i>	134
4.2.3.	<i>Espaço de manobra, profissões com funções ideológicas e emancipação humana</i>	139
4.2.4.	<i>Uma aproximação ao Serviço Social como profissão com funções ideológicas</i>	145
A MODO DE CONCLUSÃO: APREENSÕES E CAMINHOS DE ANÁLISES NO ESTUDO DAS PROFISSÕES COM FUNÇÕES IDEOLÓGICAS DESDE UMA ONTOLOGIA HISTÓRICA E MATERIALISTA		150
REFERÊNCIAS		155

SEÇÃO 1

1. INTRODUÇÃO

Delimitar um objeto de estudo parte da base de buscar apreender a realidade como a realidade é, portanto, o processo investigativo não é estático. Ao iniciar o doutorado, o objetivo era analisar o processo histórico do Coletivo ‘Trabalho Social Crítico’ na Colômbia entre 2004 e 2019 na corrente de renovação crítica da profissão e como expressão da luta de classes. No entanto, surgiu a necessidade de aprofundar acerca de profissões que, como o Serviço Social, cumprem funções concretas no complexo ideológico¹.

Deste modo, o objeto que guia essa tese, as profissões com funções ideológicas em relação à reprodução do sistema do capital e à construção de processos emancipatórios, ‘aparece’ depois de um estudo dos fundamentos ontológicos do ser social desenvolvidos por Lukács na sua Ontologia, que permitiram e, de alguma forma, exigiram, realizar apreensões mais gerais e menos concretas, para buscar desvendar as funções que coloca a reprodução social às profissões no geral e, em particular, a aquelas com uma função ideológica, com o propósito de reconhecer as possibilidades e limites destas para realizar ações encaminhadas para a emancipação humana.

Entendemos, então, que toda categoria e complexo social tem uma origem que sofre continuidades e rupturas a partir de múltiplos elementos que respondem à totalidade social como momento predominante, mas também a suas leis e dinâmicas próprias; na base de todo isso se encontram as posições alternativas dos seres humanos singulares que, a partir de diferentes possibilidades, eligem continuamente².

Na primeira parte da Seção 2 ‘A reprodução social e a emergência das profissões’ da tese que agora apresentamos, observamos os postulados de Lukács na sua ‘Ontologia do ser social’, no entanto, parece-nos importante recuperar alguns dos fundamentos teórico-metodológicos do

¹ Na Seção 4 (p. 103-112) aprofundaremos sobre os desenvolvimentos de Lukács acerca da ideologia, apontando que, mesmo que o autor não indica em seu texto (2018) a categoria de ‘complexo ideológico’, a forma como logra captar o movimento real da ideologia na ontologia do ser social nos permite arriscar a categorização da ideologia como complexo parcial.

² Há um estado de fato ontológico: sem reprodução singular não há sociedade, mas sem reprodução da sociedade, da espécie, não há reprodução singular; o singular é a base da totalidade, mas a totalidade social é o momento predominante.

método inspirado em Marx (que Lukács enriquece) para indicar o caminho de análise que recorreremos para apreender o objeto de estudo.

A identidade da identidade e da não identidade permite apreender as continuidades e rupturas que cada complexo parcial tem internamente. Por exemplo, é necessário identificar aquilo que permanece e que se transforma em relação à sua origem. Mas realizar a análise somente a partir disto pode levar a fazer uma abstração gnosiológica que escape do objeto em si mesmo. ¿Como podemos entender esses movimentos internos de continuidade e ruptura do objeto de estudo? A análise histórica nos deixa ver como, onde e quando aparecem profissões que permitem identificar a linha histórica de seu desenvolvimento no Ocidente. Estas surgem em Egito, uma sociedade dividida em classes, com a profissão de escriba, como consequência da necessidade de criar um grupo de especialistas encarregado de transmitir o conhecimento registrado através da escritura. Mas ¿o que impulsionou a necessidade da criação deste grupo de especialistas? Aqui é de grande relevância o que denomina Lukács de momento predominante. Este autor, baseado nos desenvolvimentos teóricos de Marx, explica que a economia é o momento predominante em relação aos outros complexos parciais, e isto por uma razão ontológica (não cronológica nem valorativa): o trabalho, entendido como a relação entre o ser humano e a natureza para satisfazer necessidades, é a base da existência de todo indivíduo singular e, portanto, da humanidade na sua totalidade. A economia é o complexo parcial que se edifica ao redor da supervivência humana, pois o ser social também é um ser biológico. É nesse exato sentido ontológico que a economia é o momento predominante, pois sem comer, dormir, abrigar-se, dentre outros, o ser humano não poderia falar, construir sistemas políticos, criar religiões, estudar na universidade etc.³

Esta clareza leva a ter como foco as formas como a sociedade tem se organizado para sobreviver, e os complexos que têm surgido a partir disto. Assim, não é possível ignorar a sociedade de classes como uma dessas formas de organização socioeconômica que coloca em relevo a

³ Isto não significa que o complexo da economia seja sempre o momento predominante. Na interação entre complexos parciais, a totalidade tem uma prioridade ontológica e, ao mesmo tempo, a economia imprime uma direção aos demais complexos parciais. No entanto, ao analisar os elementos internos de um complexo, podem-se apreender diferentes momentos predominantes. Por exemplo, na linguagem, Lukács assinala que, na relação entre individualidade e generalidade, esta última compõe o momento predominante, pois é a que exige a criação da linguagem para garantir a continuidade social. O importante é compreender que a fetichização de uma autonomia absoluta dos complexos parciais parte da reificação do mundo econômico objetivo que não permite ver que este é a síntese legal de posições teleológicas singulares. A riqueza e a fortaleza dos complexos parciais residem nas reações concretas frente ao desenvolvimento econômico, na realização do que lhe é demandado socialmente, e na oposição às suas tendências concretas. Igualmente relevante é compreender que não se pode fazer uma derivação mecânica-gnosiológica das conexões entre complexos parciais, e entre estes e a totalidade social. Por isso, sempre, os estudos concretos são necessários.

contradição do desenvolvimento econômico: um grupo social que não tem que trabalhar e pode criar produtos de tipo material e espiritual, e outro grupo social que não pode aceder a este tipo de produtos porque deve trabalhar para assegurar a sobrevivência de toda a sociedade. Sem ânimo de ser simplistas, o que procuramos mostrar é que a existência de duas classes antagônicas obriga à classe dominante a se organizar de certa maneira para assegurar sua sobrevivência e a reprodução de seu modo de vida. A criação das profissões responde a esta necessidade.

Porém, a redução da análise de um objeto de estudo à economia também se torna um obstáculo para apreender seu real movimento. Se entendemos a essência como a base econômica, podemos observar que tanto essência quanto mundo fenomênico, existem na realidade e tem uma identidade da identidade e da não identidade: ambas brotam de posições teleológicas (PT) singulares, que põem objetivamente essência e fenômeno, e ao mesmo tempo, se diferenciam cada vez mais na medida em que as series causais postas em movimento se tornam complexos independentes e particulares. É por esta razão que entendemos às profissões como complexos parciais independentes que são impulsionados, ao final, pelas necessidades do desenvolvimento econômico.

Isto não pode entender-se como uma oposição entre base econômica, como se fosse a essência, e a superestrutura, como se fosse o fenômeno, pois o fenômeno brota do ser da essência (a economia como momento predominante), e ambos os dois aparecem como uma unidade na ação imediata dos seres humanos singulares, isto é, o mundo fenomênico não significa aparência, mas uma parte da essência. A necessidade de ter esta claridade deriva de reconhecer como as profissões brotam da essência, sem realizar uma identificação ou redução com esta, e assim evitar cair em um determinismo econômico que não apreende as mediações entre essência e superestrutura.

É com estas pressupostos que definimos as profissões, no geral, como um grupo de especialistas que tem em sua base a formação em um campo específico de conhecimento. Com o passar do tempo, estas têm sofrido diferentes transformações, produto da necessidade do sistema econômico e social. Na Seção 2 ‘A reprodução social e a emergência das profissões’, podemos ver que estas têm sua origem (Egito, 2450 A.C.- 1069 A.C.) no complexo ideológico devido a que procuravam formar a classe dominante na política e nas artes. Na Grécia e no Império Romano se amplia o espectro, aparecendo o ensino da escritura e a instrução para o trabalho. No feudalismo, criam-se as universidades e se consolida a profissão como atividade social legitimada estatal e

socialmente. Assim, se estabelecem quatro profissões: medicina, direito, teologia e artes liberais (que incluem aritmética, geometria, astronomia, música, lógica, dialética).

Na Seção 3 ‘As profissões e a reprodução do modo de produção capitalista’, apresentamos os fundamentos do modo de produção capitalista desenvolvidos por Marx em ‘O Capital’. Ali podemos identificar que, sem dúvida, é o capitalismo que transforma a estrutura das profissões na sociedade, pois neste se inauguram aquelas que cumprem funções no complexo econômico. Além disso, com o trabalho assalariado, com sua expansão ao nível mundial, seu espaço bem delimitado dentro da divisão social do trabalho (DST), o aumento de sua demanda social, e a ampliação das necessidades de reprodução desta formação social, as profissões mostram um patamar de desenvolvimento superior às etapas anteriores⁴ devido à sua influência e importância como complexo parcial autônomo na vida cotidiana dos seres humanos singulares, que aparece ante eles como realidade inalterável. Nesta mesma linha, a ciência ocupa um papel central na base da formação das profissões, diferente a outras épocas em que a experiência e o conhecimento empírico cumpriam esta função. Igualmente, isto tem levado a que suas relações com o complexo do trabalho sejam cada vez mais mediadas e, portanto, a definir leis e dinâmicas próprias em relação à economia como momento predominante e com os outros complexos parciais.

Foi necessário, para nossa pesquisa, retomar os postulados que surgem da sociologia das profissões e do trabalho, para reconhecer contribuições e equívocos. Isto se desenvolve na Seção 4 ‘A ideologia e as profissões no sistema do capital’, no entanto, é importante reconhecer uma das definições enquanto à dinâmica interna das profissões (que também foi modificada no capitalismo), trazida por Diniz (2001, p. 18 apud Felipe, 2015, p. 10-11):

[...] ocupações não-manuais que requerem funcionalmente para o seu exercício um alto nível de educação formal usualmente testado em exames e confirmado por algum tipo de credencial. Nas sociedades modernas contemporâneas “alto nível de educação formal” significa educação de terceiro grau adquirida normalmente em instituições universitárias, e “credencial” significa geralmente um diploma.

⁴ Já explicava Marx que a análise *post-festum* permite analisar a história da humanidade, pois assim as categorias mostram “[...] os resultados prontos do processo de desenvolvimento” (Marx, 2013, p. 210). É quando estão em uma forma desenvolvida que as categorias se mostram com clareza, e assim é possível realizar a análise de sua forma e de seu conteúdo atual e histórico.

Felippe (2015, p. 11), tomando a Coelho, agrega duas características: “[...] capacidade de autorregulação coletiva e controle do mercado de prestação de serviços, com algum tipo de proteção para os seus membros (um monopólio)”.

Também na Seção 4, buscamos dar conta das determinações ontológicas das profissões. Para isto foi indispensável apreender sua relação com outros complexos parciais, especialmente com a divisão social do trabalho, as classes sociais, a educação, a ciência e o Estado, que cumprem um papel essencial em determinar o espaço de manobra e as possibilidades de ação das profissões. Assim mesmo, aprofundamos na relação entre estas e a economia como momento predominante.

Agora, as funções específicas e concretas de cada profissão somente podem ser apreendidas desde análises históricos concretos, levando em conta o mencionado no parágrafo anterior, além de identificar as necessidades do complexo parcial no qual operam (exemplo: saúde, economia, ideologia, ciência). Ou seja, a totalidade social imprime o rumo às profissões ao respeito da sua função social, mas sua relação é mediada pelos complexos parciais que lhes colocam as tarefas específicas a cumprir.

Isto não nos impediu realizar um estudo mais amplo do objeto, considerando que as categorias de autonomia relativa e espaço de manobra, expostas por Lukács, representam a chave para pensar nas possibilidades concretas e reais das profissões que cumprem uma função ideológica no sistema do capital, tanto na reprodução do modo de produção capitalista, quanto na construção de caminhos para a emancipação humana. Isto será desenvolvido na Seção 4, onde apresentamos os postulados lukacsianos sobre a ideologia.

Por último, queremos assinalar a necessidade de continuar aprofundando em investigações sobre as profissões no modo de produção capitalista, para superar análises, tão divulgados desde a sociologia das profissões, que obnubilam (desde o pessimismo ou desde o otimismo) a real função destas e sua localização dentro da totalidade social.

SEÇÃO 2

2. A REPRODUÇÃO SOCIAL E A EMERGÊNCIA DAS PROFISSÕES

O ser social tem na sua base a reprodução biológica. Este estado de fato ontológico é o ponto de partida, tanto para Marx quanto para Lukács, para compreender a reprodução social. Durante o percurso desta seção e seguindo os postulados de ambos os autores, buscamos expor diferentes relações e categorias que se tornam relevantes para analisar as peculiaridades ontológicas das profissões no geral, e, em particular, aquelas que cumprem uma função ideológica para a reprodução da sociedade como um todo.

Em um primeiro momento se retomam os postulados de Lukács sobre o trabalho como posição teleológica primária, isto é, como aquela relacionada diretamente com a reprodução biológica (relação ser humano-natureza). Para isto se desenvolvem as categorias internas que permitem entender o trabalho como modelo de toda práxis social ou como forma originária da práxis⁵. Este aspecto é especialmente relevante para compreender, seguidamente, outro tipo de atividade humana não relacionada diretamente com o metabolismo com a natureza: as posições teleológicas secundárias.

Tendo como base a pressuposto ontológica de que o trabalho sempre remite além de si mesmo, Lukács é muito claro e insistente na necessidade de entender que, apesar das análises isoladas, necessários para compreender as categorias, o ser social é um complexo de complexos que se relacionam entre si. Eis onde se busca apreender os elementos que compõem a reprodução social, seja qual for a formação social.

Em um segundo momento apresentamos a origem e os desenvolvimentos históricos das profissões no geral desde Egito até o final da Idade Média, reconhecendo a linha histórica que nasce no Ocidente. Sua análise histórico-ontológica permite identificar continuidades e rupturas, para entender, com o suporte de vários autores e autoras, sua função social. Conhecer a origem e o desenvolvimento histórico das profissões nos permitiu aprofundar nas determinações ontológicas das profissões, sua relação com outros complexos parciais, sua função, seu espaço de manobra e as características de sua autonomia relativa.

⁵ Quando Lukács utiliza o termo de ‘modelo’, ao falar do trabalho, refere-se a que, apreendendo suas características e categorias internas, é possível compreender outras práxis sociais. Portanto, em nenhum caso, indica uma construção a priori (gnosiológica) nem do trabalho nem da realidade social.

Eis o fio que guia a análise: as profissões têm sua origem na sociedade dividida em classes e resultam das necessidades deste tipo de sociedade que, por meio da educação, a DST, o Estado, as classes sociais e, posteriormente, a ciência, cumprem uma função concreta na reprodução do todo. Assim, a partir do que Lukács denomina de ‘educação em sentido estrito’⁶, podemos entender a educação de classe própria do escravismo e do feudalismo na qual se inscrevem as profissões. Isto significa que a economia tem uma prioridade ontológica e dá direção às mesmas.

2.1. Trabalho e posições teleológicas secundárias

Entendemos o trabalho como a categoria que possibilita o salto ontológico do ser orgânico ao ser social, que mobiliza esta transição. As demais categorias aparecem quando o salto ontológico já tem se consolidado⁷, em outras palavras, o trabalho tem uma prioridade ontológica dentro da estrutura interna do ser social, pois sem reprodução biológica dos seres humanos não é possível a existência do ser social. Lukács realiza uma ‘abstração razoável’ nos termos de Marx⁸, tomando o trabalho de forma ‘isolada’ para entender sua estrutura interna.

Marx (2013, p. 167) indica duas chaves essenciais. A primeira é que o trabalho, como criador de valores de uso, como trabalho útil, é “[...] uma condição de existência do homem, independente de todas as formas sociais, eterna necessidade natural de mediação do metabolismo entre homem e natureza e, portanto, da vida humana”.

Como segundo aspecto, assinala:

[...] o primeiro pressuposto de toda a existência humana e também, portanto, de toda a história, a saber, o pressuposto de que os homens têm de estar em condições de viver para poder “fazer história”. Mas, para viver, precisa-se, antes de tudo, de comida, bebida, moradia, vestimenta e algumas coisas mais. O primeiro ato histórico é, pois, a produção dos meios para a satisfação dessas necessidades, a produção da própria vida material, e este é, sem dúvida, um ato histórico, uma condição fundamental de toda a história, que

⁶ Compreendida como aquele tipo de educação que responde a interesses particulares em uma formação social particular, diferente da educação em sentido amplo, que abarca todos os processos formativos orientados a preparar os seres humanos para reagir da maneira mais adequada a situações novas e inesperadas. Aprofundamos depois sobre as particularidades do complexo educativo (Seção 4, p. 117-120).

⁷ Isto não quer dizer, como o autor explica insistentemente, que há uma questão valorativa (negativa-positiva) ou uma classificação cronológica, pois se sabe que, simultaneamente com o trabalho, apareceram outras categorias como a linguagem e as relações sociais.

⁸ Metodologicamente, a ‘abstração razoável’ permite tomar um objeto de estudo e realizar generalizações que levem a evitar repetições e a avançar em investigações concretas. Para isto procura-se encontrar as determinações que têm este objeto por meio da identidade da identidade e da não identidade entre sua gênese e seu processo histórico (Marx, 2008).

ainda hoje, assim como há milênios, tem de ser cumprida diariamente, a cada hora, simplesmente para manter os homens vivos (Marx e Engels, 2007, p. 31-32).

A função do trabalho no salto ontológico (processo largo, desigual e contraditório) do ser orgânico ao ser social se entende a partir de duas características essenciais: é resultado da luta pela sobrevivência e suas etapas são produto de sua própria atividade, ‘autoatividade’. É sobre este último aspecto que reside a diferença, pois é por meio do trabalho que o ser social cria suas próprias condições de reprodução, diferente do ser orgânico, determinado biologicamente pelo entorno. Isto não significa que o entorno não tenha influência no ser social, mas que sua resposta ao médio ambiente é resultado da realização de uma posição teleológica.

Devido ao caminho de análise desenvolvido no presente trabalho, faz-se necessário explicitar as diferenças entre **teleologia** e **causalidade**⁹, com o objetivo de realizar uma leitura materialista e histórica do objeto de pesquisa. Isto porque é com a teoria marxiana que se desvanece a concepção da história como teleologia, isto é, que não existem destinos nem objetivos predeterminados na história (seja qual for o nível de ser).

Se observa que teleologia e causalidade são dois componentes existentes na práxis social, mas qualitativa e objetivamente diferentes. Lukács explica que com Marx é possível entender que ambas são opostas, mas dentro de um processo real unitário, onde a essência da causalidade não pode ser tocada, mas se transforma em posta; a causalidade existe como posta o não posta.

Para explicar como essa causalidade se converte em posta, se deve partir da apreensão da dinâmica interna do processo de trabalho, para assim entender como o ser humano produz o novo, algo que não existia na natureza e se converte em um produto social, uma causalidade posta, conformada por categorias que somente pertencem ao ser social; se o trabalho é uma categoria exclusiva do ser social, as categorias existentes em sua dinâmica interna também o são. Isto não significa que o trabalho opera unicamente na causalidade social, pois este tem um vínculo indissolúvel com a natureza.

Lukács assinala que Aristóteles já apontava que o trabalho estava formado por dois componentes: o **pensar** e o **produzir**. Assim, este se entende como um processo que tem como

⁹ A teleologia é uma ‘categoria posta’, isto é, uma categoria que requer ser posta na realidade pelo sujeito que tem consciência, por isso, a teleologia implica uma posição de finalidade e uma consciência que põe fins. Por outro lado, a causalidade é a realidade objetiva que existe independente do sujeito que põe. Lukács diferencia entre causalidade natural, aquela dada pela própria natureza, e a causalidade posta ou social, aquela objetividade criada pela sociedade, isto é, a objetividade social, que também possui uma independência frente ao sujeito que põe.

finalidade a realização de uma posição teleológica (pensar) por meio da transformação da causalidade - posição de cadeias causais - para a construção de meios e produtos de trabalho (produzir).

Hartmann, segundo Lukács, decompõe o pensar em posição de finalidade e investigação dos meios. O ser humano singular que trabalha deseja, por meio do processo de trabalho, produzir um valor de uso (VU) que satisfaça uma ou várias necessidades concretas. Para isto, deve planejar as etapas e ações do processo que lhe permitirão transformar efetivamente a natureza e alcançar seu objetivo, isto é, realizar a posição de finalidade. O processo começa então pelo pensar¹⁰, o que exige a existência da **consciência**¹¹.

No entanto, a **posição teleológica é uma categoria posta**; se o “[...] correto conhecimento das conexões causais [...]” (Lukács, 2018, p. 20) falha, então não é mais uma posição e somente existe como ideia. Para compreender isto, existe uma limitação dialética, um estado de fato: o ‘correto conhecimento das conexões causais’ só se refere ao significado negativo ou positivo da precisa posição teleológica, não se refere ao conjunto das propriedades da causalidade e sua essência, pois seria impossível o avanço do trabalho se fosse necessária uma completa compreensão da causalidade em cada posição teleológica.

No processo descrito até agora pode observar-se que o ser humano singular busca o conhecimento das cadeias causais que lhe permitem realizar a posição teleológica e criar meios e produtos de trabalho (criar algo novo). Deste modo aparecem, para este, diferentes possibilidades de ação. Para Lukács, o paradoxo ontológico entre reflexo e realidade, ilumina a concepção da potência (**dynamis**) de Aristóteles, quem entendeu a qualidade ontológica da posição teleológica: aquilo que não tem potência de existir, não pode ser propriedade de alguma coisa, e aquilo que tem potência de existir, pode o não transformar-se em ato, podendo uma potência ser ou não ser (por exemplo, uma árvore tem a potência de se converter em madeira, mas esta potência pode ser o não

¹⁰ É necessário fazer ênfase em que está se falando de uma abstração do trabalho, tomado como trabalho singular, realizado por um ser humano singular. Os desdobramentos do desenvolvimento das forças produtivas, como a divisão social do trabalho, a separação entre campo e cidade, o trabalho intelectual/manual, o trabalho alienado, entre outros, serão analisados posteriormente na Seção 3 (p. 74-80).

¹¹ Há uma relação paradoxal entre consciência e atividade de autorreprodução: se o reflexo do mundo não aparecesse como independente na consciência humana, o trabalho não surgiria e não teria um desenvolvimento ascendente. Assim, o processo de trabalho, especificamente o reflexo da realidade na consciência do sujeito permite que este se separe do objeto, de seu entorno, pois a realidade somente pode ser reproduzida na consciência, nunca pode ser a realidade em si mesma.

ser, isto é, pode manter seu estado como árvore, ou pode, por meio da ação humana, converter-se em madeira. Por outro lado, a água não tem a potência de converter-se em madeira)¹².

Com esta transição da forma de não ser do reflexo a uma forma ativa e produtiva, se constitui, segundo Lukács, uma forma desdobrada da *dynamis*: o caráter alternativo das posições no processo de trabalho. A **alternativa** é a eleição entre diferentes opções ao ter o reflexo da realidade para a realização da posição teleológica. É quando essa alternativa se torna existente, que o natural é transformado e o produto se torna social. Assim, somente é possível que a causalidade seja posta, quando a alternativa é correta. É por este motivo que Lukács (2018, p. 36) entende que a alternativa é “[...] a categoria mediadora, com a ajuda da qual o reflexo da realidade se torna o veículo do pôr de um existente”. Ou seja, é a categoria mediadora entre o pensar e o produzir.

Dois aspectos fundamentais sobre a alternativa devem ficar claros para entender por que ela é uma categoria fundamental para compreender qualquer práxis social. Por um lado, e tomando o trabalho como modelo da práxis social, observa-se que a alternativa é sempre concreta, o que significa que a decisão sempre se dá dentro de um **espaço de manobra** real e concreto, isto é, em condições concretas determinadas pelo ser social. Por outro lado, a alternativa, ao exigir uma sucessão de passos singulares, tem uma conexão de ‘se... então’. Lembre-se: a posição de finalidade dirige o processo de conhecimento da realidade e da eleição de alternativas.

Para evitar leituras mecânicas, é necessário aqui realizar uma abstração acerca do momento, altamente complexo, da decisão. Sua complexidade radica em dois aspectos que determinam a alternativa: o espaço de manobra e a consciência como órgão da decisão. Sobre o primeiro, Lukács assinala que este não está simplesmente formado pelas condições precedentes, mas também pela proporção das tendências que resultam da totalidade da interrelação dos atos singulares na sociedade¹³.

¹² No processo de trabalho, as matérias primas apresentam este caráter de possibilidade: “Como toda coisa possui várias qualidades e, conseqüentemente, é capaz de diferentes aplicações úteis, o mesmo produto pode servir como matéria-prima de processos de trabalho muito distintos” (Marx, 2013, p. 332). Igualmente, um mesmo produto pode servir como matéria prima de diferentes processos de trabalho, pois as coisas têm muitas propriedades, e, portanto, muitos tipos de aplicações úteis.

Também existe a matéria prima denominada como produto semielaborado o produto intermédio: quando um produto, que já pode estar acabado e pronto para o consumo, pode converter-se em matéria prima de outro produto (a uva para o vinho); ou quando o produto criado somente pode ser utilizado novamente como matéria prima.

Deste modo, “[...] o fato de um valor de uso aparecer como matéria-prima, meio de trabalho ou produto final é algo que depende inteiramente de sua função determinada no processo de trabalho, da posição que ele ocupa nesse processo” (Marx, 2013, p. 333).

¹³ Sobre as tendências na reprodução social se aprofundará posteriormente nesta mesma Seção (p. 41-44).

Acerca da consciência, deve ficar claro que o momento predominante da alternativa é de caráter gnosiológico, pois o trabalho é a mediação entre a necessidade e a satisfação imediata. Lukács (2018, p. 42) explica:

O que é, então, o seu conteúdo ontológico essencial? Soa, talvez, algo surpreendente se, num primeiro enunciado, trazemos à luz como seu momento predominante seu caráter preponderantemente gnosiológico. Obviamente, o primeiro impulso para a posição teleológica é o desejo de satisfazer uma necessidade. Este, contudo, é ainda um traço comum entre a vida animal e a humana. A separação dos percursos apenas se coloca quando entre necessidade e satisfação se insere o trabalho, a posição teleológica.

Portanto, o **ser-precisamente-assim** ontológico do trabalho é o caráter gnosiológico das alternativas, porque implica conhecer a realidade como ela é (opção entre correção e falsidade) e dominar as emoções e o instinto (mediação entre necessidade e satisfação imediata)¹⁴.

Um outro elemento próprio da alternativa é que esta não se esgota nem se elimina com a construção dos meios e produtos de trabalho, com o fim do processo singular de trabalho, pois, na sua essência, é um processo, uma cadeia de alternativas. Isto em dois sentidos. Por um lado, se a alternativa não é correta, pode desencadear outro conjunto de alternativas para corrigir o erro ou simplesmente fazer o trabalho infrutífero. Portanto, Lukács, tomando a Churchill, expõe que, em qualquer práxis social, incluindo o trabalho mais primitivo, através de uma decisão entra-se em um ‘período de consequências’, assim, o processo de trabalho é uma cadeia de alternativas, incluindo os reflexos condicionados¹⁵. Por outro lado, as alternativas devem continuar aparecendo para correções, melhoras, supervisão etc., pois esse existente nunca pode perder suas características, o máximo que o ser social pode alcançar, com o trabalho, é o **afastamento da barreira natural**, mas nunca sua desapareição nem a transformação de suas propriedades (pense-se no ferro e o processo de oxidação).

Isto obriga a retomar a discussão acerca do **espaço de manobra**. Para explicá-lo, Lukács desagrega três categorias: liberdade, determinabilidade e acaso.

Lukács afirma que determinabilidade e liberdade são dois componentes dinâmicos da **alternativa** de qualquer posição teleológica, mas têm sua forma originária no trabalho. A **liberdade** “[...] é aquele ato de consciência de cujo resultado emerge um novo ser por ele posto”

¹⁴ Isto não quer dizer que a forma de conscienciosidad do ser humano primitivo seja a mesma da do ser humano contemporâneo. Este processo é ascendente, como se verá posteriormente (p. 27-44).

¹⁵ Aquelas ações da vida cotidiana que são realizadas sem necessidade de levar a cabo o processo de pensar e foram fixadas pelo indivíduo.

(Lukács, 2018, p. 98). É aqui onde a liberdade tem seu germe ontológico, pois a posição de finalidade é um ato de liberdade, onde um sujeito que pensa (a consciência como órgão), tem a liberdade de decidir qual finalidade quer pôr e, logo, como quer transformar em postas as cadeias causais (vias e meios), ou seja, como quer transformar a realidade. É por isto pelo qual é uma categoria puramente social.

Com este entendimento é evidente que, ao igual que a alternativa, a liberdade não é abstrata, mas possui um caráter concreto, pois: **1)** tem como base “[...] uma decisão concreta entre diferentes possibilidades concretas [...]” (Lukács, 2018, p. 98); **2)** se se considera que a liberdade é o desejo de transformar a realidade, esta última não pode ser eliminada, pois é a finalidade da transformação. Nesse sentido, a liberdade não existe sem a **determinabilidade**, isto é, sem determinações externas e internas concretas que são colocadas pela realidade e que representam o espaço de manobra real onde o ser humano singular pode eleger e agir, algumas vezes com mais, outras vezes com menos restrições.

Esta interrelação entre liberdade e determinabilidade se expressa em vários aspectos essenciais: **1)** a **necessidade** – mediada socialmente – determina diretamente a liberdade; **2)** os meios que oferecem a natureza e o ser social – **objetividade natural e social** – determinam a realização da finalidade, se elege entre as coisas existentes; **3)** o patamar de desenvolvimento da sociedade determina as **capacidades** que cada ser humano singular possui no momento da execução do processo de trabalho¹⁶.

Por último, sobre o **acaso**, Lukács aponta que é intrínseco à natureza por sua essência heterogênea, dinâmica e em movimento; significa aquilo que não se pode prever, incluso quando são apreendidas e explicadas as legalidades dos fenômenos naturais. Portanto, o ser humano que trabalha, no momento do ‘pensar’, deve considerar estes acasos que podem ter um papel negativo ou positivo no processo de trabalho. Positivo, ao promover a produtividade do trabalho, e negativo ao dificultar a mesma. Seu papel é tão importante que: “Mesmo em patamar amplamente elevado do domínio científico da realidade, são conhecidos acasos que conduziram a descobertas importantes” (Lukács, 2018, p. 106).

¹⁶ Isto tem uma relação direta com o nível de desenvolvimento do processo econômico da sociedade, aspecto que será aprofundado posteriormente nesta mesma seção (p. 34-41).

Assim pode-se entender que o momento predominante da liberdade é o livre movimento na matéria¹⁷:

[...] quanto mais adequado é o conhecimento alcançado pelo sujeito das conexões naturais que a cada vez entram em questão, tanto maior é o seu livre movimento na matéria; expresso de outra forma: quanto maior o conhecimento adequado das cadeias causais operantes em cada caso, tanto mais adequadamente elas podem ser transformadas em postas, tanto mais seguro é o domínio do sujeito sobre elas, i.e., a sua liberdade aqui alcançável (Lukács, 2018, p. 100).

É evidente que, se o reflexo foi correto e as condições favoráveis, a eleição da alternativa também foi correta e permitiu que o ser humano singular produzisse um valor de uso. É por isso pelo qual, para Lukács, **dever** (como parte do processo de trabalho) e **valor** (como parte do produto do trabalho) fazem parte do mesmo complexo; em suas palavras:

Pois, tal como o dever como fator determinante da práxis no processo de trabalho apenas pode desempenhar esse papel especificamente determinante porque o obtido dessa maneira é pleno-de-valor para o ser humano, assim seria impossível o valor se tornar realidade em tal processo se não é capaz de pôr, nos seres humanos que trabalham, o dever de sua realização como princípio orientador da práxis (Lukács, 2018, p. 68).

Isto significa que, a partir do dever da realização da posição teleológica, obtém-se algo que é pleno-de-valor.

O **valor de uso** é a forma mais elemental de valor (diferente de outras formas mais complexas como o valor de troca ou os valores éticos e estéticos) e é, no geral, o produto concreto do trabalho¹⁸. Portanto, apresenta dois elementos essenciais: o primeiro é que o valor de uso é a categoria da economia que é comum a todas as formações sociais. Lembre-se o postulado de Marx: o primeiro fato histórico da humanidade é a produção dos bens materiais para a satisfação das necessidades. O segundo elemento tem a ver com o caráter objetivo do valor de uso e sua gênese ontológica.

Em primeiro lugar, entende-se que, como o valor de uso, no geral, é produto do trabalho, este é um produto social, resultado da ação humana. Nesse sentido, é um momento objetivo do ser

¹⁷ A matéria no sentido do objetivo, pois em outro tipo de posições teleológicas diferentes ao trabalho, a forma básica da liberdade se mantém, mesmo que a matéria não seja mais a natureza, mas o próprio ser social.

¹⁸ Marx, retomado por Lukács, apontou que existem coisas que podem ser valores de uso sem tem sido resultado da mediação do ser humano com a natureza, sem haver sido mediadas pelo trabalho. Em O capital (1996a) expõe alguns exemplos como a água, o aire, as selvas virgens etc.

social, seja este consciente ou não. Isto permite entender um segundo aspecto acerca da objetividade do valor de uso: o produto do trabalho: “[...] Torna-se valor de uso na medida em que é útil para a vida do ser humano” (Lukács, 2018, p. 69). Tal como explicava Marx (2013, p. 158): “A utilidade de uma coisa faz dela um valor de uso”.

Então, entende-se que não é o sujeito quem, a partir de sua avaliação subjetiva, do valor ao objeto, este somente o reconhece e o valora em tanto objeto concreto, com suas qualidades objetivas. Assim, por mais vontade que tenha o sujeito de avaliar um objeto como valor de uso, este só pode sê-lo se, objetivamente, tem utilidade para a vida humana. Por outro lado, somente na relação entre posição teleológica e valor de uso, é possível entender a utilidade, ou seja, a utilidade não é da coisa em si, mas da coisa em relação à posição teleológica.

Em terceiro lugar, é somente a partir da realização da posição teleológica, isto é, da produção de um valor de uso, que é possível saber se a alternativa é adequada ao valor, plena-de-valor. Esta apreensão da relação de valor tem um peso importante para entender tanto o trabalho como modelo da práxis social quanto o processo de reprodução social desde uma perspectiva materialista: não são as ideias as que transformam a sociedade, mas os atos (incluindo aqueles que respondem aos câmbios e fenômenos do médio ambiente). No processo de trabalho singular, isto se evidencia em que o conhecimento das cadeias causais, das propriedades dos objetos naturais, da legalidade etc., e a posterior eleição entre alternativas, isto é, o momento do ‘pensar’, não faz com que apareça um valor de uso. Somente a partir do ato de trabalho, da concreta ação sobre a natureza (realização da posição teleológica), é possível que isto aconteça. É por isto pelo qual o valor dirige a alternativa, e não ao contrário. Isto quer dizer que o valor também tem uma estrutura de ‘se... então’ (“[...] uma faca é plena-de-valor se pode cortar bem etc. [...]” (Lukács, 2018, p. 73)) e não uma objetividade absoluta-abstrata; não é um valor de uso em si mesmo.

Com o descrito anteriormente se pode compreender que a dinâmica interna do trabalho tem efeitos no sujeito e na realidade objetiva.

Sobre as consequências no sujeito deve assinalar-se, em primeiro lugar, os efeitos intrinsecamente conectados que são desencadeados a partir do trabalho: o domínio dos afetos e os instintos, e o **surgimento de novas habilidades e capacidades**. Ambos os momentos/processos apresentam uma continuidade, tal como o mesmo processo de trabalho, aparecendo sempre novas formas para dominar o instinto e os afetos, e novas habilidades e capacidades que respondem a novas alternativas e necessidades.

Sobre o **domínio dos afetos e os instintos** no ser humano singular, é necessário apontar que o ponto central é “[...] subordinar sua vontade [...]” (Marx, 1996a, p. 298) à posição de finalidade para a realização com sucesso do trabalho. Aqui aparece com clareza a essência ontológica do dever, ao determinar no sujeito seu comportamento no trabalho e seu comportamento consigo mesmo. Pelo tanto, a objetividade (objeto e meios naturais) é a reguladora do processo, mas o comportamento e as qualidades do sujeito singular que trabalha têm uma influência decisiva no processo de trabalho. Igualmente, Lukács aponta que as modificações do sujeito pelo processo de trabalho não ocorrem no sujeito na sua totalidade, mas nos aspectos que exigem modificações segundo a finalidade concreta. Por último, assinala que a categoria da *dynamis* aristotélica pode explicar a transição entre o instintivo e seu domínio: estas possibilidades ou potências já existiam no ser social, e foram despertadas devido ao processo de trabalho.

Em segundo lugar, Lukács indica a relação **sujeito-objeto**. Já se explicou como a consciência permite que o sujeito se distancie do objeto e o reconheça como diferente. Com isto entende-se que o momento de autocriação – o trabalho – tem um retorno material no sujeito, pois quando o ser humano singular efetua um distanciamento com o objeto, este substitui ou domina os interesses biológicos imediatos por atos de consciência, se transformando a maneira como o ser humano se adapta a seu médio ambiente em relação aos animais, incluindo, claro, a superação ou preservação de movimentos através da acumulação de experiências. É por isto pelo qual Lukács (2018, p. 56, *itálicas do autor*) afirma que “[...] o sujeito apenas se torna sujeito porque executa uma tal mudança em sua atitude para com os objetos (*Gegenständen*) do mundo exterior”.

Agora, sobre os efeitos do trabalho na realidade objetiva, parte-se de que, de forma singular, o ser humano criou algo novo, um produto social. Por outro lado, é necessário sempre levar em conta que, assim como a natureza não tem teleologia porque não há consciência que coloque fins, também não existe teleologia neste novo tipo de causalidade, na causalidade social.

Aquilo permite entender que as necessidades são satisfeitas de forma mediada socialmente, não de uma forma imediata-natural, assim, todo produto novo criado obtém uma nova imediatez. Por exemplo: “Cozinhar ou assar a carne é uma mediação, mas o comer da carne cozida ou assada é nesse sentido igualmente tão imediato quanto o da crua, ainda que esta última seja natural e, a primeira, social” (Lukács, 2018, p. 89). Se se parte deste entendimento, é possível compreender o postulado do materialismo histórico-dialético de Marx e Lukács sobre a consciência

e seu papel no ser social, deixando de ser um epifenômeno ao conferir impulso à realização da transformação da natureza.

Até aqui se seguiram os postulados de Lukács acerca do trabalho singular como uma ‘abstração razoável’. Porém, o autor é insistente em assinalar que esta nova objetividade, a do ser social, apresenta graus de complexidade que não podem apreender-se fazendo uma relação direta com o trabalho simples singular, e que este deve entender-se como base material-ontológica e como modelo da práxis social. É necessário apontar alguns elementos sobre esta discussão, de grande importância para o objeto analisado nesta pesquisa.

Parte-se de que todas as outras práxis sociais estão contidas no trabalho como produtor de valores de uso, por ser ele a mediação entre as necessidades vitais e sua satisfação. Nesse sentido, as categorias estudadas anteriormente são ontologicamente necessárias para o surgimento e a existência do trabalho em sua forma originária, portanto, permitem tomá-lo como modelo da práxis social.

Igualmente, deve analisar-se a identidade da identidade e da não identidade entre o trabalho e as outras práxis sociais (posições teleológicas secundárias (PTS)), segundo o patamar de desenvolvimento do trabalho:

1) “[...] uma práxis apenas é possível como consequência de uma posição teleológica de um sujeito [...]” (Lukács, 2018, p. 41), o que pressupõe um conhecimento (reflexo correto da realidade) e um pôr de cadeias causais (naturais e/o sociais), uma decisão entre alternativas, um dever de realização da posição teleológica dirigido pelo valor e uma posição de finalidade.

2) Do trabalho surgem as outras práxis sociais mais desenvolvidas, mas estas são diferentes a ele, isto é, não são e nunca podem ser a mesma coisa, inclusive, mostram profundas divergências. Nestas, a posição de finalidade está dirigida a outros seres humanos para que executem posições teleológicas, portanto, não age diretamente sobre a natureza, mas sobre a **consciência de outros seres humanos** (grupos ou singulares). De qualquer forma, mesmo que às vezes de forma extensamente mediada, o trabalho é sempre sua ‘finalidade final’.

3) O autor aponta uma diferença essencial que evidencia a complexidade das PTS: no trabalho, o **caráter gnosiológico do ato** se preserva com menos perturbações do que nas posições teleológicas secundárias, porque a relação é com a natureza, que é indiferente e neutra, assim, o ato está dirigido pela posição de valor entre verdadeiro e falso a partir do conhecimento da causalidade, isto é, o conteúdo da alternativa entre correto ou incorreto é determinável

gnosiológicamente de forma pura. Nas PTS, “[...] no objeto da posição de finalidade [...]” (Lukács, 2018, p. 111), o momento predominante é a alteração do ser humano, isto é, fortalecer ou enfraquecer tendências existentes nas consciências dos seres humanos que põem. Portanto, o caráter gnosiológico sofre uma alteração significativa, porque se torna inevitável que os interesses sociais não influam no pôr da realização das cadeias causais.

Isto é observado de maneira contundente na relação finalidade-meio, pois o conteúdo muda quando “[...] a posição de finalidade é o resultado de alternativas surgidas humano-socialmente” (Lukács, 2018, p. 112). Nesse sentido, a contradição entre posição de finalidade e meio tem que agravar-se, iniciando com a adequação dos meios à finalidade, onde aparece uma diferença muito grande entre as duas práxis, pois nas PTS as cadeias causais têm a ver com seres humanos que podem tomar decisões entre alternativas (incluindo a indiferença, que pode considerar-se uma posição consciente). Assim, estas alternativas são por princípio não homogêneas e com ininterrompidos câmbios (na natureza não há câmbios nas propriedades). Isto leva a altos graus de insegurança sobre o conhecimento causal. Igualmente, é evidente que as alternativas aumentam em sua amplitude e profundidade com o aumento da socialidade da sociedade.

O autor afirma que, inclusive, é mais importante considerar a “[...] possível contraditoriedade entre posição de finalidade e os efeitos duradouros dos meios [...]” (Lukács, 2018, p. 112), levando em conta que as motivações éticas e morais dos seres humanos singulares são momentos reais que se tornam mais ou menos operantes em complexos sociais unitários e contraditórios. São estes complexos sociais que determinam a idoneidade e os efeitos duradouros dos meios.

4) Tanto o trabalho quanto as PTS são relações de **dever**, atos determinados pelo futuro posto teleologicamente, o que não pode levar a fazer uma relação imediata entre as diferentes formas do dever.

5) Um outro elemento refere-se à **liberdade**. Se se leva em conta que o trabalho é o modelo da práxis social, entende-se que nas PTS também existe uma relação intrínseca entre liberdade e determinabilidade, onde, para ter sucesso na realização da posição teleológica, o ser humano que age deve conhecer corretamente as cadeias causais, no entanto, ao considerar que “[...] o objeto e *medium* da realização na posição teleológica se tornam sempre mais sociais [...]” (Lukács, 2018, p. 110, *italico do autor*), podem-se observar diferenças decisivas, por um lado, intenções mais sociais e misturadas, por outro, o andamento de cadeias causais obedece ao conhecimento sobre a

segunda natureza¹⁹. Deste modo, aparece aqui um novo tipo de liberdade, influenciada por um momento completamente novo no complexo da práxis: a intervenção no decurso social.

6) No entanto, o autor aponta que, mesmo a liberdade espiritual mais elevada, deve ter o mesmo conteúdo e os mesmos métodos encontrados no trabalho em relação aos **efeitos no sujeito**: o domínio do meramente biológico e da singularidade particular do indivíduo. Isto não significa ignorar que os comportamentos do ser humano singular estão determinados pelo objeto e os meios, radicalmente diferentes nas PTS.

O desenvolvido até agora permite continuar a análise sobre a reprodução social, assunto extremadamente complexo devido às conexões e movimentos desiguais e contraditórios que permitem a reprodução da sociedade e dos indivíduos nela.

2.2.A reprodução do ser social como complexo de complexos

Lukács aponta elementos essenciais sobre este processo; para efeitos da sua exposição, parte-se da apreensão daqueles que compõem a própria reprodução social em sua totalidade: os dois polos que a conformam (a reprodução biológica e a totalidade da sociedade), os complexos parciais dentro do complexo como um todo e os dois polos do ser social (o ser humano singular e a sociedade).

Por último, traem-se os postulados do autor baseados em uma constatação: as categorias mais fundamentais da vida socioeconômica têm uma dupla tendência imanente: a tendência a se reproduzir ininterrompidamente, e, dentro desta reprodução, a tendência a sua intensificação. Ambas as tendências estão marcadas pelo processo dialeticamente contraditório de desenvolvimento. Assim, a reprodução social, e as categorias próprias do ser social, são entendidas como processo de continuidade e de movimento ascendente (ser-em-si, ser-para-si, tornar-se-mais-social do ser social, domínio cada vez maior das categorias sociais). Este aspecto demarca a origem e desenvolvimento das profissões, pois constituem complexos parciais que respondem a um desenvolvimento social cada vez mais afastado da barreira natural.

¹⁹ Com o desenvolvimento do processo econômico aparece ante os seres humanos uma realidade que se comporta de forma similar à natureza, isto é, tem leis e determinações que existem e funcionam independentemente da vontade e das alternativas dos seres humanos singulares, é isto o que Lukács chama de ‘segunda natureza’ e será aprofundado nos seguintes apartados (p. 27-44).

2.2.1. *Os dois polos da reprodução social: reprodução biológica e totalidade da sociedade*

Ao analisar os seres vivos desde uma abordagem ontológica, é possível fazer gradações ontológicas entre os níveis de ser (inorgânico, orgânico e social)²⁰ e identificar neles a tendência geral à independência do novo ser em relação ao anterior. Deste modo, as categorias do novo ser (neste caso, o ser social) também podem analisar-se sob a lupa das gradações ontológicas. É assim como Lukács apresenta uma gradação entre os **dois polos da reprodução social: a reprodução biológica e a totalidade da sociedade**, caracterizados ao mesmo tempo pelos **dois polos do ser social: o ser humano singular e a totalidade da sociedade**.

Para entender isto (a gradação ontológica ao interior do ser social) e partindo de uma análise da identidade da identidade e da não identidade entre a reprodução do ser biológico e do ser social, deve apontar-se um estado de fato ontológico, a saber, que tanto no ser biológico quanto no ser social, o momento predominante é a **reprodução biológica** devido à inexorabilidade da vida biológica como estrutura fundamental de todo ser vivo.

Em seu processo de reprodução, o ser social não elimina os momentos biológicos, mas eles vão se tornando mais mediados socialmente, sendo os momentos sociais os dominantes ao conduzir o processo da reprodução. Isto é possível porque as tendências biológicas são o ponto de partida para criar reações mediadas socialmente, isto é, a sociedade é o *medium* na relação entre o ser humano singular e a natureza, pois qualquer reação do ser humano singular frente à natureza e seus câmbios já não é mais uma reação que surge imediatamente, mas que é socialmente regulada.

Isto significa que a existência do ser humano como ser biológico é ao mesmo tempo:

- A constante criação do novo por meio da transformação da causalidade em causalidade posta (o trabalho como base ontológica).
- A retroação do ambiente auto-creado sobre seu próprio criador (humanidade e ser humano singular).
- **O tornar-se dominante do caráter social** (um social cada vez mais puro) no processo de reprodução do ser social.

²⁰ Em contraposição a gradações de valor ou gradações lógico-abstratas, que não reconhecem os níveis de ser desde um ponto de vista materialista-ontológico, isto é, desde a realidade material do próprio ser.

É assim como se torna necessária a criação de “[...] sistemas de mediações (complexos) para realizar estas alterações e para ancorá-las na realidade como dinamicamente funcionantes” (Lukács, 2018, p. 205), isto é, os complexos parciais, analisados como se segue.

2.2.2. *Os complexos parciais ou singulares*

Lukács expõe que todo nível de ser deve ser considerado como um **complexo de complexos**²¹. Mas este somente pode funcionar como tal devido aos complexos parciais que se originam nele e permitem sua real existência dinâmica. Esta relação dialética entre o complexo como um todo e os complexos parciais deve ser entendida tanto desde os fundamentos ontológicos, quanto desde as particularidades históricas, que permitem apreender o movimento real da reprodução, neste caso, do ser social. É por este motivo que se considera que as contribuições deste autor desde o ponto de vista ontológico subsidiam as análises de fenômenos particulares como os tratados no presente trabalho: um tipo específico de práxis humana.

Parte-se do entendimento que dentro do **complexo como um todo** (*Gesamtkomplex*) o do “[...] complexo total da sociedade como um todo [...]” (Lukács, 2018, p. 200) se desenvolvem os complexos parciais como mediações que permitem assegurar o **processo de reprodução social como um todo**²².

Para que este processo possa existir efetivamente na realidade, Lukács (2018, p. 120) explica que somente pode fazê-lo desdobrando-se da interrelação entre os complexos parciais, e entre eles e o complexo como um todo, mas que, além disso, neste “[...] sistema multifacético [...]” de relações, a **reprodução do todo** (ou a reprodução da totalidade) é o momento predominante. Isto significa que existe uma necessidade primordial, a reprodução do todo, que leva à existência de necessidades sociais concretas que só podem ser satisfeitas por meio da criação de complexos parciais, e, ao mesmo tempo, que nestas interrelações não poderia desdobrar-se o processo de reprodução (existe uma tendência para o movimento ascendente permanente do tornar-

²¹ Complexo no sentido de possuir unas categorias essenciais e específicas que se relacionam no interior e são determinadas pela qualidade desse nível de ser.

²² Também nomeado por Lukács (2018) como “[...] reprodução como um todo [...]” (p. 136, 257), “[...] processo de reprodução como um todo da sociedade [...]” (p. 295), “[...] processo como um todo [...]” (p. 127, 199, 227, 228, 249), “[...] processo de reprodução em sua totalidade [...]” (p. 227).

se-social do ser social e a função dos complexos parciais é realizar e ancorar este processo na realidade social).

Disto deriva-se uma questão altamente complicada, a saber, a independência ou **autonomia relativa** e o **espaço de manobra** (limites e possibilidades de agir) de um complexo parcial em relação ao todo e com os outros complexos parciais no processo de reprodução.

Lukács é insistente ao assinalar os erros de adjudicar uma autonomia absoluta a algum complexo, especialmente porque é uma análise ‘desencaminhadora’ que conduz a sua fetichização e, portanto, cancela a possibilidade de entender seu real funcionamento. No entanto, entende-se que qualquer complexo parcial precisa de uma autonomia relativa em relação ao todo e com os outros complexos parciais; esta é uma necessidade ontológica para seu funcionamento e para satisfazer as necessidades do processo como um todo. Para que isto se efetive na realidade, cada complexo parcial possui uma legalidade e unas categorias internas próprias.

Enquanto à legalidade, observa-se que um complexo tem **leis internas** que lhe permitem seu funcionamento. Pode-se pensar no complexo da **linguagem**, trazido por Lukács como exemplo. Mesmo que este responde ao que é exigido pelo processo como um todo, só pode ser funcional se tem uma estrutura coerente (construção de frases e palavras, utilização das letras, gramática, configuração dos diferentes idiomas etc.) que permita, neste caso, cumprir a função da comunicação entre seres humanos.

O mesmo ocorre com as **categorias internas**. A reprodução dos complexos parciais depende da reprodução (continuidade e descontinuidade) de suas categorias em quatro aspectos: o surgir, o superar, o conservar e o renovar constante; mas as formas e conteúdos deste processo estão sempre determinados pela **totalidade social**. Isto quer dizer que, tanto as categorias, entendidas como “[...] formas de vida, determinações de existência [...]” (Marx, 2008, p. 265), quanto as interrelações entre elas, dependem do “[...] ser-precisamente-assim da totalidade daquele ser social em que estas legalidades concretas são, no momento, operantes” (Lukács, 2018, p. 268).

A determinação do processo de reprodução como um todo sobre as formas e conteúdos de cada complexo parcial não pode entender-se como uma fórmula. Somente a análise concreta particular de cada um pode indicar como e em que medida se desenvolve esta relação de determinação, a partir da **função e o lugar que ocupam na totalidade social** respectiva, sempre em relação às “[...] categorias do conhecimento da realidade [...]” (Lukács, 2018, p. 175): genericidade, particularidade e singularidade. Por exemplo, ¿qual é a função do complexo da divisão

social do trabalho na totalidade? ¿É este complexo existente ou não em todas as formações sociais? ¿Está ou não presente de maneira permanente na vida cotidiana de todo ser humano singular? Ou o Direito, ¿qual é sua função no processo de reprodução? ¿Surge e se desenvolve em uma sociedade dominada por uma classe ou grupo social particular? Ligado a isto, o lugar que ocupam também deve analisar-se sob a mirada das interrelações entre os complexos parciais, por exemplo, ¿a linguagem se interrelaciona com todos os complexos parciais ou somente com alguns em particular? ¿Quais são e como se dão as interrelações entre a religião e outros complexos? Etecétera.

Igualmente, devem levar-se em conta as interrelações entre a **espontaneidade e a participação consciente** na vida de um complexo. Isto aponta a um fato que se desprende da compreensão do trabalho como modelo da práxis social: todo complexo parcial é uma **síntese de posições teleológicas singulares** que têm, sempre, um caráter alternativo, portanto, o processo de gênese e desenvolvimento de qualquer complexo (assim como da própria reprodução social, como veremos posteriormente nesta Seção) é desigual, pois se configura a partir da forma como cada ser humano singular responde às necessidades colocadas pela realidade: aceitação, negação, criatividade etc.

No entanto, aquelas reações podem ter principalmente um caráter espontâneo ou um caráter de participação consciente, o que determina o espaço de manobra e a autonomia relativa dos complexos parciais. Para apreender estes elementos, Lukács expõe, dentre outros, dois complexos: a linguagem e o Direito ou complexo jurídico.

Segundo o autor (2018, p. 169), “[...] Engels liga corretamente o surgimento da linguagem ao do trabalho e constata igualmente corretamente, que ela tem de surgir quando os seres humanos têm algo dizer um ao outro [...]”²³, com uma dupla dialética: **1)** com a descoberta do novo por meio do trabalho, com o conhecido, aparece a necessidade de comunicar os conteúdos da consciência; **2)** a consciência em seu ser-em-si está ligada e emerge no cérebro de um ser singular, mas o ser humano “[...] permite que a linguagem se realize, cria ele um *medium* do contato humano no nível da nova generidade” (Lukács, 2018, p. 170, *itálicos do autor*). É por isso que também se constitui em órgão e medium da continuidade social.

Igualmente, Lukács entende a linguagem como o órgão que cumpre a função mais importante para as PTS. Assim, cada tipo de divisão social do trabalho exige um *medium* de

²³ Erro da edição.

comunicação, a linguagem. Com o desenvolvimento ascendente do trabalho e da divisão social do trabalho, também se desenvolve ascendentemente a linguagem: “O crescente domínio do ser humano sobre a natureza se expressa, portanto, imediatamente também em quantos objetos e relações ele é capaz de nomear” (Lukács, 2018, p. 119).

No sentido da generidade e a não mudez do gênero, então, a linguagem, considerada como um todo, tem um tipo de essência surgido na espontaneidade, pois é a fixação do desenvolvimento social, que é espontâneo e que emerge espontaneamente das necessidades da vida cotidiana, portanto, não precisa de um grupo particular de especialistas ‘institucionalizados’ na divisão social do trabalho²⁴, devido a que pertence à sociedade em sua totalidade.

O **complexo da regulação das atividades sociais**, que logo foi se transformando no **complexo jurídico** como hoje o conhecemos, apareceu desde o nível mais baixo da divisão social do trabalho, a cooperação simples ou caça, e tinha como função influenciar aos indivíduos para que realizaram as posições teleológicas designadas, pois, mesmo que existisse uma ampla igualdade de interesses, existiam oposições individuais. Esta função podia ser cumprida por diferentes membros da comunidade sem necessidade de um espaço específico na divisão social do trabalho, através da tradição, traçada pela recollecção de experiências, isto é, ações de caráter espontâneo a partir das necessidades do desenvolvimento econômico; era isto o que dava conteúdo e forma a este complexo.

Já a partir da escravidão, ou seja, da primeira divisão da sociedade em classes, apareceram outros conflitos sociais e a necessidade de uma “[...] jurisdição conscientemente posta, não mais meramente transmitida tradicionalmente [...]” (Lukács, 2018, p. 183), isto é, o complexo do **Direito**, que foi modificando-se até chegar ao Direito moderno.

Aqui, como na linguagem, o espaço específico de especialistas na divisão social do trabalho aparece posteriormente, assim, um grupo de pessoas se converte, socialmente, no portador deste complexo particular. Simultaneamente, emerge um grupo social que tem a função de impor com violência as posições de finalidade desse complexo” (Lukács, 2018, p. 183).

²⁴ Isto não quer dizer que não existam pessoas especializadas que têm como objeto de conhecimento a linguagem, suas regras e transformações, no entanto, a linguagem pode existir e, de fato, existe, sem a mediação daqueles especialistas. Pense-se na linguagem popular, expressões cotidianas que não têm sido ‘aceitas’ pelos expertos e não aparecem nos dicionários, mas são usadas porque respondem à necessidade de comunicar algo concreto. Igualmente, estes especialistas, à medida que vão se formando para tal fim, também cumprem uma função importante na ‘institucionalização’ da generalização das palavras, o acordo acerca de significados, e, no geral, a sistematização das regras da linguagem.

Por último, é necessário retomar o mencionado por Lukács acerca de que todo complexo parcial é **síntese de posições teleológicas singulares**, de caráter espontâneo e de participação consciente. Isto determina a dinâmica interna de cada complexo e auxilia a análise para observar limites e possibilidades (espaço de manobra). Com tudo, não podem realizar-se leituras mecânicas ou simplificadoras, para isto, é necessário levar em conta que: **1)** a reprodução social se realiza, por último, nos atos singulares; **2)** estes somente se realizam se se articulam aos complexos parciais; **3)** já existentes, estes complexos obtêm uma dinâmica própria e operam independentemente da consciência dos seres humanos singulares; **4)** e, ao mesmo tempo dão impulso às decisões alternativas.

É por isto que as **interrelações entre complexos** só são possíveis através da **práxis singular** (a **consciência** como *medium* imediato das mesmas); e paralelamente, a consciência sofre alterações na medida em que o ser humano singular se relaciona com complexos que são importantes em sua vida cotidiana²⁵.

Por outro lado, para que estas interrelações se tornem efetivas na realidade social concreta, a **divisão social do trabalho** joga um papel fundamental ao criar formas de mediação entre estes, dando tarefas e estruturas internas específicas, incluindo os grupos de **especialistas**, cuja função é estudar esse complexo (os complexos parciais se tornam objetos de conhecimento) e ‘administrá-lo’ (esta é, evidentemente, a condição essencial para a existência das profissões). Estas, por sua vez, só podem existir porque “[...] em todas as esferas da produção cada um pode se abastecer (reproduzir) de produtos imediatamente necessários à vida sem ter produzido por si mesmo todos esses produtos [...]” (Lukács, 2018, p. 121), isto é, porque a sociedade começa a ter uma produção excedente²⁶.

É visível então que os complexos não são estáticos, têm uma dinâmica interna que responde à dinâmica da totalidade social, portanto, são susceptíveis a transformações, que não podem acontecer sem uma correspondência com suas leis internas de funcionamento.

Para apreender esta relação entre o que permanece e o que se transforma, é necessário observar a identidade da identidade e da não identidade entre as origens e os movimentos sócio-históricos de cada complexo parcial. Observe-se que estes movimentos internos, a partir de leis e

²⁵ E estes atos singulares, obrigatoriamente, são exteriorizados na vida cotidiana.

²⁶ Veremos posteriormente (Seção 4, p. 113-117), que a partir do momento em que a sociedade começa a ter um excedente econômico em suas formas produtivas, aparece o complexo das classes sociais, que tem em sua base a exploração de um grupo de seres humanos sobre outro.

categorias próprias, respondem sempre a necessidades sociais concretas, colocadas pela reprodução como um todo. Igualmente, respondem à interação e interrelação com os outros complexos parciais.

No entanto, Lukács adverte que, para entender o funcionamento real e a dinâmica de reprodução dos complexos parciais, não é suficiente descrever as interrelações entre eles. Para isso é necessário, sempre, encontrar o **momento predominante** na interação específica:

Pois apenas este — admissivelmente, não apenas seu operar, mas ao mesmo tempo, com isso, as resistências com que se choca, que ele próprio desencadeia etc. — confere à interação, estática apesar de toda mobilidade parcial, uma direção, uma linha de desenvolvimento (Lukács, 2018, p. 203).

Na interrelação entre complexos, o **complexo da economia** é o momento predominante, isto é, tem uma prioridade ontológica sobre os outros. Para compreender este postulado, é necessário lembrar aquilo que tem sido colocado até agora acerca da reprodução biológica e o trabalho: **1)** sem reprodução biológica dos seres humanos não é possível a existência do ser social; **2)** o trabalho é a gênese ontológica do ser social ao constituir-se na práxis que media o metabolismo do ser humano com a natureza para assegurar esta reprodução; **3)** a partir do trabalho, a reprodução social tem um desenvolvimento ascendente em relação às categorias sociais, que se tornam dominantes sobre as naturais.

Com isto, entende-se a economia como um “[...] sistema dinâmico [espontâneo] de todas as mediações que constitui a base material para a reprodução do gênero humano e de seus exemplares singulares” (Lukács, 2018, p. 25). É necessário aqui acompanhar com um pouco de detalhe o desenvolvido pelo autor, sempre baseado na teoria marxiana.

Uma das chaves importantes para entender este elemento do momento predominante da economia, é que este não é uma abstração lógica, mas que responde ao movimento do real, portanto, não se pode fazer um “[...] nivelamiento intelectual [...]” (Lukács, 2018, p. 220) nem da “[...] porção de efetividade da influência dos complexos que entram em interação [...]” (Lukács, 2018, p. 220) nem do papel concreto do momento predominante. Isso também não pode levar à conclusão de que qualquer desenvolvimento nestes complexos possa ser derivado a partir da economia de uma forma simplificada.

De igual forma, é possível abstrair o momento predominante na relação entre os elementos internos de cada complexo parcial e assim observar como e por que se dão suas transformações,

isto é, qual é o elemento ou elementos categoriais que lhe imprimem nesta direção de desenvolvimento.

Observe-se, por exemplo, o complexo da linguagem, que satisfaz, por meio de sua organização interna, das necessidades sociais colocadas ‘externamente’, contraditórias em uma unidade dialética: por um lado, as palavras que surgem da vida cotidiana que são generalizadas; por outro, as mudanças nos significados de palavras existentes, junto com a criação de novas palavras para definir o individualizante. Lukács aponta que o momento predominante nesta relação é a generalidade. Isto porque a continuidade que caracteriza ao ser social (sempre na dialética do preservar e do avançar), apenas pode impor-se quando os momentos da práxis da objetividade, são preservados também subjetivamente, na consciência, e quando há um movimento para o ser-parasi. Ou no caso do **processo produtivo**: na relação entre produção, troca e circulação, o momento predominante é a produção, pois “[...] elas apenas podem ser transformadas socialmente-como-um todo, com o tornar-se-outro da produção, da estrutura social” (Lukács, 2018, p. 287).

É necessário evidenciar um outro aspecto ontológico dos complexos parciais: o ser social os determina de forma predominantemente funcional, mas não coloca “[...] limites precisamente determináveis do seu ser” (Lukács, 2018, p. 180). Ou seja, qualquer complexo é precisamente determinado pela função que o ser social lhe assigna, no entanto, esta função responde às necessidades da reprodução do todo, que está em constante modificação. Isto mostra que a **vida de um complexo social é a reprodução de suas categorias internas**.

Observe-se então que as mudanças da estrutura e da dinâmica da sociedade determinam os momentos de cada complexo e que, ao mesmo tempo, estes momentos não são meros períodos, mas estão constituídos por continuidades e descontinuidades, por elementos do preservar e do superar. Igualmente, é **a sociedade a que determina tanto a gênese quanto o possível fenecimento ou a operatividade permanente de cada complexo parcial**. No entanto: “Todo enfático ‘como’ de sua realização é uma questão do desenvolvimento futuro concretamente não previsível” (Lukács, 2018, p. 196).

A apreensão dos principais elementos desvendados por Lukács acerca dos complexos parciais permite abordar com detalhe os dois polos do ser social (a totalidade da sociedade e o ser humano singular), em relação com um outro aspecto ontológico da reprodução social: as relações entre o **acaso (casualidade)** e a **necessidade/legalidade social**. Isto porque, segundo o autor, das

interrelações legais e casuais entre complexos parciais no todo emergem ambos os polos, como veremos no seguinte apartado.

2.2.3. Os dois polos do ser social: a totalidade da sociedade e o ser humano singular

A relação acaso-necessidade está entrelaçada à discussão acerca do **espaço de manobra** e a **liberdade** de agir dos seres humanos singulares ou grupos sociais na totalidade social ou em algum complexo parcial, tendo como princípio o postulado de Marx: “Os homens fazem a sua própria história, mas não a fazem segundo a sua livre vontade; não a fazem sob circunstâncias de sua escolha e sim sob aquelas com que se defrontam diretamente, legadas e transmitidas pelo passado” (Marx, 2003, p. 7)²⁷.

Igualmente, nesta discussão se esboçam alguns pontos chave em relação à personalidade e a individualidade consciente, o componente genérico no ser humano singular, a não mudez do gênero e a generidade, e a liberdade, para abrir o caminho para o debate acerca do movimento ascendente do ser social e a tendência do ser-em-si ao ser-para-si, que será ampliado no apartado seguinte).

A **legalidade** no ser social refere-se às leis processuais da objetividade que, tal como a natureza orgânica, possuem um funcionamento próprio. Isto sem ignorar que as interrelações, transformações e novas conexões do ser social preservam as legalidades dos seres anteriores (orgânico e inorgânico). Para compreender as transformações das legalidades e as necessidades no movimento histórico do ser social e seu verdadeiro lugar ontológico em relação aos dois polos do ser social, é necessário deter-se no movimento ascendente do **desenvolvimento econômico**.

Lukács afirma que a esfera ou **complexo da economia** expressa de forma mais evidente o caráter de legalidade (segunda natureza) dos eventos no ser social, pois ao permitir o conhecimento das legalidades da natureza para utilizá-la como meio para a vida, este amplia suas formas de movimento, criando um sistema próprio de legalidade. Isto indica que neste complexo existe uma “[...] inexorável heterogeneidade das encontráveis conexões racionais, legais, de uma com a outra [...]” (Lukács, 2018, p. 224) que é muito mais incisiva do que no mundo natural porque já o trabalho (como “[...] fenômeno originário da economia [...]” (Lukács, 2018, p. 224)) põe em

²⁷ A discussão sobre o espaço de manobra do complexo parcial das profissões será aprofundada na Seção 4 (p. 142-152).

andamento processos puramente sociais e totalmente diferentes aos naturais. Esta heterogeneidade dos componentes técnicos (legalidade natural) e econômicos (legalidade social) conformam a unidade ontológica do processo e do produto do trabalho, seu ser-precisamente-assim, sempre a partir do operar-conjunto e das proporções particulares (nunca homogêneas nem resultado de simples somatórias) de ambas as legalidades no processo concreto de trabalho.

Esta heterogeneidade é muito mais marcada com o desdobramento social do trabalho, ao se fortalecerem ambos os componentes. Assim, com seu crescimento cada vez mais pronunciado e com a qualidade mais complicada de uma formação social ou processo, é mais pronunciada a prioridade ontológica do ser-precisamente-assim de ambos os componentes ante as legalidades singulares que possibilitam sua existência. Isto permite entender que processos, conexões, relações “[...] extremamente similares podem ter consequências absolutamente opostas [...]” (Lukács, 2018, p. 225) e que, portanto, seus decursos legais dependem menos de suas propriedades do que da função que devem realizar, exigida pelo ser-precisamente-assim do respectivo complexo.

A discussão fundamental tem a ver com o processo de surgimento da socialidade como processo que foi de um tipo de ser de qualidade simples a um tipo de ser mais complicado. Para entender este desenvolvimento, interessa observar o percurso daqueles “[...] elementos categoriais da estrutura da socialidade [...]” (Lukács, 2018, p. 256) que estão desde o início, mas de forma isolada e dispersa, e vão se multiplicando, tornando-se mais mediados, e se conectando através dos complexos parciais, permitindo o surgimento de níveis determinados de desenvolvimento.

Para fazer a descrição dos princípios ontológicos desse desenvolvimento, deve ser levado em conta um ponto de vista unitário: **1)** dirigir a análise à totalidade da sociedade porque nela as categorias desvelam sua essência verdadeira; não isolar os complexos parciais; **2)** no centro da análise “[...] devem estar o surgir e o transformar das categorias econômicas [...]” (Lukács, 2018, p. 257), pois é o crescimento das **forças produtivas** (desenvolvimento socioeconômico) o que gera, sempre e em qualquer lugar, e por meio da reprodução para níveis superiores, a estrutura e dinâmica do ser social, cada vez mais puras e mais exclusivamente sociais.

Esta legalidade social que se apresenta como segunda natureza, configura um tipo de **casualidade ou acaso: a relação entre a lei geral e o ser humano singular**. O outro tipo de casualidade identificado por Lukács é aquele relacionado com o **nascimento** de cada ser humano singular no sentido biológico; esse nascimento média a relação casual desse indivíduo com a

situação social onde nasce, sem poder eleger ela (aqui se entrecruzam as condições físicas com as condições sociais).

Este último tipo de casualidade remite ao ser biológico do ser humano, que apresenta um caráter de casualidade na relação entre o ser-precisamente-assim de suas condições físicas e o espaço de manobra social para o desenvolvimento de sua individualidade. Assim, a “[...] vida de cada ser humano singular é precisamente o que ele é capaz de colher, enquanto ente social, das suas dadidades psicofísicas [...]” (Lukács, 2018, p. 291), pois a casualidade destes componentes ontológicos (o ser social e o ser biológico) coloca a cada ser humano singular o desafio de realizar sua individualidade, que não pode nunca significar a renúncia ou a rejeição dos componentes biológicos, mas a consideração das possibilidades derivadas dos mesmos, lembrando que a sociedade é o *medium* na relação ser humano-natureza. Deste modo, com uma apreensão cada vez maior deste estado de fato ontológico do ser social (o ser-precisamente-assim do componente social e do componente biológico), expressam-se tendências do movimento ascendente nos dois polos do ser social: na totalidade da sociedade, em relação à generidade e a não mudez do gênero, e no ser humano singular, em sua individualidade consciente.

É por isto que, para Lukács (2018, p. 232), é obrigatório constatar “[...] a indispensável e precisamente efetiva, no mais concreto, influência do ser social sobre as mais íntimas, pessoais, formas de pensamento, sentimento, ações e reações de cada uma das pessoas humanas”. E com isso, a decisão alternativa e as cadeias de alternativas dos seres humanos concretos, que compõem tanto o ser social quanto os atos no imediato da vida daquele singular.

Esses atos, independente da generalização que possam experimentar, são sempre concretos em sua forma originária, no sentido da **particularidade**: “Un fim que não é *particular* não é um fim” (Marx, 2005, p. 54 *apud* Lukács, 2018, p. 233, itálica do autor). Desse modo, entende-se que a **alternativa**, em seu ser-precisamente-assim concreto, tem um papel decisivo para as decisões concretas e consegue afetar tanto o objetivo quanto o subjetivo. “Isto, o que denominamos de personalidade de um ser humano, é um tal ser-precisamente-assim de suas decisões alternativas” (Lukács, 2018, p. 233). Aqui reside a substância, a essência de um ser humano: a partir de múltiplas **possibilidades** (no sentido da **dynamis**), o ser humano singular realiza essa possibilidade, a converte em um ato, desenvolvendo novas capacidades, novas necessidades e novas formas de satisfazê-las.

Esta constatação ontológica permite entender que “[...] o ser humano é o resultado de sua própria práxis [...]” (Lukács, 2018, p. 234), mas não nas **circunstâncias** que escolhem, tal como colocou Marx. Estas são, concretamente, o material para essas decisões alternativas concretas. Por um lado, como consequência disto, o tipo dessas circunstâncias determina o tipo da qualidade das perguntas que são colocadas na vida do singular e das decisões alternativas. Por outro lado, essas reações ao entorno têm sempre um caráter de alternativa (sim, não, abstenção).

Ao entender então que a alternativa é sempre concreta e que o **espaço de manobra** “[...] mantém ante a decisão singular uma objetividade similar à da natureza [...]” (Lukács, 2018, p. 236), pode-se entender que: **1)** a negação é concreta e não pode, nunca, destruir por completo o espaço de manobra, a objetividade colocada concretamente. No caso de um ato que possa ter um efeito radical na objetividade, ele mesmo sempre está ligado à continuidade histórica e afeta só um setor desse espaço de manobra; **2)** é impossível constatar que tenha surgido um novo tipo de comportamento (que escape ao trabalho como modelo da práxis social), apenas porque muitas posições teleológicas geram um efeito mais intenso na totalidade da personalidade dos seres humanos.

Aqui, de novo, pode evidenciar-se a contradição e heterogeneidade entre desenvolvimento objetivo e reações humanas singulares, que imprimem no processo de reprodução “[...] uma tendência desigual e plena de contradição [...]” (Lukács, 2018, p. 138), pois este depende das posições teleológicas singulares que lhes dão direção às tendências objetivas gerais como síntese que se torna social. Isto significa que os **atos singulares** não podem alterar as leis gerais de funcionamento da sociedade ou dos complexos, mas podem modificar os efeitos da lei geral sobre esse indivíduo singular; sempre dentro do espaço de manobra existente (isto refere-se ao tipo de casualidade na relação lei geral-indivíduo singular). Portanto, a legalidade deve entender-se sob um duplo aspecto: por um lado, a lei geral impulsiona a transformação das categorias do ser social em categorias sociais; por outro, as tendências que se expressam não têm um caráter teleológico.

Nesta relação complexa entre os dois polos do ser social, o momento predominante é a **totalidade da sociedade**. No entanto: **1)** a reprodução do ser humano singular é a base ontológica da reprodução como um todo, tanto no sentido da reprodução da espécie quanto da realização da própria reprodução social; **2)** mesmo que sejam atos individuais para a reprodução do indivíduo singular, “[...] na esmagadora maioria, os atos práticos do ser humano pertencem à esfera da genericidade — independente de se esta conexão é elevada à consciência dos singulares. (Pense-se

no²⁸ explicado sobre o trabalho) [...]” (Lukács, 2018, p. 163); **3)** esses atos singulares, ao sintetizar-se, criam tendências que reforçam no indivíduo esse genérico-social (o momento social tem supremacia sobre as particularidades e singularidades).

Com isto, o autor explicita a “[...] unificação imediata, inseparável e não divisível do individual-particular e do genérico-social [...]” (Lukács, 2018, p. 163), que emerge no processo objetivo e nas expressões conscientes da vida cotidiana do singular (e ainda mais forte quando se trata da ação em conjunto dos seres humanos).

Igualmente, com o desenvolvimento da sociedade, isto é, com o tornar-se-mais-social do ser social e, portanto, com o afastamento das barreiras naturais, a centralização da decisão no ‘eu’ que executa a ação manifesta-se de forma mais pronunciada, multifacética e decidida. Isto leva a: **1)** com o aumento das decisões que o singular tem que tomar, e estas cada vez com mais mediações, este deve ter, dentro de si, “[...] uma espécie de sistema de disposição para essas possibilidades de reação [...]” (Lukács, 2018, p. 246); **2)** entre mais distantes de sua finalidade imediata sejam as decisões alternativas de cada ser humano, estas dependem menos delas mesmas (tem-se menos controle das consequências). Isto relaciona-se diretamente com o desenvolvimento da personalidade, cada vez mais multifacética.

Deste modo, é possível evidenciar que o ser social apresenta uma tendência ao movimento ascendente de sua reprodução, tanto no ser humano singular quanto na sociedade como um todo. Vejamos isto.

2.2.4. *A continuidade, as tendências e o movimento ascendente do processo de reprodução social*

Para aprofundar nestes elementos da reprodução social é necessário ter presente algumas questões apresentadas:

- 1) O **trabalho** remite além de si mesmo, desenvolvendo “[...] formas mais complicadas a partir de si mesmo” (Lukács, 2018, p. 47).
- 2) O papel da **alternativa**: a realização correta das alternativas que são colocadas no metabolismo da sociedade com a natureza, conduz à libertação e atualização de **possibilidades**, à fixação dessas alternativas no “[...] *continuum* da reprodução dos

²⁸ Erro da edição.

seres humanos singulares e da sociedade [...]” (Lukács, 2018, p. 160, *itálicas do autor*) e, portanto, ao aumento, expansão e aprofundamento da capacidade de sobrevivência da sociedade em sua totalidade e das capacidades individuais.

- 3) A **consciência** (e com ela a linguagem) é o órgão da continuidade ao permitir a conservação desta no sentido de preservar, aperfeiçoar, retroceder ou demandar novos passos. Simultaneamente, as formas e conteúdos da consciência são conduzidos pelo processo objetivo.
- 4) As sociedades têm um processo de continuidade por meio da **memória social**.
- 5) Tanto a aplicação dessa memória social quanto o processo de continuidade da reprodução do ser social como um todo, é **desigual e contraditório**, pois se compõe da sínteses de posições teleológicas singulares que, por sua vez, têm como base o caráter de alternativa (liberdade).
- 6) A continuidade do processo da reprodução como um todo somente é possível através da interação entre **complexos parciais** e entre estes com o todo.

Agora, acerca das tendências legais que se impõem sobre as condições objetivas e subjetivas da reprodução social, deve entender-se que estas constituem seu princípio regulador. Para evitar uma fetichização cosificadora sobre ele, deve estar presente que este é sempre concreto, tanto porque está ligado às relações humanas concretas, quanto porque é “[...] expressão concreta da respectiva situação da reprodução [...]” (Lukács, 2018, p. 126), isto é, estas tendências legais correspondem a momentos históricos concretos e particulares.

É assim como Lukács (2018, p. 155), a partir dos postulados marxianos, aprofunda e demonstra completamente, a tendência do tornar-se-social do ser social, um desenvolvimento/**movimento ascendente**, produto da autoatividade do ser humano, também pleno de contradições e desigualdades em sua continuidade:

O ser social apenas é existente em sua interrupta reprodução; sua substância enquanto ser é por essência uma substância que interruptamente se altera; ela existe justamente em que a transformação que jamais cessa na reprodução produz renovadamente, de modo quantitativo e qualitativamente sempre mais intenso, os traços especificamente substanciais do ser social.

O movimento ascendente deve ter como ponto de partida analítico a prioridade ontológica do complexo econômico e o **desenvolvimento das forças produtivas** com sua direta

consequência: o **afastamento da barreira natural**. Este aspecto se relaciona diretamente com a **divisão social do trabalho** e a **divisão da sociedade em classes**, categorias puramente sociais onde se expressa a tendência do desenvolvimento ascendente objetivo do ser social. Além disso, forma-se um caráter mais elevado do **valor**.

Para entender isto, Lukács retoma uma citação de Marx sobre o reino da liberdade e o reino da necessidade:

Assim como o selvagem tem de lutar com a natureza para satisfazer suas necessidades, para manter e reproduzir sua vida, assim também o civilizado tem de fazê-lo, e tem de fazê-lo em todas as formas de sociedade e sob todos os modos de produção possíveis. Com seu desenvolvimento, amplia-se esse reino da necessidade natural, pois se ampliam as necessidades; mas, ao mesmo tempo, ampliam-se as forças reprodutivas que as satisfazem. Nesse terreno, a liberdade só pode consistir em que o homem social, os produtores associados, regulem racionalmente esse seu metabolismo com a natureza, trazendo-o para seu controle comunitário, em vez de serem dominados por ele como se fora por uma força cega; que o executem com o mínimo emprego de forças e sob as condições mais dignas e adequadas à sua natureza humana. Além dele é que começa o desenvolvimento das forças humanas, considerado como um fim em si mesmo o verdadeiro reino da liberdade, mas que só pode florescer sobre aquele reino da necessidade como sua base. A redução da jornada de trabalho é a condição fundamental (Marx, 1986, p. 273 *apud* Lukács, 2018, p. 152).

A economia de tempo leva a uma melhor divisão do trabalho (DT) e ao desenvolvimento das forças produtivas, e isto conduz à ascendência de níveis mais puros de socialidade, ou seja, à realização de categorias sociais, mais ricamente determinadas (mais efetivas) no ser-para-si (exemplo: maior tempo livre).

A gênese e a validade do valor no ser social permite ver que no **complexo econômico** não pode desenvolver-se o caráter mais elevado do valor, porque está sempre vinculado ao reino da necessidade, e o reino da liberdade, em Marx, está conectado com o ócio, onde “[...] o desenvolvimento das forças humanas vale como finalidade-em-si [...]” (Lukács, 2018, p. 153), pressupondo o desdobramento pleno da personalidade humana dentro de um determinado nível produtivo.

Isto significa que há uma conexão inseparável entre o desenvolvimento econômico objetivo e o desenvolvimento do ser humano, porque as leis da realidade objetiva “[...] produzem e reproduzem tanto aquelas relações que possibilitam o desenvolvimento ascendente do ser humano quanto, no próprio ser humano, aquelas capacidades que transformam tais possibilidades em realidade” (Lukács, 2018, p. 76). O ser humano está ao início e ao final do processo econômico.

A apreensão dos elementos até aqui apresentados subsidiam a análise acerca da gênese das profissões e seu desenvolvimento histórico. Iniciemos este percurso.

2.3. Origem e desenvolvimento histórico das profissões desde Egito até a Idade Média

Observemos agora o complexo das profissões em seu processo de identidade da identidade e da não identidade entre suas origens e seu desenvolvimento. Manacorda (2006) explica que é em Egito (2450 A.C.- 1069 A.C.) onde pode identificar-se o início do ensino, dirigido exclusivamente às castas dominantes. A necessidade desta época era a educação para as artes, interpretadas como a oratória, isto é, a formação para o poder e a arte da política. Aqui já se denota a divisão do trabalho, e, portanto, a divisão da instrução segundo a classe social: o domínio da cultura política ficava em mãos das classes dominantes, e o domínio das técnicas produtivas para a classe trabalhadora. De igual forma, aparece, na iconografia egípcia, a figura do mestre. É também nesta época e cultura que se consolida a escritura como instrumento de formação e a escola ou ‘casa da vida’ (entendida como o lugar onde se forma).

Segundo o exposto por Manacorda (2006), foi possível encontrar nos textos entre 2133 A.C. e 1786 A.C., a **referência ao conceito de ‘profissão’, particularmente a profissão de escriba, desenvolvida na escola, fazendo a diferenciação entre esta e os ofícios, alusivos especificamente ao trabalho**. Inclusive ocorre uma mudança na consideração de quem tem a sabedoria: já não é aquela pessoa que possui experiência e inteligência, mas aquela que conhece a tradição através dos livros. **Consideramos isto como o germe do que hoje conhecemos como profissão**, entendendo a relação entre o surgimento das profissões e a divisão da sociedade em classes.

Entre 1069 A.C. e 333 A.C. aparece a escritura demótica do antigo Egito, e com ela, óstracos e papiros que registravam um tipo de instrução dirigida aos súbditos, recomendando a obediência e a submissão. Igualmente, há registros de uma formação científico-técnica para a população que tinha algum ofício. Aqui vemos que, mesmo que a educação ‘profissional’ abre seu espectro além das classes dominantes e dos funcionários do Estado, seu acesso não é permitido para aqueles que não exercem um arte ou ofício, isto é, para os escravos.

Seguindo com Grécia, pode-se evidenciar “[...] a separação dos processos educativos segundo as classes sociais, mas menos rígida e com uma evidente tendência para formas de

democracia educativa” (Manacorda, 2006, p. 63, tradução nossa). Para as classes dominantes, a formação na escola para a política e as armas, para os produtores não escravos, o treinamento para o trabalho (sem escola), e para os escravos, nenhum tipo de instrução.

Sobre a formação das classes dominantes, Ponce (s.d., p. 28, tradução nossa) relata:

Ao Estado, servidor da nobreza, lhe interessava por isso fundamentalmente a preparação física de seus cidadãos de acordo com a ‘virtudes’ que sobretudo estimam os guerreiros. Palestras, ginásios, instituição dos efebos, tudo estava preparado para isso. As representações no teatro, as conversações nos banquetes, as discussões no Ágora, reforçavam nos jovens a consciência de sua própria classe como classe dominante. Ao terminar o período de ‘efebo’, um exame testado comprovava até onde tinha chegado sua educação tanto no manejo das armas quanto na compreensão dos deveres do cidadão.

É importante apontar alguns dados históricos trazidos por Manacorda e Ponce (s.d.). No século VI A.C. cria-se a escola elemental. A nobreza (composta por terratenentes, guerreiros e senhores escravos), devido ao aumento do tempo ocioso que a afastava definitivamente dos labores produtivos, teve a necessidade de que seus filhos foram educados na leitura e a escritura, como formação mínima, para logo aceder ao ginásio e à efebía. Derivado disto, criam-se as primeiras leis sobre a educação (leis de Solon em Atenas), indicando os deveres dos padres como responsáveis de facilitar a formação, e algumas questões sobre a escola como horários, número de estudantes por classe e características dos mestres (Manacorda, 2006).

Nos inícios do século V A.C. aparece uma nova fação na classe dominante: o comerciante. As pessoas ou famílias que possuíam terras e escravos não eram as únicas que podiam aceder à educação; a posse de riquezas provenientes da atividade comercial também permitia este privilégio. O surgimento do indivíduo enriquecido “[...] que aspirava a formar indivíduos conscientes de seu próprio valor e capazes de abrir-se caminho de qualquer maneira [...]” (Ponce, s.d., p. 35, tradução nossa) provoca uma nova atitude frente à educação, desencadeando, por exemplo, a democratização do ensino da escritura aos cidadãos livres (Escola do alfabeto)²⁹.

Aristóteles, refletindo o pensamento da velha classe terratenente e apresentando uma ruptura com a concepção das ‘profissões’ em Egito, faz uma diferenciação entre as artes liberais (as artes que as pessoas livres podiam estudar e que faziam delas alguém nobre) e as artes não liberais (“[...] todas as obras, ofícios e ensinamentos que convertem o corpo e a inteligência dos

²⁹ O anterior desencadeio diferentes conflitos. Por exemplo, sabe-se que os filósofos que promoviam esta nova educação iam contra da religião e da moral tradicional da época e tomaram grande importância. Entre eles se ressaltam Sócrates, quem foi condenado a tomar cicuta pelos velhos nobres que rejeitavam seus ensinamentos e posturas.

homens livres em algo incapaz de obras e ações virtuosas” (Manacorda, 2006, p. 100, tradução nossa)).

No 199 A.C. amplia-se o espectro da instrução para crianças livres, pobres e escravos e a partir dos séculos II e III D.C. extingue-se completamente a unidade entre o físico e o intelectual, aspecto tão reconhecido na educação grega (Manacorda, 2006).

A escola será um dos legados essenciais da Grécia, pois esta foi reproduzida em Roma, assim, converteu-se em “[...] patrimônio comum dos povos do império e foi transmitida através dos milênios à Europa medieval e moderna, enfim, a nossa civilização, como pressuposto e componente essencial da sua história” (Manacorda, 2006, p. 131, tradução nossa).

Com a derrota de Grécia dá-se o início da República Romana (509 A.C. – 27 A.C.), também assentada no modo de produção escravista. Nesta se assiste à criação do Direito romano, que foi o primeiro sistema jurídico que protegeu a propriedade absoluta sobre propriedades, terras e pessoas. No nível político, o Senado estava conformado majoritariamente pela nobreza, porém, também foram aceitos plebeus que conseguiam adquirir uma grande fortuna. Enquanto à classe social não escrava, encontrava-se o campesinato, dividido entre os *assidui* (‘assentados na terra’ que tinham a quantidade suficiente de terra para possuir suas próprias armas e eram aqueles que forneciam de soldados à aristocracia) e os *proletarii* (cidadãos sem propriedades) cuja obrigação frente ao Estado era ter filhos ou proles e conformavam a maioria da cidadania romana. Anderson (1997) explica que os escravos, na sua maioria, eram ‘obtidos’ a partir das campanhas de Roma no mediterrâneo.

Neste marco, no ano 449 A.C., criam-se escolas elementares para os filhos das famílias que não pertenciam à nobreza, mas que não eram escravas. Entre todas pagavam os gastos de uma escola, devido a que não tinham o dinheiro suficiente para pagar um instrutor em casa (Manacorda, 2006).

Posteriormente, no século I A.C., criam-se as escolas públicas superiores, onde se ensinava a arte da retórica para as classes dominantes, e se começava, em todas as escolas, o ensino em latim, e não em grego, isto é, o conhecimento começava a se popularizar (Ponce, s.d.). Assim mesmo, as escolas se converteram em negócios, onde os mestres eram trabalhadores livres não nobres, que competiam entre si. Igualmente, em Roma se reforça a visão negativa das profissões que cobravam por seus serviços (na Grécia considerava-se desonroso ensinar por dinheiro).

Neste século, com César, Roma começou sua expansão para o Oriente e teve seus primeiros encontros com as tribos germanas. A cidade cresceu precipitadamente, tendo, aproximadamente

750.000 habitantes urbanos. No final deste século caiu a República. César morreu e Augusto liderou, no ano 32 A.C., a guerra civil da *'tota Itália'*. As três guerras civis que deram fim à República tiveram a mesma particularidade: “[...] todas foram ganhadas pelo bando que controlava Ocidente e perdidas pelo partido assentado no Oriente” (Anderson, 1997, p. 66, tradução nossa). A crise, aproveitada por Augusto, era produto do descontento da plebe urbana e das tropas camponesas, que o apoiaram, mas também se valeu do apoio dos terratenentes italianos que estavam contra o poder em Roma.

Com a queda da República iniciou o período do Império (27 A.C. – 476 D.C.). Nos dois primeiros séculos, o poder seguia concentrando-se em Roma, mas se deram terras e pagamentos a veteranos e plebeus militares. Por outro lado, modificou-se o sistema jurídico, o que permitiu que as pessoas tiveram mais possibilidades de defender-se frente às decisões arbitrárias de seus governadores. No nível político, o Senado “[...] converteu-se em um instrumento obediente e subordinado dos sucessivos imperadores” (Anderson, 1997, p. 69, tradução nossa).

Internamente, no século III, deu-se uma unificação imperial, proporcionando a cidadania romana aos cidadãos livres do império, floresceu a poesia, a história e a filosofia, e melhoraram as técnicas agrícolas e artesanais. Na outra arista, a da classe comercial e manufatureira (desprezada pela aristocracia), o avanço foi muito pouco devido ao alto custo do transporte, além disso, “[...] uma população composta na sua imensa maioria por camponeses míseros, trabalhadores escravos e pobres urbanos reduzia os mercados de consumo a uma escala muito pequena” (Anderson, 1997, p. 78, tradução nossa).

Na Alemanha, por sua vez, começavam as mudanças na estrutura econômica pois, respondendo ao comércio, a terra começou a concentrar-se em mãos de indivíduos, e já não em clãs e famílias (estratificação interna). Isto levou a diferentes disputas respaldadas por Roma, com o objetivo de que não pressionaram na fronteira e de criar uma fação de dirigentes que a apoiaram. No entanto, durante o império de Marco Aurelio (161-180 D.C.) começaram os ataques dos bárbaros germânicos às fronteiras do Império, além das convulsões internas: houve pelo menos 20 imperadores, dos quais 18 morreram por morte violenta, ao mesmo tempo que aumentou a inflação e baixou enormemente o valor do denarius (Anderson, 1997).

Ao largo do Império Romano, o Estado, progressivamente, começou a incidir na educação. Ponce (s.d.) aponta, por exemplo, que no século I D.C. iniciou-se a vigilância do conteúdo do ensino e a libertação de obrigações cidadãs aos mestres de escolas superiores para permitir sua

dedicação completa. No século II apareceu, por parte do Estado, a preocupação pela formação no Direito e a “[...] *ciência dos administradores* [...]” (Ponce, s.d., p. 50, itálicas do autor, tradução nossa) requeridos pela burocracia, que fosse além do ensino que os especialistas davam a seus discípulos por meio da experiência.

No século III o poder concentrou-se fora de Roma, especialmente nos lugares fortes militarmente, isto é, no Oriente de Roma, de onde vinha um terço das pessoas que conformavam o Senado, acabando assim com a tradicional maioria italiana. No entanto, iniciou-se a expansão do cristianismo, nascido no Oriente, e no século IV, com Constantino (306-377), iniciou “[...] a cristianização do Estado depois da conversão do imperador [...]” (Anderson, 1997, p. 89, tradução nossa), assim, o cristianismo estabeleceu-se como Igreja oficial, o que levou a que aparecesse uma burocracia clerical e se tornasse a concentrar o poder em uma elite patrícia no Ocidente.

Seguido, no século IV apresentou-se a ruralização do Império pela debacle das cidades. A crise do trabalho escravista pela falta de expansão e invasão a outros territórios levou a que os senhores escravos deixaram nas mãos dos escravos sua manutenção e se estabelecessem em pequenas parcelas, pagando-lhes o mais-produto. Por outro lado, os proprietários livres caíram no domínio de grandes terratenentes para evitar o recrutamento forçado e o cobro fiscal do Estado; como resultado deste processo surge o *colonus* ou o “[...] arrendatário camponês dependente que estava vinculado à fazenda do seu senhor e lhe pagava por sua parcela rentas em espécie o em dinheiro, o a cultivava sob um acordo de reparto da colheita” (Anderson, 1997, p. 92).

Neste século IV deu-se a regulação da assinação de salários aos mestres e a construção de escolas, inicialmente para as profissões oferecidas à burocracia imperial e, seguidamente, para todas as profissões (Manacorda, 2006). Logo, os mestres de escolas superiores passaram a ser funcionários públicos: **“O ensino a cargo do Estado tem aparecido na História”** (Ponce, s.d., p. 50, negrito nosso, itálicas do autor, tradução nossa).

A partir dos séculos III e IV, e logo, na Alta Idade Média, também chamada a Idade Obscura, (entre os séculos V e X), a escola clássica helenístico-romana é substituída pela escola hebreu-cristã (Manacorda, 2006). Anderson (1997) identifica a Idade Obscura como a época de transição entre o modo de produção escravista e o modo de produção feudal. Os escravos seguiam existindo, mesmo que como um serviço luxuoso das classes possuidoras. Mesmo que se diz que foram os ataques externos dos bárbaros germanos os que acabaram com o Império, o autor explica que havia um Império de Ocidente em decadência, tanto do lado da aristocracia quanto do lado das

classes exploradas. Além disso, no século V, na Gália e Hispânia, se deram as insurreições dos *bagaudes* (“[...] escravos fugitivos, desertores do exército, *coloni* arruinados e pobres rurais” (p. 101, itálicas do autor, tradução nossa)).

É neste século quando se deu a primeira onda de invasões germânicas que assolaram o Império ocidental econômica, militar e politicamente. Ao assentar-se em diferentes territórios, os germanos terminaram adaptando uma boa parte da organização política e territorial que se praticava no Império, assim, deu-se um dualismo legal: o direito germânico e o direito romano. Pelo contrário, no nível religioso a transformação foi completa ao dar-se a conversão ao cristianismo dos bárbaros. Com estas invasões, as cidades foram as mais afetadas, enquanto o campo e a sua organização se mantiveram quase intactos (Anderson, 1997).

Sobre a segunda onda de invasões germânicas, Anderson (1997, p. 119, tradução nossa) explica que esta

[...] foi a que determinou, de forma profunda e permanente, o definitivo mapa do feudalismo ocidental. Os três episódios principais desta segunda fase da expansão bárbara foram, certamente, a conquista franca da Gália, a ocupação anglo-saxã de Inglaterra e -um século depois e seguindo uma dinâmica própria- o descenso lombardo sobre a Itália.

Seguindo esta continuidade, no século VI consolidou-se o processo de fusão de elementos romanos e germânicos, dando como resultado uma nova síntese. Um dos resultados mais claros foi a criação de um “[...] campesinato nativo e livre” (Anderson, 1997, p. 122, tradução nossa). Igualmente, com a conquista dos Estados bárbaros à Germânia, se alcançou a unificação territorial das zonas em conflito. No nível político deu-se uma mudança na configuração do Estado, pois a maioria dos funcionários eram pessoas pertencentes ao clero, o que determinou, dentre outros, o colapso do império pelos pagos exagerados, isto é, pela manutenção de outra classe parasitária.

Estes processos continuaram no século VII. Neste deu-se o derrube dos impostos sobre a terra ante a resistência dos povoadores e da Igreja, pois não havia já um Estado centralizado. Também foram comuns os casamentos católicos entre as classes terratenentes romanas e germanas e houve um isolamento rural da Europa ocidental devido à expansão islâmica no Mediterrâneo (Anderson, 1997).

É também neste século que os monastérios se expandiram por todo o território do antigo Império Romano³⁰. O interesse da Igreja de ampliar a doutrina católica, a levou a tomar em suas mãos o papel da formação, por um lado, do clero secular e regular, e por outro, de crianças pobres e escravos resgatados, configurando uma espécie de institucionalização da educação. Manacorda (2006) expõe que esta última era mais pobre em comparação com a cultura clássica, pois centravam o estudo principalmente na bíblia, e, de forma secundária, no desenvolvimento de habilidades como escrever, ler e fazer contas. A educação de alto nível era reservada ao clero regular, o que abriu a possibilidade para que pessoas da classe trabalhadora, como os servos, pudessem aceder à mesma (com a condição de enclaustrar-se no monastério (Ponce, s.d.)). Isto já mostra o começo da abertura da educação superior a toda a sociedade, que anteriormente era dirigida exclusivamente à classe dominante.

Entre o século VIII e o século IX estabeleceu-se o Estado carolíngio com Carlomagno, que significou a unificação no nível político e militar da Europa ocidental. É neste período onde se deram os passos decisivos para a aparição do feudalismo, alguns destes foram: **1)** reforma ao sistema monetário; **2)** revitalização do setor administrativo do Estado; **3)** conversão ao cristianismo nas fronteiras, como Alemanha; **4)** criação dos condados (unidades básicas administrativas) e os condes; **5)** aparição do feudo como uma “[...] concessão delegada de terra investida com poderes jurídicos e políticos a câmbio do serviço militar [...]” (Anderson, 1997, p. 139-140, tradução nossa)³¹; **6)** separação definitiva do ofício da guerra e do campesinato. A guerra ficou reservada para os nobres e o camponês desarmado.

No século IX, a Igreja abriu escolas que funcionavam como internados para o clérigo regular e para nobres que não queriam dedicar-se à vida monástica. Nestas se ensinava gramática, retórica e dialética, além do desenvolvimento de habilidades como “[...] a redação de cartas, documentos e escritos de caráter *mercantil*” (Ponce, s.d., p. 59, itálicas do autor, tradução nossa). Os nobres que assistiam a estas escolas chegavam até certo grau, e logo eram retirados para

³⁰ A Igreja cristã foi a instituição que, com continuidade, abarcou todo o processo de transição entre o escravismo e o feudalismo, foi uma ponte na transição. Seu papel vê-se na valorização do trabalho manual como digno ante Deus e na implantação do latim no ocidente do Império (Anderson, 1997).

³¹ Anderson (1997) explica as origens de diversos fenômenos e formas organizativas que foram dominantes no feudalismo: **1)** o feudo formou-se a partir de “[...] as práticas eclesiásticas romano-tardias e [...] as distribuições tribais de terra dos germanos [...]” (p. 129); **2)** o senhorio veio do *fundus* ou *vila* galorromano: camponeses dependentes que viviam em um pedaço de terra e que tinham que pagar-lhe ao terratenente com produtos em espécie; **3)** os enclaves comunais são vestígios da herança germânica dos “[...] primeiros sistemas rurais florestais [...]” (p. 130); **4)** a servidão derivou da degradação dos camponeses germanos livres; **5)** o sistema de Estados é resultado da herança conciliar da Igreja cristã.

continuar com sua educação cavalheiresca, ou seja, para aprender as técnicas da guerra e da política.

Neste século o Estado “[...] toma sob seu cuidado o que poderíamos chamar a preparação profissional dos sacerdotes, dado que se tratava precisamente de uma profissão de governo, de uma *politiké téchne*” (Manacorda, 2006, p. 206, tradução nossa). E, depois, o Estado controla a educação dos laicos, instituindo escolas públicas e excluindo à Igreja desta tarefa. Importante nesta época foi a reclassificação das artes liberais (assim chamadas na época), a saber: aritmética, geometria, astronomia, música, sagradas escrituras, lógica, dialética.

Assim, o feudalismo instaurou-se na Europa ocidental. Este foi

[...] um modo de produção dominado pela terra e pela economia natural, no qual nem o trabalho nem os produtos do trabalho eram mercadorias. O produtor imediato -o camponês- estava unido aos meios de produção -a terra- por uma relação social específica. A fórmula literal desta relação a proporciona a definição legal da servidão: *glebae adscripti*, ou adscritos à terra, isto é, os servos tinham uma mobilidade juridicamente limitada (Anderson, 1997, p. 147, itálicas do autor, tradução nossa).

Enquanto à organização do poder, aos senhores feudais, normalmente, lhes cediam seus direitos outros nobres superiores e, em retribuição, deviam brindar-lhe ajuda militar (cavalaria). A cadeia, maioritariamente, chegava ao monarca, quem tinha domínio eminente das terras. Entre o senhor e o monarca existiam uns cargos intermédios: “[...] a castelhania, a baronia, o condado e o principado” (Anderson, 1997, p. 148, tradução nossa).

O autor também assinala três características essenciais de todo o período feudal. Em primeiro lugar, havia terras que não eram feudos com autonomia para a organização da produção. Em segundo lugar, a construção das cidades medievais permitiu a continuação da produção mercantil, que tinha um desenvolvimento autônomo da economia agrária, isto é, da nobreza e da Igreja. Deste modo, é com o feudalismo que se dá uma “[...] *oposição dinâmica entre cidade e campo*” (Anderson, 1997, p. 151, itálicas do autor, tradução nossa). Por último, o autor indica que tinha uma ambiguidade entre o poder supremo do monarca e o acesso político direto que este tinha à população, pois este exercício era levado a cabo pelos diferentes cargos subjacentes. Isto levava a que esse poderio estivesse em constante ameaça, pois não havia unificação. A Igreja, por seu lado, tinha autonomia dentro do sistema político, o que produziu conflitos institucionais durante todo o medievo.

Entre os séculos X e XI deu-se a ocupação e colonização de novas terras, especialmente pela Igreja (guerra santa). “As pressões e pretensões conflitivas que se originavam como consequência destas disputas pelas novas regiões constituíam, pois, uma nova forma de luta de classes pela terra” (Anderson, 1997, p. 192, tradução nossa).

Manacorda (2006, p. 223, tradução nossa) ressalta que depois “[...] do ano mil [...] assistimos a um despertar de toda a atividade cultural e educativa”³². O autor explica:

¿O que tinha sucedido, pois, para que o papado intervisse contra seus mesmos costumes ou normas, animando aos clérigos e monges com estipêndios e com o que poderíamos chamar de bolsa de estudo, das quais se podia dispor ainda em lugares afastados da sua diocese? Depois da luta contra o feudalismo, com suas investiduras e com sua simonia, estes são os signos de uma luta por um desenvolvimento que poderíamos chamar de mercantil, burguês, do sistema educativo, que a igreja, aliada com os municípios contra o império, dirige com mais ou menos consciência de sua missão histórica (Manacorda, 2006, p. 227, tradução nossa).

É neste período histórico onde aparecem as universidades propriamente ditas. A origem destas, segundo Manacorda e Ponce, se dá a partir do século XI e se deve à confluência dos *clerici vagantes*, isto é, clérigos que iam de um lugar para outro procurando “[...] escutar as lições de um famoso homem doto [...]” (Manacorda, 2006, p. 230, tradução nossa), que começava a superar o ensino religioso e a ser influenciado pela ciência nascente. Aos poucos, estes clérigos (germe da figura do estudante) foram conformando sua ‘universitas’, que na época referia a qualquer assembleia ou associação de pessoas de um ofício. Dentro desta, ao igual que qualquer organização de artesãos, mas de forma original, criaram-se graus: segundo grau, licenciado e doutor (Ponce, s.d.) e os estudantes exerciam um forte controle ao ensino do mestre. Isto se interconectava com a regulamentação inicial dada pela Igreja, que, com sucesso, retomou o controle da educação profissional e ordenou a fundação de universidades em “[...] Salamanca, Roma, Nápoles, Viena, Praga, Cracóvia etc.” (Manacorda, 2006, p. 230, tradução nossa)³³.

³² Dois eventos importantes em relação com este ‘despertar’: em 1215, com o Papa Inocêncio III, a Igreja retoma o domínio da educação laica. Isto implicou o ensino das artes liberais, não para a arte da política, mas para a teologia, e em 1219 o Papa Honório III promulga o outorgamento de bolsas para que os estudantes do clero pudessem converter-se em doutores.

³³ Spencer (1992) em seu livro ‘Origem das profissões’, afirma que as profissões têm sua força de origem nas organizações eclesásticas, pois: **1)** se desenvolve de uma maneira mais imponente e ampla e, assim, vai ganhando mais poder e mais território; **2)** certas profissões como a do legislador e a do professor se originam ali porque eram os sacerdotes aqueles que as exerciam; **3)** a classe sacerdotal era uma classe ociosa, podendo “[...] seus membros consagrar o tempo e a energia ao trabalho e à disciplina intelectuais, requeridos nas ocupações profissionais em oposição às outras ocupações” (p. 318, tradução nossa). Este autor também expõe que o começo das profissões tem a ver com a necessidade de um poder autocrático político-eclesástico e menciona Egito, onde isto já se vislumbrava.

Enquanto aos campos de conhecimento, Manacorda indica que na segunda metade do século XI começa o ensino do Direito Romano em Bolonha (Itália)³⁴ e ao redor do 1200, em Salerno (Itália), é reconhecida a escola de medicina como uma escola teórica. Esta já existia desde antes do ano 1000, mas é neste momento em que é reconhecida como *Studium generale* (“[...] ou seja, cujos títulos eram válidos em todas as partes” (Manacorda, 2006, p. 228, tradução nossa)). A estas duas escolas se sumam as artes liberais e a teologia (esta última como claro signo do domínio católico na educação profissional), sendo estas quatro as faculdades que, maioritariamente, conformaram as universidades medievais. Assim, no final da Idade Média se contava com mais ou menos 80 universidades.

Com o crescimento das cidades e sua economia, no século XII se desenvolveu o capital mercantil, a banca e o crédito. Além disso, apareceram os grêmios: “Nestas corporações não existia separação alguma entre o produtor artesão e os meios de produção, e os pequenos mestres formavam uma massa plebeia situada imediatamente abaixo da própria oligarquia mercantil-manufatureira” (Anderson, 1997, p. 195, tradução nossa).

Igualmente, neste século apareceram as comunas na Itália, nos centros urbanos mercantis. Estas são descritas por Anderson (1997, p. 198, tradução nossa) como uma “[...] comunidade de iguais [...]” separadas dos nobres ou dos senhores feudais onde havia autogoverno, possível pela falta de unificação política no Ocidente.

No seguinte século, XIII, assistiu-se ao desenvolvimento pleno do modo de produção feudal. As relações rurais de produção permitiram um avanço na produtividade agrícola e nas inovações técnicas (arado de ferro, arreios rígidos, moinho de água, adubos, sistema de rotação trienal), com as quais a demanda de mão de obra foi reduzida por parte do senhor feudal, aumentando, igualmente, a produção do produtor direto que, depois de trabalhar ou pagar o estipulado ao senhor feudal, tinha tempo disponível para aumentar a produção para seu próprio benefício. No meio desta dinâmica econômica se deram enfrentamentos constantes entre servos e senhores, que “[...] estavam objetivamente imersos em um processo conflitivo cujas consequências globais levariam para a frente ao conjunto da economia agrícola” (Anderson, 1997, p. 191, tradução nossa).

³⁴ Anderson (1998, p. 18, tradução nossa) indica, pelo contrário, que a Escola de Bolonha foi fundada no século XII, quando Imerio começou “[...] de novo o estudo sistemático das codificações de Justiniano”. Também assinala que no século XIII se estende o estudo do direito civil romano por fora da Itália.

Entre os séculos XIV e XV (Baixa Idade Média) até o XVIII desenvolveu-se o que Anderson (1997) chama de crise geral do feudalismo a partir de elementos decisivos de diferentes tipos. Enquanto à população, esta continuava em aumento, e ao mesmo tempo foi azotada pela imprevisível peste negra proveniente da Ásia em 1348, que acabou com dois quintos do total da população. Em relação à terra como principal fonte de riqueza deste modo de produção, viveu-se a degradação do solo, tanto por seu mal uso quanto por seu esgotamento, além de que as terras conquistadas tinham solos de baixa qualidade. Também houve uma diminuição da cria de animais pelo decréscimo das pastarias, e uma queda da produção de grão para beneficiar o comércio internacional com outros produtos como lã, linho, vinho, criação de gado. No nível econômico deu-se uma “[...] escassez generalizada de dinheiro [...]” (p. 203, tradução nossa) pois o limite objetivo das forças produtivas não permitia explorar os minerais. Igualmente se reduziram as rentas servis para a nobreza, o que gerou uma dependência dos nobres às cidades, além de recorrer ao saqueio para recuperar suas fortunas.

As revoltas de camponeses em resposta ao aumento dos pagos para os nobres em todo o território ocidental feudal, mesmo que quase nunca vitoriosas, tiveram como consequência, anos depois, o aumento dos níveis salariais em todos os territórios, permitindo melhorar a condição dos produtores rurais diretos. Uma das razões deste aumento foi o apoio que receberam das cidades que, como já foi dito, tinham autonomia e cada vez mais poder. Foi ali onde foram recebidos os servos fugitivos para ser usados como mão de obra para as manufaturas. Paralelamente, a presença das cidades também pressionava aos nobres a receber seus ingressos em dinheiro e a que os serviços foram pagos aos servos da mesma maneira. Este processo deu-se primeiramente na Inglaterra pois tinha uma quantidade alta de camponeses livres, mais que em outros territórios (Anderson, 1997).

Mas, além do campesinato, tinha um novo antagonista: a burguesia mercantil. Assim, como parte desta crise, desde o século XV até o XVIII, implantou-se uma nova organização política sob o Estado absolutista, que respondia ao declive do domínio senhorial, especificamente na Espanha, na França e na Inglaterra:

Exército, burocracia, diplomacia e dinastia formavam um inflexível complexo feudal que regia toda a maquinaria do Estado e guiava seus destinos. A dominação do Estado absolutista foi a dominação da nobreza feudal na época da transição ao capitalismo. Seu final assinalaria a crise do poder dessa classe: a chegada das revoluções burguesas e a aparição do Estado capitalista (Anderson, 1998, p. 37, tradução nossa).

Três atividades de caráter externo marcaram o Estado absolutista: o mercantilismo, a guerra (que fazia parte da rentabilidade mercantil)³⁵ e a diplomacia (com suas embaixadas e chancelarias e, sobretudo, com os casamentos). Isto foi possível porque se conformaram estados homogêneos, mesmo que com dificuldades em sua delimitação; o que unia ideologicamente estes estados era a “[...] cristandade latina [...]” (Anderson, 1998, p. 33, tradução nossa), demarcada, por sua vez, pelos conflitos da Reforma e da Contrarreforma.

Somado ao anterior, mesmo protegendo os privilégios aristocráticos, o Estado absolutista também assegurava alguns interesses da classe mercantil e manufatureira (favorecendo a acumulação originária), devido a que sua coexistência não era contraditória: uniformidade nos sistemas legais; centralização do poder político; supressão de barreiras comerciais internas; criação de tarifas para os competidores externos; abertura para que o capital usureiro fizesse inversões na fazenda pública; confiscação de terras eclesiásticas; cargos burocráticos rentáveis³⁶; e patrocínio de empresas e companhias (Anderson, 1998).

Este período também foi marcado pelo Renascimento (XIV-XVI) e o início da Idade Moderna entre os séculos XV e XVIII. No primeiro, ao incrementar os poderes centrais, os governos monárquicos adotaram o direito civil romano, pois este tratava dos setores: o *jus* (o direito civil, “[...] que regulava as transações econômicas entre os cidadãos [...]” (Anderson, 1998, p. 22, tradução nossa)), e a *lex* (direito público, “[...] que regia as relações políticas entre o Estado e seus súbditos” (Anderson, 1998, p. 22, tradução nossa)). Isto foi traduzido na expansão da propriedade privada desde as classes não dirigentes e a concentração do poder público na monarquia. **A ‘romanização’ do sistema jurídico do ocidente europeu foi especialmente dirigido por um conjunto de legistas de corte internacional, isto é, um corpo de profissionais dedicados a esta tarefa.**

Por sua parte, a idade moderna inaugurou-se no século XV, no qual, mesmo que o domínio da aristocracia era absoluto, a relação entre as classes dominantes e o Estado foi tumultuosa (somente houve 7 anos sem guerras entre estados).

³⁵ O exército do Estado absolutista era conformado por mercenários, na maioria estrangeiros, e a guerra era a definição social da aristocracia feudal porque a terra seguia sendo a unidade central da produção e, ao ser limitada, a conquista de terras devia seguir sendo seu objetivo (ANDERSON, 1998).

³⁶ Criou-se um sistema por meio do qual os cargos burocráticos podiam ser comprados e, a câmbio, os funcionários deviam pagar com favores; uma espécie de sistema feudal no Estado. Por meio deste sistema a burguesia foi ascendendo a cargos de poder, mesmo que isto mostrasse que ainda era a nobreza quem tinha em suas mãos o Estado (ANDERSON, 1998).

Seguidamente, durante o processo da Ilustração no século XVIII:

Uma nova estabilidade e harmonia prevaleceram, à medida que mudava a conjuntura econômica internacional e começavam cem anos de relativa prosperidade na maior parte da Europa enquanto a nobreza ganhava a confiança de novo em sua capacidade para reger os destinos do Estado (Anderson, 1998, p. 50, tradução nossa).

Manacorda (2005, p. 264, tradução nossa) aponta três tipos de educação segundo a classe social, que podem identificar-se neste largo período histórico (século X-XVIII):

[...] o clérigo que deve amar as sagradas escrituras, o laico que deve amar os livros e preparar-se para as profissões liberais (as faculdades universitárias [...]), e o *miles* ou cavaleiro que deve exercitar-se [...] como os filhos de Carlomagno. Temos aqui os dois grupos dominantes da sociedade medieval -clero e nobreza- mais o novo estrato burguês, em resumo, o terceiro estado.

Ponce (s.d.) explica que a burguesia foi entrando à universidade, o que lhe permitiu ocupar cargos e obter prestígio à par dos nobres. Além disso, as pessoas que entravam às universidades deviam pagar, o que indica que a educação superior seguia sendo um privilégio, no entanto, se ampliava o espectro a aqueles que pudessem pagar, e não somente aos nobres, isto é, à classe dominante da formação social vigente.

É possível observar aqui a disputa de duas classes sociais: uma dominante em decadência, e outra em ascenso. Isto determinou também o campo educativo, especialmente em relação ao domínio dos conteúdos e profissões oferecidas. No é por acaso que a teologia componha uma das quatro faculdades mais comuns, mas também não o é a abertura às artes liberais. A Igreja, em seu desespero por não perder o controle da cultura como instrumento de dominação, procurou, por meios violentos (Inquisição), deter o imparável (Ponce, s.d.).

Finalmente, terminando este período, Manacorda descreve a educação no campo do trabalho manual: diferentes grupos de pessoas que exerciam um mesmo ofício se organizavam nas cidades e elaboravam estatutos aprovados pelo Estado, que regulavam tanto a relação destes grupos com este e com o mercado, quanto as relações internas dentre os trabalhadores. Mesmo que a formação não se dava dentro de uma escola (“[...] o mesmo trabalho é escola [...]” (Manacorda, 2006, p. 253, tradução nossa)), começa-se a requerer uma especialização mais avançada que leva a estreitar sua relação com a ciência, pois a imitação já não era mais suficiente para a aquisição de um ofício, exigindo-se o conhecimento das matérias primas, os instrumentos etc. O autor enfatiza

que este tipo de formação era muito fechado, pois se confinava nestes grupos, não era sistematizada, não usavam conhecimentos gerais e, além disso, somente recebiam uma instrução formal mínima para escrever, ler e fazer contas. “No entanto, pronto deveremos prestar maior atenção ao surgimento de uma cultura mais orgânica dos produtores” (p. 262, tradução nossa).

Entendemos, até este ponto, que a partir da criação das universidades medievais começa uma nova etapa para as profissões que, com algumas importantes rupturas, apresenta uma continuidade que se sustém até o século XXI (organização por faculdades, graus obtidos, outorgamento de bolsas, certificação por meio de diploma). Igualmente, observa-se uma continuidade dos distintos modos de educar (educação de caráter estrito) desde Egito até o final do feudalismo ocidental em relação à localização da educação para o trabalho produtivo no nível mais baixo; mesmo que tenha havido rupturas importantes em relação com um acesso mais amplo a certo tipo de instrução, isto é, uma instrução geral, a educação de prestígio não estava vinculada à educação para a produção, no entanto, fica clara a importante função social que cumpre na reprodução social e nas transições entre formações sociais.

SEÇÃO 3

3. AS PROFISSÕES E A REPRODUÇÃO DO MODO DE PRODUÇÃO CAPITALISTA

Com o apresentado no capítulo anterior mostramos a tendência do tornar-se-social do ser social, isto é, o desenvolvimento ascendente no sentido do domínio das categorias sociais sobre as naturais. O capitalismo é o sistema de produção onde este processo faz-se mais evidente. Categorias como divisão sociotécnica do trabalho, ideologia, mercadoria, dinheiro, capital, valor, trabalho assalariado, educação, dentre outras, apresentam uma evolução com um marcado caráter social, isto é, alcançam um desenvolvimento social como nunca na história da humanidade. Igualmente, existem complexos parciais, novos ou transformados historicamente que, como as profissões, mediam ainda mais a relação entre a lei geral e o ser humano singular, entre a vida cotidiana e a totalidade social.

Neste sentido, a teoria marxiana permite apreender os fundamentos ontológicos do processo de produção e reprodução do capital e compreender o funcionamento e a existência destas categorias econômicas, elementos indispensáveis para analisar as profissões no geral, e aquelas que, no particular, cumprem uma função ideológica. Isto porque, para assegurar a liberdade de compra e venda da força de trabalho (as condições capitalistas de exploração), é necessária a existência de um fino sistema de legitimação ideológica, o que exige o fortalecimento e a criação de complexos para este fim. Mas, além disso, se levarmos em conta que as necessidades da reprodução do todo da sociedade estão subordinadas às necessidades de reprodução do modo de produção dominante, podemos compreender a existência de múltiplos e diversos complexos parciais que, em um espaço de manobra concreto, permitem essa reprodução. As profissões, como complexo parcial operante desde a divisão da sociedade em classes, também respondem a estas necessidades.

Por outro lado, com os postulados de Marx podemos compreender como o sistema do capital determina as profissões em suas funções, suas categorias internas e no lugar que ocupam na divisão sociotécnica do trabalho (que abre o espaço sócio-ocupacional de qualquer profissão). Veremos que, na sua grande maioria, as profissões se configuram como trabalho assalariado e entenderemos que algumas produzem mais-valor e outras não.

Igualmente, apresentamos os desenvolvimentos históricos que têm sofrido as profissões desde o Renascimento até nossos dias. É no capitalismo onde as profissões alcançam um desenvolvimento altamente complexo e avançado, o que evidencia a relevância que estas foram tomando para a reprodução social e para a reprodução do sistema do capital. Observaremos como a sociedade vai alcançando altos níveis de complexidade e especialização na DST, o que comprova a importância de entender que as análises ontológicas generalizantes são necessárias, mas não suficientes para analisar as dinâmicas e as categorias concretas.

3.1. Mercadoria e trabalho

Marx, para analisar o capitalismo, começa com a **mercadoria** e a relação mercantil, uma relação social³⁷ que pressupõe um grau de desenvolvimento da divisão social do trabalho onde existe a troca, que “[...] significa que, por um lado, determinados valores de uso são produzidos para além da necessidade imediata de seus produtores, por outro lado, que eles têm necessidade por produtos que eles próprios não são capazes de produzir através do próprio trabalho” (Lukács, 2018, p. 122). No modo de produção capitalista (MPC), a riqueza significa o cúmulo de mercadorias, e a mercadoria é a forma elemental dessa riqueza. Mas ¿o que é a mercadoria? Um objeto exterior ao indivíduo, uma coisa que satisfaz necessidades humanas, sejam elas materiais ou espirituais.

A mercadoria no MPC corresponde a seu elemento mais simples, é seu pressuposto e seu resultado. Pressuposto, pois já existia antes de seu desenvolvimento, mesmo que de forma isolada; resultado, porque esta é a forma generalizada (e necessária) que adotam os produtos no MPC; a forma da mercadoria adota uma “[...] forma social, necessária e geral do próprio produto [...]”

³⁷ No apartado 4 do capítulo 1 de ‘O Capital’, chamado ‘O caráter fetichista da mercadoria e seu segredo’, Marx demonstra a importância de começar pela mercadoria para analisar o capitalismo. Isto porque desde a própria mercadoria surge um caráter enigmático, pois, em primeiro lugar, a “[...] igualdade dos trabalhos humanos assume a forma material da igual objetividade de valor dos produtos de trabalho [...]” (Marx, 2013, p. 205); em segundo lugar, os produtos do trabalho são medidos pela magnitude de valor, que é a duração do gasto de FT humana; e em terceiro lugar, as relações entre produtores “[...] assumem a forma de uma relação social entre os produtos do trabalho.” (Marx, 2013, p. 206). Quando Marx fala de fetichismo das mercadorias refere-se precisamente a que estas parecem existir à margem de seus produtores, isto é, aparentemente se tornam uma relação social entre objetos, coisas sociais; a mercadoria parece ser um ente com presença social, pois é o único que conecta as relações entre produtores.

Assim, homens e mulheres, envolvidos em uma sociedade produtora de mercadorias, são levados/as a relacionar-se na troca sem necessidade de entender todo o processo ali oculto, mesmo que seja produto da própria humanidade, tal como a linguagem. É por isto que Marx afirma: “Eles não sabem disso, mas o fazem” (Marx, 2013, p. 208).

(Marx, 1978, p. 97) somente como resultado do MPC. Com a produção em massa do produto e com sua multiplicação nos diferentes ramos de produção, a mercadoria faz-se evidente ao adquirir um caráter social conectado profundamente com as relações sociais.

Em qualquer sociedade, são os valores de uso os que “[...] formam o conteúdo material da riqueza [...]” (Marx, 2013, p. 158); mas no MPC, estes valores de uso têm uma característica especial, são portadores materiais de **valor**. Isto significa que, para produzir uma mercadoria, não devem produzir-se somente VU, mas **valores de uso sociais** passíveis de ser intercambiáveis.

Se do corpo das mercadorias se suprime o valor de uso e os trabalhos representados nelas (o trabalho do pedreiro, do fiandeiro), esta fica com uma única propriedade: ser produto do trabalho, portanto, o trabalho concreto desaparece, e fica o **trabalho abstrato**, nomeado por Marx (2013, p. 161) como “[...] simples geleia de trabalho humano indiferenciado [...]”, isto é, um gasto de força de trabalho (FT) sem levar em conta a forma na qual se gastou.

Em outras palavras, o **trabalho abstrato** é, para Marx, aquele que constitui o valor da mercadoria, pois é o ‘dispêndio de força de trabalho humano’ (em sentido fisiológico) abstratamente igual. O **trabalho concreto**, por sua parte, é gasto de ‘força de trabalho humana’ de forma particular e orientado a um fim, que produz VU.

Toda mercadoria, portanto, contém em si um tempo de trabalho que foi gasto para sua produção como valor de uso. Mas este tempo de trabalho não se refere ao trabalho individual que cada valor de uso requer para sua produção, mas ao **tempo de trabalho socialmente necessário**, que “[...] é aquele requerido para produzir um valor de uso qualquer sob as condições normais para uma dada sociedade e com o grau social médio de destreza e intensidade do trabalho” (Marx, 2013, p. 162). Ou seja, é uma operação onde se calcula a média da FT média, a **magnitude de valor**.

Na esfera da circulação, para que dois VU se contraponham como mercadorias devem, em primeiro lugar, ser qualitativamente diferentes (“O casaco não é trocado por casaco” (Marx, 2013, p. 166)). Em segundo lugar, devem ser resultado da DST de trabalhos privados que são autônomos e independentes. É quando dois valores se contrapõem que aparece a **relação de valor**, isto é, a relação entre dois valores. A “[...] a mais simples expressão de valor para uma mercadoria [...]” (Marx, 2013, p. 173) é exemplificada por Marx da seguinte maneira: 20 braças de linho = 1 casaco, ou, 20 braças de linho valem 1 casaco.

Para que exista uma **expressão de valor**, deve haver duas mercadorias diferentes e excludentes entre si, como polos da mesma expressão, assumindo uma **forma de valor** (a forma de valor é aquela que se expressa na relação de valor entre mercadorias): uma mercadoria que cumpra o papel da **forma relativa de valor** (as 20 braças de linho) e outra que cumpra o papel da **forma de equivalente** (o casaco)³⁸. Nenhuma mercadoria expressa seu próprio valor: “Não posso, por exemplo, expressar o valor do linho em linho. 20 braças de linho = 20 braças de linho não é nenhuma expressão de valor” (Marx, 2013, p. 174).

Assim, podemos ver que é a **relação de valor** de uma mercadoria com outra, a que põe em relevo o caráter de valor de uma mercadoria, mesmo que este já exista nela como ‘simples gelatina de trabalho humano indiferenciado’. O mesmo ocorre com os trabalhos contidos nas mercadorias, seu aspecto em comum é ser trabalho abstrato, trabalho que forma valor, que se faz evidente devido à “[...] expressão de equivalência de diferentes tipos de mercadoria [...]” (Marx, 2013, p. 177), isto é, trabalhos heterogêneos.

A forma de valor também expressa **magnitude de valor**. Na relação de valor entre mercadorias, dá-se uma equiparação qualitativa (trabalho abstrato) e, ademais, se lhe iguala, à forma relativa, uma quantidade determinada da forma equivalente: 20 braças de linho = 1 casaco.

Em síntese, entende-se que uma mercadoria contém em si uma antítese interna: ser VU e valor, que se manifesta em uma antítese externa, pois uma conta como forma relativa e outra como forma de equivalente. “A forma de valor simples de uma mercadoria é, portanto, a forma simples de manifestação da oposição nela contida entre valor de uso e valor.” (Marx, 2013, p. 191).

Assim, a forma simples de valor tem que desenvolver-se até chegar, por um lado, à forma de preço e, por outro lado, à **forma geral de valor**. Quando uma mercadoria adquire a forma de **equivalente geral**, “[...] a forma de valor relativa unitária do mundo das mercadorias ganha solidez objetiva e validade social universal” (Marx, 2013, p. 202). O **dinheiro** conquistou historicamente a função de ser equivalente geral. A **forma de preço** se torna a “[...] expressão de valor relativa simples de uma mercadoria [...]” (Marx, 2013, p. 204) na mercadoria de dinheiro: 20 braças de linho = 2 onças de ouro³⁹, ou 20 braças de linho = 2 libras esterlinas.

³⁸ Quando uma mercadoria ocupa o posto de equivalente em uma expressão de valor, não importa sua magnitude de valor (esta importa somente para a forma relativa), mas a quantidade que há dela (segundo o exemplo, o # de casacos).

³⁹ Neste apartado retomamos os valores e medidas que traz Marx como exemplo.

Até aqui podemos entender a categoria de ‘trabalho abstrato’ desenvolvida por Marx. Esta é a particularidade que assume o trabalho no MPC: trabalho humano indiferenciado que produz valores e, especialmente, **valores de câmbio**. Mas o trabalho reviste uma outra particularidade: a produção de mais-valor. No entanto, antes de entrar na compreensão dos valores de câmbio e do mais-valor, é necessário apresentar a discussão acerca do **trabalho assalariado**, e o **trabalho produtivo e improdutivo**.

Marx explica que, além da esfera da produção, para que se possa desenvolver o MPC, devem dar-se as seguintes condições: **1)** trabalhador e capitalista devem enfrentar-se no mercado como possuidores de mercadorias: “[...] a *compra e venda da capacidade de trabalho* [...] constitui [...] o *fundamento absoluto* do processo capitalista de produção e, igualmente, um *momento* desse processo produtivo [...]” (Marx, 1978, p. 36, itálicas do autor); **2)** deve configurar-se a relação capital-trabalho assalariado (denominado assim o trabalho que consiste na venda da capacidade laboral pelo mesmo trabalhador) para, logo, assegurar a produção de mais-valor. O capital, por sua parte, se lhe apresenta ao trabalho assalariado como suas próprias condições objetivas alheias a si mesmo.

Também aclara Marx que não todo trabalhador assalariado é trabalhador produtivo, mas todo trabalhador produtivo é sim trabalhador assalariado.

Sobre o **trabalho produtivo**, explica que, com o capitalismo, o produto passa de ser individual a ser um produto social ou coletivo, em outras palavras, o agente real do processo de trabalho não é o trabalhador produtivo individual, mas um “[...] *trabalhador coletivo* [...]” (Marx, 1978, p. 71, itálicas do autor) que participa diretamente do processo imediato de produção e que seu trabalho se materializa no produto total que tem como fim a produção de mais-valor e sua conseguinte transformação em capital.

Este **trabalhador coletivo** constitui um conjunto de pessoas e “[...] é absolutamente indiferente que a função de tal ou qual trabalhador – simples elo desse trabalhador coletivo - esteja mais próxima o mais distante do trabalho manual direto” (Marx, 1978, p. 72).

O conceito de **trabalho produtivo** ao mesmo tempo se amplia e se restringe. Sua ampliação dá-se pela mesma ampliação da cooperação no processo de trabalho, e sua restrição devido a que não se trata de produzir mercadorias, mas de produzir mais-valor, portanto: “Só é produtivo o trabalhador que produz mais-valor para o capitalista ou serve à autovalorização do capital [...]” (Marx, 2013, p. 706) e isto é independente do tipo de mercadoria (classes em uma escola, sapatos

etc.). O trabalho produtivo é, pois, aquele que produz mais-valor e o trabalhador produtivo é aquele que aplica sua FT para isto. Isto significa que o trabalhador produtivo é somente aquele cujo processo de trabalho pertence ao capital.

Ao falar de trabalho produtivo, então, se fala de uma relação entre o trabalho objetivado e o trabalho vivo. Nesta relação, o primeiro se converte em capital e o segundo em trabalho produtivo:

Em consequência, trabalho produtivo, é aquele que, para o trabalhador, reproduz somente o valor previamente determinado de sua força de trabalho, ao passo que em sua condição de atividade geradora de valor valoriza o capital; e *opõe* ao trabalhador os valores criados por essa atividade, na condição de *capital* (Marx, 1978, p. 75, itálicas do autor).

O autor ressalta: “A diferença entre o *trabalho produtivo* e o *improdutivo* consiste tão-somente no fato de o trabalho trocar-se por *dinheiro como dinheiro* ou por *dinheiro como capital*” (Marx, 1978, p. 79, itálicas do autor).

Na análise das profissões, estas clarezas permitem entender sua localização na divisão social e técnica do trabalho e, portanto, sua função social. Isto é de grande importância para evitar leituras simplificadas ou equivocadas, especialmente das profissões que cumprem uma função ideológica na reprodução do capital. Mesmo que a discussão que propomos não se centra na produtividade ou improdutividade de uma atividade profissional específica, mas nas funções ontologicamente postas pela reprodução social a estas atividades, parece-nos importante enfatizar que este tipo de profissões (com funções ideológicas) não devem confundir-se com o trabalho intelectual do trabalhador coletivo descrito por Marx, pois não participam no processo de produção propriamente dito. Isto quer dizer que seu papel não é a produção de bens materiais, o que não significa que a atividade ideológica não produza bens intelectuais, isto é, valor. E mesmo que o que define um trabalhador improdutivo ou produtivo é a geração de mais-valor, não é o mesmo o trabalhador que produz bens materiais (que asseguram a reprodução biológica do ser humano) do que aquele que produz bens intelectuais. Em outras palavras, as profissões de tipo ideológico não determinam a produção do valor, mesmo que possam ser produtoras de mais-valor.

Como vimos, a reprodução social não se reduz à reprodução biológica, mas já sabemos que, ontologicamente, sem a última não poderia haver a primeira. É nesse sentido específico que a diferenciação se faz indispensável: todas as atividades humanas cumprem um papel importante para a reprodução social, no entanto, não todas têm o mesmo peso ontológico. Isto nos permite

localizar corretamente as profissões com uma função ideológica dentro da reprodução do sistema do capital e, ao aprofundar no estudo delas, poderemos ver como cobram uma alta relevância neste processo, o que não pode significar, nunca, sua prioridade ontológica frente àquelas profissões localizadas diretamente na produção dos bens materiais. Para compreender melhor isto, é necessário apreender os fundamentos ontológicos do processo de produção e reprodução do capital.

3.2.O processo de produção e reprodução do capital

A base deste processo é o trabalho assalariado produtivo, isto é, aquele que produz mais-valor e que serve como meio para o processo de valorização.

O valor de troca é uma abstração dos VU, e é ali onde as coisas se convertem em mercadorias. Portanto, os VU são diferenciáveis entre si por sua qualidade (características corpóreas e utilidade) e os valores de câmbio são diferenciáveis unicamente por sua quantidade.

Lukács (2018) ressalta que com o valor de troca surge um duplo movimento contraditório: **1)** o caráter de utilidade do valor tende à universalização, intensifica seu domínio na vida humana como um todo; **2)** a utilidade se torna cada vez mais abstrata, pois o valor de troca dirige a troca entre seres humanos.

Isto evidencia que a divisão social do trabalho leva à troca de mercadorias, e este ao valor como regulador das trocas e de cada atividade econômica, explicitando o tornar-se-mais-social do ser social, mas nunca esquecendo que o valor de troca somente existe porque tem na sua base um valor de uso, isto é, um valor puramente social não significa negar a causalidade, mas afirmar o afastamento da barreira natural.

Apenas a partir da difusão cada vez mais ampla do valor de troca, é que “[...] o tempo de trabalho socialmente necessário move-se para o centro como o fundamento econômico de sua respectiva grandeza” (Lukács, 2018, p. 124). Esta é uma categoria puramente social que sempre existiu, mas somente se tornou evidente com a troca de mercadorias e se converteu na base de qualquer troca econômico-social, porque o tempo possui uma independência em relação às reações que possam ter-se frente a ele (não pode ser modificado objetivamente). Assim mesmo, entende-se que a produção se torna social com a troca de mercadorias, o que leva a um progresso da socialidade.

Agora devemos centrar-nos na produção do mais-valor pois, tal como diz Marx: **“A produção de mais-valor, ou criação de excedente, é a lei absoluta desse modo de produção”** (Marx, 2013, p. 841, negrito nosso).

Podemos começar compreendendo o **capital e o processo de valorização** ou **autovalorização**, pois o produto específico da produção capitalista é o mais-valor, o processo de trabalho é o meio, e o processo de valorização é o fim. Isto levando em conta que: Processo de produção de mercadorias = processo de trabalho + processo de formação de valor; e Processo de produção capitalista = processo de trabalho + processo de valorização.

A primeira forma de manifestação do capital é o dinheiro, entendido como produto último da circulação mercantil. O dinheiro que é capital é aquele que obedece ao movimento D-M-D (Dinheiro-Mercadoria-Dinheiro): se compra para vender, e “[...] a fórmula geral do capital [...]” (Marx, 2013, p. 299) é D-M-D’ (Dinheiro-Mercadoria-Dinheiro acrescentado). Isto em contraposição à forma M-D-N (Mercadoria-Dinheiro-Mercadoria).

O valor é o ‘sujeito’ de um processo no que ele mesmo modifica sua própria magnitude, se ‘autovaloriza’, pois, em seu movimento (sendo às vezes mercadoria, e às vezes dinheiro), agrega mais-valor. É por isto que deve considerar-se “[...] o processo de produção também como processo de formação de valor” (Marx, 2013, p. 338).

As condições sociais para que exista o dinheiro, em qualquer de suas formas (“[...] mero equivalente de mercadorias ou como meio de circulação, seja como meio de pagamento, tesouro ou dinheiro mundial [...]” (Marx, 2013, p. 316)), se dão com uma circulação mercantil que pode ser relativamente frágil. Contrariamente, para a existência do capital, é necessário, além da circulação mercantil e de dinheiro, aquilo já apontado: que o possuidor de meios de produção e de subsistência encontre o trabalhador livre para vender sua força de trabalho no mercado.

Se damos um passo mais dentro do processo imediato de produção, observa-se que o capital (C) se divide em capital constante⁴⁰ (c) e capital variável⁴¹ (v). E no final do processo de produção, surge uma mercadoria com mais-valor (p): $C=c+v$; Mercadoria= $c+v+p$. C agora é C’.

⁴⁰ “Por capital constante, adiantado para a produção de valor, entendemos sempre, salvo exceções evidentes, o valor dos meios de produção consumidos na produção” (Marx, 2013, p. 369). Portanto, entende-se que (c) não cumpre nenhum papel na formação de valor, isto porque a maquinaria, como parte do capital constante, somente transfere o valor ao produto, isto é, não cria valor, e este valor transferido é muito maior do que o conteúdo nos meios de trabalho artesanais e manufatureiros.

⁴¹ “O capital variável é, pois, apenas uma forma histórica particular de manifestação do fundo dos meios de subsistência ou fundo de trabalho de que o trabalhador necessita para sua autoconservação e reprodução, e que ele

Sabemos que o capitalista, em primeiro lugar, quer produzir valores de uso que tenham valor de troca, isto é, mercadorias⁴². Em segundo lugar, não somente quer produzir valor, mas mais-valor. Mas na produção do mais-valor existem duas magnitudes diferentes: o valor da força de trabalho e a valorização da força de trabalho no processo laboral. E o fato de o trabalhador somente precisar de, por exemplo, meia jornada de trabalho para sustentar sua vida por 24 horas, não impede que possa trabalhar uma jornada completa. Portanto, quando o possuidor de dinheiro paga ao trabalhador uma jornada laboral completa, lhe pertence o trabalho dessa jornada.

Trazemos o exemplo de Marx: em meia jornada laboral, o trabalhador produz 3 xelins, e estes são pagos pelo possuidor de dinheiro. O trabalhador trabalha agora uma jornada completa, mas o possuidor de dinheiro lhe continua pagando 3 xelins, não 6 xelins, porque são os necessários para sua reprodução de vida em um dia. O mais-valor, então, observando o “[...] processo prolongado de trabalho [...]” (Marx, 2013, p. 348), se produz da seguinte forma: se produzem 20 libras de fio em 5 jornadas de trabalho, em 4 jornadas se consume a massa de algodão e fusos (8 meia jornadas pagadas = 24 xelins) e na jornada sobrança se leva a cabo o processo de fiar (1 meia jornada paga = 3 xelins). A soma de valor das mercadorias colocadas no processo é de 27 xelins, pois: 8 meias jornadas equivalem a 24 xelins, 1 meia jornada paga a 3 xelins, tendo assim: 24 xelins + 3 xelins = 27 xelins.

No entanto, o valor total objetivado, sem levar em conta o pago ao trabalhador, é de 5 jornadas de trabalho, isto é, 30 xelins (3 xelins meia jornada x 10), 20 libras de fio = 30 xelins. Deste modo, foi agregado ao fio um valor de 3 xelins, que o capitalista não tinha antes do processo de trabalho para produzi-lo.

“Do processo de consumo da força de trabalho, que é ao mesmo tempo processo de produção da mercadoria, resultou um produto de 20 libras de fio com um valor de 30 xelins” (Marx, 2013, p. 349). Assim, o capitalista vende cada libra de fio a 1 xelim e 6 pence, sem aumentar ou diminuir seu preço no mercado. É por isto que a transformação do dinheiro em capital ocorre na esfera da produção e se opera por meio da esfera da circulação do mercado onde se compra a força de trabalho, mas não por meio da esfera da circulação do mercado de mercadorias. Ou seja, por

mesmo tem sempre de produzir e reproduzir em todos os sistemas de produção social” (Marx, 2013, p. 782). Entende-se que o valor do capital variável = valor da FT que se adquire com ele.

⁴² Cabe aclarar que o capitalista que extrai diretamente a mais-valor na esfera da produção não é o único que se apropria do mesmo. A mais-valor se fracciona e toma formas diferentes: renda da terra, interesses, lucros comerciais etc.

meio da esfera da circulação do mercado da venda de força de trabalho, se inicia o processo de valorização, mas se realiza na esfera da produção:

Ao transformar o dinheiro em mercadorias, que servem de matérias para a criação de novos produtos ou como fatores do processo de trabalho, ao incorporar força viva de trabalho à sua objetividade morta, o capitalista transforma o valor – o trabalho passado, objetivado, morto – em capital, em valor que se autovaloriza (Marx, 2013, p. 349).

O processo simples de formação de valor é aquele onde o valor da FT que foi pago pelo capital é substituído por um novo equivalente. O processo de valorização é a prolongação além do primeiro processo.

Independente de se o trabalho é simples ou complexo (qualificado), o que importa é entender que o mais-valor é resultado de um “[...] excedente quantitativo de trabalho” (Marx, 2013, p. 352). O mais-valor se produz ao realizar um câmbio de valor efetuado com (v), e (v) é a parte de C convertida em FT. Portanto: $v+p=v+\Delta v$, (v) mais o incremento de (v). É claro que, no processo de produção como tal, tanto (c) quanto (v) cumprem um papel essencial. Porém, ao analisar a criação de valor em sua forma pura, é indiferente a natureza e o valor de (c), o importante é que exista “[...] em volume suficiente para poder absorver a quantidade de trabalho a ser despendido durante o processo de produção” (Marx, 2013, p. 372).

O segundo período da jornada laboral seria o ‘tempo de mais-trabalho’, e o trabalho realizado durante esta, ‘**mais-trabalho**’; “[...] é igualmente indispensável para a compreensão do mais-valor entendê-lo como mero coágulo de tempo de trabalho excedente, como simples mais-trabalho objetivado” (Marx, 2013, p. 374). E a forma de espoliação desse mais-trabalho varia segundo as formações econômico-sociais de cada época.

Agora devemos continuar com a análise das duas formas que assume o mais-valor no processo de produção: o mais-valor absoluto e o mais-valor relativo.

Explica Marx:

O **mais-valor obtido** pelo prolongamento da jornada de trabalho chamo de mais-valor absoluto; o mais-valor que, ao contrário, deriva da redução do tempo de trabalho necessário e da correspondente alteração na proporção entre as duas partes da jornada de trabalho chamo de **mais-valor relativo** (Marx, 2013, p. 485, negrito nosso).

Quando o trabalho começa a ser realizado de maneira repetitiva e continua, aparece a exclusão recíproca entre a prolongação da jornada laboral e a intensidade do trabalho, fazendo com

que “[...] um grau maior de intensidade só seja compatível com a redução da jornada de trabalho” (Marx, 2013, p. 591). Além disso, a pressão proletária obriga ao Estado a reduzi-la. Em consequência, o capital acelera o desenvolvimento da maquinaria para produzir mais-valor relativo, o que traz, ao mesmo tempo, modificações no método de produzi-lo ao buscar que haja, no mesmo tempo, um maior gasto de trabalho.

O autor expõe que a produção do mais-valor absoluto (prolongação da FT além do necessário para a reprodução do trabalhador) tem existido em outros modos de produção como o escravista, o que o diferencia é que, no capitalismo, a exploração da FT, isto é, a forma de extrair o mais-valor é mediante “[...] **a subsunção formal do trabalho sob o capital** (Marx, 2013, p. 708, negrito nosso), isto é, a venda voluntária da FT. Esta é “[...] a forma *geral* de todo processo capitalista de produção [...]” (Marx, 1978, p. 51, itálicas do autor), isto é, o processo de trabalho como instrumento do processo de autovalorização do capital. É formal porque responde a processos de trabalho preexistentes (incluindo a modalidade do mais-valor absoluto), dos quais o capital se apropria. Esta ocorre quando o capital deixa de cumprir um papel subordinado no processo de produção, por exemplo, quando o capital exige que haja certos produtos para vender, mas ainda, quem os produz, é o produtor direto.

Por outro lado, o autor explica que, na subsunção formal “[...] não existe qualquer relação política, fixada socialmente, de superioridade e subordinação” (Marx, 1978, p. 57), por isso, a relação entre o que se apropria do mais-trabalho e o que o subministra é unicamente monetária. Esta relação dá-se porque já, efetivamente, os meios de produção e de subsistência (condições objetivas e subjetivas de trabalho) se enfrentam ao trabalhador como capital. Aqui a produtividade do capital se caracteriza pela coerção a realizar o mais-trabalho.

Nesta etapa dá-se a continuidade e a ruptura de alguns elementos. Por um lado, se utiliza a mesma tecnologia, mas, por outro: **1)** o capitalista é agora quem consome a capacidade de trabalho; **2)** aumenta a continuidade e intensidade do trabalho; **3)** se aplica uma maior economia (economia de tempo e de gasto) das condições de trabalho.

Para alcançar a subsunção formal é necessário que aumente tanto o volume do capital do capitalista individual, quanto o número de trabalhadores empregados, para que o capitalista possa parar de trabalhar. Para alcançar a subsunção real (“[...] o *modo de produção capitalista propriamente dito* [...]” (Marx, 1978, p. 58, itálicas do autor)), é necessário que capitais de certa magnitude tenham se apoderado da produção.

Com a subsunção formal: **1)** existem mestres, oficiais e aprendizes, todos compradores e vendedores, isto é, há pessoas livres e dá-se o pago de salários; **2)** a base tecnológica é a oficina artesanal, onde o instrumento de trabalho é o elemento decisivo, pois todo depende do manejo do mesmo que depende, por sua vez, da capacitação; **3)** o mestre é um capitalista enquanto possui as condições de produção e o produto lhe pertence; **4)** o mestre não é um capitalista completamente pois é um artesão que age como tal no processo de produção e que ensina a seus aprendizes esse ofício; **5)** isto leva a que o capital não adquira uma forma livre, mas uma forma vinculada a uma rama de trabalho particular, “[...] a determinada forma de *valor de uso*, e, portanto não se defronta com seus trabalhadores como *capital* [...]” (Marx, 1978, p. 61, itálicas do autor); **6)** o VU é o objetivo final, e não o valor de troca, pois a produção é limitada ao consumo prévio; **7)** a qualidade do VU e o volume do capital estão determinados pelo grêmio de mestres nesse ofício; **8)** a exploração do trabalho alheio tem como objetivo e resultado alcançar ou manter uma posição social, não o enriquecimento em si mesmo.

Se a produção capitalista não se afasta dessa relação formal, não consegue desenvolver a relação política de “[...] superioridade e subordinação” (Marx, 1978, p. 57). Isto levando em conta que são as novas relações de produção as que geram uma nova relação política.

Assim, com o mais-valor relativo, dá-se a **subsunção real do trabalho no capital**, e isto somente é possível no modo de produção capitalista. A revolução que acarreta a subsunção real é total e continua, dá-se “[...] no próprio modo de produção, na produtividade do trabalho e na relação entre o capitalista e o trabalhador” (Marx, 1978, p. 66).

Dois elementos principais aparecem na subsunção real: **1)** desenvolvimento das forças produtivas do trabalho; **2)** “[...] aplicação da ciência e a maquinaria à produção imediata [...]” (Marx, 1978, p. 66) devido ao trabalho em grande escala. Desta forma, o MPC modifica a produção material que, por sua vez, é a base que permite o desenvolvimento da relação capitalista.

Adicionalmente, a ideia da “[...] produção como fim em si mesma [...]” (Marx, 1978, p. 68-69) se desenvolve completamente com a subsunção real. O mesmo acontece com a lei do valor, pois, como lei, faz com que o capital, independente dos capitalistas individuais, procure maior produtividade do trabalho, isto é, produzir mais mercadorias com menos trabalho pago, e assim aumentar o trabalho não pago.

“O capital, portanto, não é apenas o comando sobre o trabalho, como diz A. Smith. Ele é, em sua essência, o comando sobre o trabalho não pago. [Este é o] segredo da autovalorização do capital [...]” (Marx, 2013, p. 738), isto é, o processo de criação de novo valor por meio da FT.

O processo para que uma quantidade de valor funcione como capital, se efetua em dois movimentos: **1)** na esfera da circulação, quando uma quantidade de dinheiro se transforma em FT e em meios de produção; **2)** na esfera da produção, quando os meios de produção se transformam em mercadoria (capital adiantado + mais-valor), e logo, de novo, na esfera da circulação, onde devem ser lançadas estas mercadorias: seu valor se realiza em dinheiro, logo esse dinheiro se transforma em capital, e assim repete-se sempre este processo, chamado por nosso autor como “[...] a circulação do capital [...]” (Marx, 2013, p. 777), que é abordado no segundo livro de ‘O Capital’.

Desta maneira, é evidente que o processo de produção de capital é um processo real de trabalho, onde se criam VU por meio da força de trabalho. Devido a isto, se entende que o capital é “[...] uma relação social determinada, em cujo seio os possuidores das condições de produção se defrontam com a capacidade viva de trabalho (Marx, 1978, p. 20, *itálicas do autor*). Isto quer dizer que o capital não é uma coisa.

Com estas claridades sobre a produção capitalista, podemos compreender a **reprodução do capital**, pois em qualquer sociedade é necessária tanto a constante produção quanto o constante consumo, é por isto que “[...] todo processo social de produção é simultaneamente processo de reprodução” (Marx, 2013, p. 780).

A produção contínua é chamada por Marx ‘reprodução’, e esta não se pode dar sem reconverter alguns produtos em meios ou elementos de uma nova produção, sem incorporá-los no processo de produção (‘consumo produtivo’). Portanto, o autor afirma: “As condições da produção são, ao mesmo tempo, as condições da reprodução.” (Marx, 2013, p. 780). Assim mesmo, faz uma diferenciação entre **reprodução simples** e **reprodução em escala ampliada**.

Na **reprodução simples**, isto é, reprodução sem acumulação, a continuidade do processo de produção leva obrigatoriamente a transformar todo capital em trabalho não pago. A constante e periódica conversão do dinheiro em capital é, portanto, o que se identifica como reprodução simples. Aqui opera a lei da troca. Mas a reprodução simples (com ela basta) imprime na transformação de dinheiro em capital (processo visto de forma isolada) “[...] um caráter totalmente diferente” (Marx, 2013, p. 805).

A **reprodução em escala ampliada** substitui à reprodução simples. Na primeira, “[...] o capitalista dissipa o mais-valor inteiro [...]” (Marx, 2013, p. 805); na segunda, o capitalista consome uma parte e transforma a outra em dinheiro.

Ao ver o processo capitalista de produção, e não o processo de produção de mercadorias de forma isolada, compreende-se que:

[...] o consumo individual da classe trabalhadora é a reconversão dos meios de subsistência, alienados pelo capital em troca da força de trabalho, em nova força de trabalho a ser explorada pelo capital. Tal consumo é produção e reprodução do meio de produção mais indispensável ao capitalista: o próprio trabalhador (Marx, 2013, p. 788).

Assim:

A manutenção e reprodução constantes da classe trabalhadora continuam a ser uma condição constante para a reprodução do capital. O capitalista pode abandonar confiadamente o preenchimento dessa condição ao impulso de autoconservação e procriação dos trabalhadores (Marx, 2013, p. 789).

O processo capitalista de produção, considerado na sua interdependência ou como processo de reprodução, pois, não produz só mercadorias, não produz só mais-valor, mas produz e reproduz a *relação capitalista* mesma: por um lado, o *capitalista*, por outro o *assalariado*.

Tanto a reprodução simples quanto a reprodução em escala ampliada existem em diferentes formações socioeconômicas; mas isto não é manifestado como **acumulação de capital** enquanto os meios de produção, os produtos criados pelos trabalhadores e seus meios de subsistência não sejam enfrentados a estes “[...] sob a forma de capital” (Marx, 2013, p. 819). Ou seja, a reprodução do capital dá-se por meio da acumulação. Esta é possível porque o mais-produto, ao ser o produto que se cria dentro do mais-trabalho, é um produto ‘extra’ que tem já a potencialidade de ser utilizado para gerar novo capital, isto é, capital que antes não existia. Para que estes componentes do mais-produto funcionem como capital, deve empregar-se uma “[...] quantidade adicional de trabalho [...]” (Marx, 2013, p. 798), seja pelo aumento da intensidade, da extensão ou do número de trabalhadores. No concreto, é em escala progressiva que se dá a acumulação dentro do processo da reprodução do capital.

Mesmo assim, se deve compreender que é a aplicação das “[...] leis originais da produção de mercadorias [...]” (Marx, 2013, p. 802-803), o que levou ao MPC, culminando na fase da acumulação capitalista. Existe uma sequência das fases desse movimento.

Inicialmente, já se assinalou que a venda e compra da FT corresponde às leis da troca: o possuidor compra a FT e a utiliza para o trabalhador criar um novo produto que lhe pertence ao possuidor (quem tem propriedade também sobre os meios de produção). No valor deste novo produto está incluído tanto o valor dos meios de produção que foram consumidos para sua criação quanto “[...] o equivalente do valor da força de trabalho e uma mais-valia” (Marx, 1996b, p. 218). Ao trabalhador vender sua FT, lhe é pago um valor e dele é alienado o valor de uso que produz, como em qualquer troca.

O mais-valor, em consequência, é tanto “[...] fundo de consumo individual do capitalista [...]” (Marx, 1996b, p. 224) quanto “[...] fundo *de acumulação* [...]” (Marx, 1996b, p. 224), isto é, uma parte do mais-valor é consumido como rédito, e outra parte acumulada como capital.

Para entender este ponto, devemos analisar alguns elementos desenvolvidos anteriormente, mas agora enfocados para a compreensão da acumulação: **1)** o fundo de acumulação do capital aumenta diminuindo o fundo de consumo do trabalhador; **2)** quando a FT e a terra são incorporados ao capital, este “[...] adquire uma força expansiva” (Marx, 1996b, p. 236).

Agora devem considerar-se as variações da **composição técnica do capital**⁴³, resultado do avanço do processo de acumulação, “[...] o grau de produtividade social do trabalho se expressa no volume relativo dos meios de produção que um trabalhador, durante um tempo dado, com o mesmo dispêndio de força de trabalho, transforma em produto” (Marx, 1996b, p. 254). O aumento de alguns meios de produção são consequência e o de outros é condição desta crescente produtividade do trabalho. Deste modo, tanto quantitativa quanto qualitativamente, a composição técnica do capital sofre modificações graduais, “[...] cujo fator objetivo aumenta progressivamente, em magnitude relativa, frente ao fator subjetivo” (Marx, 2008d, p. 774, tradução nossa). Igualmente, aumentam os materiais e instrumentos em contraposição com esta diminuição de trabalhadores.

O preço contém dois elementos: o valor do capital constante e o valor do capital variável. Como consequência da transformação na composição técnica do capital, a magnitude relativa do preço que representa o valor do capital constante está “[...] na razão direta [...] do progresso da acumulação [...]” (Marx, 1996b, p. 255), enquanto a outra parte do preço, o valor do capital variável, “[...] estará geralmente na razão inversa” (Marx, 1996b, p. 255).

⁴³ A composição do capital é entendida por Marx desde dois sentidos: **1)** a composição de valor, também denominada composição orgânica do capital se refere à proporção na qual o capital se divide entre valor dos meios de produção e valor da FT; **2)** a composição técnica, atendendo à proporção “[...] entre, por um lado, a massa dos meios de produção utilizados e, por outro lado, o montante de trabalho exigido para seu emprego” (Marx, 1996b, p. 245).

Entendemos, pois, que tanto o MPC quanto a acumulação do capital, exercem um impulso à transformação na composição técnica do capital e que a ampliação quantitativa da acumulação se dá também em meio de uma transformação qualitativa na composição técnica do capital.

Resumindo, podemos dizer que o primeiro fundamento do MPC é a acumulação originária. Logo, se desenvolve a produção de mercadorias em grande escala. Assim o expõe Marx: “Com a acumulação do capital desenvolve-se, portanto, o modo de produção especificamente capitalista e, com modo de produção especificamente capitalista, a acumulação do capital” (Marx, 1996b, p. 256).

O anterior está diretamente relacionado com o processo da **centralização**, que consiste em que o capital existente é distribuído, abolindo-se sua autonomia individual. Com a centralização, a acumulação completa-se, pois os capitalistas industriais ampliam as operações e com isto, as empresas, transformando “[...] processos de produção isolados e rotineiros em processos de produção socialmente combinados e cientificamente dispostos” (Marx, 1996b, p. 259). A fusão de massas de capital influencia diretamente o avanço da acumulação social.

Este processo traz uma diminuição relativa da parte variável do capital que é mais lenta do que o aumento absoluto da população trabalhadora: “[...] a acumulação capitalista produz constantemente — e isso em proporção à sua energia e às suas dimensões — uma população trabalhadora adicional relativamente supérflua ou subsidiária, ao menos no concernente às necessidades de aproveitamento por parte do capital” (Marx, 1996b, p. 261).

Com o progresso da acumulação, o aumento do capital variável significa mais trabalho, e não necessariamente mais trabalhadores:

Viu-se que o desenvolvimento do modo de produção capitalista e da força produtiva do trabalho — simultaneamente causa e efeito da acumulação — capacita o capitalista a pôr em ação, com o mesmo dispêndio de capital variável, mais trabalho mediante exploração extensiva ou intensiva das forças de trabalho individuais (Marx, 1996b, p. 266).

E continua:

Por um lado, portanto, com o avanço da acumulação, maior capital variável põe mais trabalho em ação, sem recrutar mais trabalhadores; por outro, capital variável da mesma grandeza põe mais trabalho em ação com a mesma massa de força de trabalho e, finalmente, mais forças de trabalho inferiores mediante o deslocamento de forças de trabalho superiores (Marx, 1996b, p. 266).

Vejamos mais de perto a relação dialética entre as classes sociais fundamentais no MPC.

3.3.A relação capital-trabalho: divisão do trabalho e classes sociais no modo de produção capitalista.

A **divisão social do trabalho** é uma condição essencial para o enfrentamento dos VU como mercadorias, mas não do trabalho individual de cada produtor, e sim de trabalhos privados independentes e autônomos. A DT, “[...] numa sociedade de produtores de mercadorias [...]” (Marx, 1996b, p. 172), é resultado dessa diferença qualitativa entre trabalhos úteis privados e autônomos. Portanto, é pressuposto e resultado do MPC.

Pode-se dizer que a história da sociedade, especialmente o complexo econômico, se resume ao movimento antitético entre campo e cidade, que é a base de toda DT mediada pela troca de mercadorias. A existência da cidade e seu constante desenvolvimento influi na divisão entre trabalho físico e intelectual, pois com a indústria tende a concentrar-se o trabalho intelectual e a cultura na cidade deixando cada vez mais atrás o campo. Igualmente, o número de trabalhadores agrícolas vai diminuindo: “A humanidade se afasta, portanto, cada vez mais decididamente de sua situação de partida” (Lukács, 2018, p. 138).

Sobre a separação entre trabalho manual e trabalho intelectual, o autor húngaro assinala que se encontra “[...] na mais primitiva divisão de trabalho [...]” (Lukács, 2018, p. 136), quando aparecem diferenciações entre posições teleológicas primárias e secundárias. Com o desenvolvimento do trabalho e da divisão do trabalho, as PTS podem constituir-se como um complexo dessa divisão do trabalho, ao tornar-se cada vez mais independentes. No entanto, observa-se que sua consolidação começa na cooperação simples, se desenvolve na manufatura, ao fazer do trabalhador um trabalhador parcial, e se consoma na grande indústria, separando o trabalho da ciência.

A manufatura, por um lado, “[...] introduz, portanto, a divisão do trabalho em um processo de produção ou a desenvolve mais; por outro lado, ela combina ofícios anteriormente separados” (Marx, 1996a, p. 455). Para que exista a divisão manufatureira do trabalho, é necessário que a DT dentro da sociedade tenha alcançado um patamar de madurez e desenvolvimento. Mas a divisão manufatureira do trabalho também desenvolve e multiplica. Assim como a DST é comum a todo tipo de formação socioeconômica, a divisão manufatureira do trabalho é uma criação exclusiva do

MPC, onde se dá um empobrecimento do trabalhador como força produtiva individual, frente a um enriquecimento do trabalhador coletivo, isto é, do capital.

Por outro lado, na fábrica, a divisão do trabalho dá-se da seguinte maneira: **1)** existem trabalhadores que manipulam as máquinas-ferramenta (algumas especializadas e outras do mesmo tipo e alineadas uma ao lado da outra - cooperação simples); **2)** e existem peões destes trabalhadores mecânicos que se encarregam, maioritariamente, de prover o material de trabalho às máquinas. Por outro lado, há uma classe de trabalhadores com diversas funções e especialidades encargada do controle e a reparação da maquinaria. Igualmente, criam-se profissões que não operam no trabalho manual, mas cumprem funções específicas de planificação e organização do processo de produção, incluindo o desenho dos produtos. Esta cisão, particularmente no capitalismo, teve um impacto na configuração das profissões para aumentar a produtividade do trabalho tanto manual quanto intelectual.

Deste modo, por um lado, o organismo de produção composto pelo sistema de máquinas na grande indústria aparece ante o trabalhador como uma condição material acabada e preexistente. Por outro lado, o caráter cooperativo se torna uma necessidade técnica, pois a maquinaria funciona exclusivamente por meio do trabalho coletivo. Agrega Marx (1996b, p. 41): “Daí o paradoxo econômico de que o meio mais poderoso para encurtar a jornada de trabalho se torna o meio infalível de transformar todo o tempo de vida do trabalhador e de sua família em tempo de trabalho disponível para a valorização do capital”.

É por isto que a maquinaria,

[...] agride o sistema nervoso ao máximo, ele reprime o jogo polivalente dos músculos e confisca toda a livre atividade corpórea e espiritual. Mesmo a facilitação do trabalho torna-se um meio de tortura, já que a máquina não livra o trabalhador do trabalho, mas seu trabalho de conteúdo (Marx, 1996b, p. 55-56).

“A autovalorização do capital por meio da máquina está na razão direta do número de trabalhadores cujas condições de existência ela destrói [...]” (Marx, 1996b, p. 62), gerando-se uma população supérflua de trabalhadores que, por um lado, pode entrar na luta desigual entre a antiga indústria artesanal e manufatureira e a grande indústria (na Inglaterra esta luta foi possível pelos auxílios paroquiais ao pauperismo, até que foi criada a lei de pobres em 1834), e por outro lado, coloca o preço da FT por baixo de seu valor.

Assim:

Correspondendo à massa crescente de matérias-primas, produtos semiacabados, instrumentos de trabalho etc., que a empresa mecanizada fornece com um número relativamente baixo de trabalhadores, a elaboração dessas matérias-primas se divide em inúmeras subespécies e cresce, portanto, a diversidade dos ramos sociais de produção. A empresa mecanizada leva a divisão social do trabalho incomparavelmente mais avante do que a manufatura, pois amplia a força produtiva dos setores de que se apodera em grau incomparavelmente mais elevado (Marx, 1996b, p. 76).

Podemos aproximar-nos agora um pouco mais às classes sociais fundamentais e antagônicas no MPC: o **proletariado** e a **burguesia**. Conforme Marx (1996a, p. 286): “Para que alguém venda mercadorias distintas de sua força de trabalho ele tem de possuir naturalmente meios de produção [...]” e meios de subsistência. Deste modo, uma das condições para que o possuidor de dinheiro transforme este último em capital é a existência do trabalhador livre, em dois sentidos: pessoa livre que dispõe de sua FT para a venda, e pessoa livre das condições para pôr em atividade sua FT, ou seja, carece de mercadorias para vender, e somente pode vender sua FT.

A relação entre possuidor de dinheiro e possuidor de FT,

[...] não faz parte da história natural nem tampouco é social, comum a todos os períodos históricos. Ela mesma é evidentemente o resultado de um desenvolvimento histórico anterior, o produto de muitas revoluções econômicas, da decadência de toda uma série de formações mais antigas da produção social (Marx, 1996a, p. 287).

Ao deixar de lado a esfera da circulação simples, pode observar-se que o possuidor do dinheiro é um capitalista, e o possuidor da FT é seu trabalhador. Com a divisão entre a FT e as condições de trabalho, o processo capitalista de produção reproduz e perpetua “[...] as condições de exploração do trabalhador [...]” (Marx, 1996b, p. 210) e faz com que este último pertença ao capital ainda antes de vender-se ao capitalista.

Nesse sentido, a lei da propriedade privada, fundada pela produção e circulação de mercadorias, se transtoca em lei de apropriação capitalista. A **relação trabalhador-capitalista** se disfarça sob a forma de venda e compra da FT (circulação). O conteúdo desta relação expressa que, na realidade, a propriedade aparece como o direito do capitalista de se apropriar do “[...] trabalho alheio não-pago [...]” (Marx, 1996b, p. 216) o de seu produto, e como a impossibilidade do trabalhador de se apropriar de seu produto. Como resultado se tem a divisão entre propriedade e trabalho.

A relação antagônica entre a personificação do capital -o capitalista- e a personificação do trabalho -o trabalhador- se repete continuamente na esfera da circulação. A diferença da compra e venda de mercadorias (onde o comprador se torna vendedor e vice-versa), é que esta relação se dá no mercado de trabalho. Assim, o capitalista sempre se apresenta como comprador de FT frente ao trabalhador, e este sempre como vendedor de sua FT: “Não se trata dessa *divisão social do trabalho*, nem da independência recíproca dos diversos ramos do trabalho [...], mas da *divisão* entre os *elementos* correspondente do próprio *processo de produção* mesmo e de sua *autonomização* progressiva” (Marx, 1978, p. 46, itálicas do autor).

No processo de trabalho caracterizado pelo consumo da FT por parte do capitalista existem dois fenômenos. Em primeiro lugar: “O trabalhador trabalha sob o controle do capitalista a quem pertence seu trabalho” (Marx, 1996a, p. 304). E o capitalista se encarrega de que: **1)** os meios de produção sejam utilizados para o fim que foram assignados; **2)** não haja desperdícios de matéria prima; **3)** se economizem os instrumentos de trabalho ou se evite seu desgaste sem necessidade. Em segundo lugar, “[...] o produto é propriedade do capitalista, e não do produtor direto, do trabalhador [...]” (Marx, 1996a, p. 304): o capitalista paga o valor diário da FT, assim, durante esse dia, a FT lhe pertence, ao igual que os meios de produção e o produto.

Marx expõe que o capitalista como ‘**capital personificado**’ somente é respeitado enquanto tal. Este respeito é unicamente possível se o capitalista, respondendo ao mecanismo social no que se encontra (diferente do usureiro, que atesoura por mania): **1)** tem como motor o valor de troca e seu crescimento; **2)**

[...] ele força sem nenhum escrúpulo a humanidade à produção pela produção e, portanto, a um desenvolvimento das forças produtivas sociais e à criação de condições materiais de produção, que são as únicas que podem constituir a base real de uma forma de sociedade mais elevada, cujo princípio básico é o desenvolvimento livre e pleno de cada indivíduo (Marx, 1996b, p. 225).

Finalmente, **3)** expande seu capital por meio da acumulação progressiva.

Em relação ao **trabalhador**, observamos, pelo contrário, que este tem um consumo por duas vias: o consumo produtivo dos meios de produção e de sua FT, e o consumo individual dos meios de subsistência.

No primeiro, atua como força motriz do capital e pertence ao capitalista; no segundo, pertence a si mesmo e executa funções vitais fora do processo de produção. O resultado

do primeiro é a vida do capitalista, o do outro é a vida do próprio trabalhador (Marx, 1996b, p. 204).

Por isto, para o trabalhador, o equivalente em dinheiro se lhe aparece como o preço de suas horas de trabalho, independente que este preço varie; o salário⁴⁴ é uma forma de manifestação do valor e do preço da FT que encobre a relação efetiva entre trabalhador e capitalista em uma relação jurídica. Portanto, a aparente independência do assalariado, ao trocar constantemente de patrão e ao assinar um contrato voluntariamente, faz com que não sejam evidentes os fios invisíveis que o amarram a seu proprietário. Mas quando o capitalista o acha necessário, exerce seu direito de proprietário sobre o trabalhador com leis de corte coercitivo.

No capítulo sobre a lei geral da acumulação capitalista (Capítulo XXIII de O Capital), Marx afirma que “[...] *a lei absoluta geral, da acumulação capitalista* [...]” (Marx, 1996b, p. 274, negrito nosso, itálicas do autor) é: **“Quanto maior, finalmente, a camada lazarenta da classe trabalhadora e o exército industrial de reserva, tanto maior o pauperismo oficial”** (Marx, 1996b, p. 274, negrito nosso). Isto tem como fundamento que o exército industrial de reserva cresce em proporção à magnitude absoluta do proletariado, que cresce paralelo à potência da riqueza.

Quando cresce o capital, cresce o capital variável. Se a composição não é alterada, sempre crescerá na mesma proporção à massa dos meios de produção e à massa de trabalhadores requerida para pô-los em movimento. “Acumulação do capital é, portanto, multiplicação do proletariado” (Marx, 1996b, p. 246). Assim, “[...] a população trabalhadora produz, portanto, em volume crescente, os meios de sua própria redundância relativa” (Marx, 1996b, p. 262). Esta é uma lei de população correspondente unicamente ao MPC.

Marx explica também que:

Crescimento dos meios de produção e da produtividade do trabalho mais rápido do que da população produtiva expressa-se, capitalisticamente, portanto, às avessas no fato de que a população trabalhadora sempre cresce mais rapidamente do que a necessidade de valorização do capital (Marx, 1996b, p. 274).

⁴⁴ O salário é o valor do capital variável, o preço do trabalho, isto é, é a expressão dinerária do valor do trabalho. Desde o observável e o jurídico, a troca entre capital e trabalho aparece como qualquer compra e venda: uma coisa que se troca por dinheiro. No entanto, explica Marx: o capitalista paga ao trabalhador seu salário, o qual cubre o total da jornada laboral de 12 horas: “A forma salário extingue, portanto, todo vestígio da divisão da jornada de trabalho em trabalho necessário e mais-trabalho, em trabalho pago e trabalho não pago. Todo trabalho aparece como trabalho pago” (Marx, 1996b, p. 169). Isto é diferente tanto no trabalho servil quanto no trabalho escravo. No primeiro, o servo distingue claramente entre o trabalho para si mesmo e para o senhor feudal. No segundo, todo o trabalho realizado pelo escravo aparece como se fosse para o senhor de escravos.

Assim, é segundo as necessidades da valorização, que o capital adéqua o número de trabalhadores. Por um lado, criando o exército industrial de reserva, por outro, o pauperismo e a miséria:

A acumulação da riqueza num polo é, portanto, ao mesmo tempo, a acumulação de miséria, tormento de trabalho, escravidão, ignorância, brutalização e degradação moral no polo oposto, isto é, do lado da classe que produz seu próprio produto como capital (Marx, 1996b, p. 275)⁴⁵.

Não sendo os únicos, estas contribuições teóricas de Marx que trazemos nos permitem analisar o MPC desde seus fundamentos ontológicos, para assim compreender a autovalorização e a acumulação do capital como motor e base da sociedade burguesa. É isto o que determina a organização da produção, a divisão técnica do trabalho, a separação entre trabalho manual e intelectual, as classes sociais e suas transformações, e a cultura, as ideologias em disputa, o desenvolvimento do indivíduo e de sua personalidade etc.

Do mesmo modo, é prioritário assinalar que a diversificação técnica e produtiva leva a sociedade a criar profissões muito variadas que, ainda com autonomia relativa, devem responder às necessidades da reprodução social sob o comando do capital, o que não quer dizer que apresentam uma homogeneidade em forma e conteúdo. É por isto que é necessário apreender as particularidades ontológicas das profissões no capitalismo.

3.4.Particularidades das profissões no sistema do capital

Entre os séculos XIV e XV, no marco do Renascimento, nasceu o humanismo na Itália. Manacorda (2005) explica que este último foi um movimento ideológico conservador da aristocracia, protagonizado pelos mestres livres. Propugnava, no ensino, pelo resgate da cultura clássica e a recusa dos cânones da cultura medieval. Isto significava recusar as formas tradicionais da escola e os mestres, as universidades, a classificação das ciências, as “[...] metodologias obsessivamente repetitivas [...]” (p. 277, tradução nossa), a “[...] disciplina severa até o sadismo

⁴⁵ Mais adiante (p. 84-87, p. 128-141) veremos que a necessidade de uma justificação ideológica da pobreza e a miséria aparece quando o capitalismo não pode mais esconder esta contradição inerente, é o que Lukács vai chamar de decadência ideológica da burguesia.

[...]” (p. 277, tradução nossa), as ciências naturais e a cultura popular. O autor analisa que este movimento, ao se reencontrar com a literatura grega e latina, tinha a “[...] aspiração à libertação de todas as potências criativas do homem [...]” (p. 279, tradução nossa), mas desde uma visão conservadora: “O risco e a contradição do humanismo têm sido sempre este tender ao futuro, mas referindo-se ao passado” (p. 279-280, tradução nossa).

No entanto, esta nova cultura, agora europeia, foi obrigando às universidades a se adaptarem para não perecer. E mesmo que os humanistas resgataram o desprezo da formação para a produção, surgia também um movimento anti-humanista que apontava a necessidade de dirigir o estudo às atividades econômicas, como o comércio.

Além do exposto, neste período se apresentaram importantes mudanças e eventos que foram permitindo o surgimento da educação moderna: **1)** os mestres livres deixaram de ser clérigos e passaram a ser intelectuais, sendo estes os protagonistas da educação do ‘terceiro estado’; **2)** a formação eclesiástica começou a ser dirigida para a correspondência comercial, isto é, começou a ser uma formação profissional; **3)** os mercadores, orgulhosos de seu ofício, se interessaram pela formação profissional, **4)** se formalizou a separação entre mestres elementares e professores universitários; **5)** se criaram corporações de mestres (como outra corporação de ofício), buscando regular esta atividade, **6)** se imprimiu o primeiro livro de matemáticas em 1494; **7)** se deu o fim da educação cavaleiresca.

As transformações continuaram nos séculos XVI e XVII. As necessidades próprias do capitalismo nascente trouxeram importantes transformações no campo educativo. Junto com a consolidação das cidades, a formação da classe burguesa na Inglaterra e Países Baixos, e a recusa generalizada à monarquia e a Roma, a Reforma Protestante colocava em discussão diferentes aspectos: o respeito pelo trabalho intelectual e manual, o problema da relação entre a instrução e o trabalho, a necessidade de que a instrução fosse oferecida para homens e mulheres segundo a divisão do trabalho entre sexos (as mulheres na casa, os homens no Estado), a vinculação escolaridade e instrução-governo (a educação a cargo do Estado), e o valor do conhecimento da história civil e da política. “*Educar a burguesia acomodada e não ‘abandonar’ as classes despossuídas*, esse foi o propósito do protestantismo” (Ponce, s.d., p. 77, itálicas do autor, tradução nossa).

Por sua vez, a disputa da Igreja contra a burguesia e a Reforma se intensificava:

Corresponde essa época aos melhores tempos da monarquia absoluta, e se compreende como no largo período em que a burguesia, mediana e pequena, deveu conter suas

impaciências, a educação da nobreza cortesã e da alta burguesia estivesse em mãos dos jesuítas. Porque nunca entrou em seus propósitos, vamos dizer uma vez mais, nem a educação da pequena burguesia nem a das classes chamadas ‘populares’ (Ponce, s.d., p. 78, tradução nossa).

Assim, com a contrarreforma, a Igreja criou em 1540 a Companhia Jesuíta para a educação laica, especialmente a média, de grupos dirigentes; nesta foram excluídas a história e a ciência.

Igualmente, podemos observar outros acontecimentos relevantes: na Inglaterra se impulsaram projetos para a criação de escolas profissionais para pobres, onde pudessem aprender um ofício e recebessem, além disso, “[...] uma formação cultural similar a aquela dos grupos privilegiados” (Manacorda, 2005, p. 353, tradução nossa). Em 1660 fundou-se a Royal Society, onde se realizavam palestras e debates sobre a física e a matemática experimental, da qual, onze anos depois, foi parte Newton (nesta época já havia sido instaurado o método científico, e a ciência começava a construir sua relação com o campo produtivo)⁴⁶.

Se observa então que, entre os séculos XVI e XVIII, se desenvolveram quatro correntes pedagógicas: “[...] a que expressa os interesses da nobreza cortesã, a que serve à Igreja feudal, a que reflexa os anelos da burguesia protestante, a que traduz as tímidas afirmações da burguesia religiosa” (Ponce, s.d., p. 75, tradução nossa).

Mas no século XVIII apareceu o Iluminismo como movimento ideológico que “[...] põe definitivamente em crise o humanismo” (Manacorda, 2005, p. 370, tradução nossa). Grandes mudanças constituíram a base disto: a conquista da América, o nascimento da ciência moderna e da economia política, a consolidação das línguas nacionais europeias que deslocaram o latim, o predomínio do pensamento grego sobre o romano, e a transformação de uma aristocracia monárquica a uma aristocracia democrática.

Manacorda (2005) expõe que é neste século, inclusive antes da Revolução Francesa, quando **a escola se tornou um assunto exclusivamente do Estado**; a Igreja ocupava um lugar secundário e os governantes Ilustrados começaram a reorganizar a educação para todas as pessoas no geral, desde a infância até a juventude. O autor nos lembra o dito por Maria Teresa, imperatriz da Áustria: “A instrução é, e seguirá sendo, em qualquer época, um fato político [...]” (p. 389, tradução nossa) e agrega: “Era 1760, durante a guerra dos sete anos, e Maria Teresa expressava com absoluta

⁴⁶ Veja-se que esta é a época de Bacon, Descartes e Pascal: “O *Novum Organum*, de Bacon, é de 1620; o *Discurso sobre o método*, de Descartes, de 1637; o *Fragmento de um tratado sobre o vácuo*, de Pascal, de 1651” (Ponce, s.d., p. 81, itálicas do autor, tradução nossa).

clareza uma tomada de consciência determinante na história moderna” (p. 389, tradução nossa). E é assim por um fato essencial: o nascimento da fábrica, e com ela, a supressão das corporações de artes e ofícios (o artesanato) e sua aprendizagem gremial exclusiva.

Posteriormente, o manejo da educação por parte do Estado foi também assumido pelos governantes nos Estados Unidos e na França, depois de 1789. Expõe Manacorda (2005, p. 420, tradução nossa):

Se considerarmos as conquistas ideais da burguesia revolucionária (liberal-democrática) no século XVIII no que diz respeito à instrução, as podemos sintetizar em poucas palavras: universalidade, gratuidade, estatismo, laicismo, e finalmente renovação cultural e primeira assunção do problema do trabalho.

Passando ao século XIX, observa-se a criação de escolas públicas gratuitas para os filhos dos trabalhadores, no entanto, como tem sido constatado na história da educação formal no sistema do capital, a efetivação do acesso (definido em leis) era concretamente restringido pelas condições materiais: “Era simplesmente impossível que as crianças fossem às escolas gratuitas anunciadas pelos revolucionários burgueses, quando precisavam trabalhar para garantir a subsistência” (Bispo, 2014, p. 34).

Com esta ampliação da instrução tinha-se então a educação primária para as massas, a educação superior (escolas politécnicas) para os técnicos industriais e o ensino médio (que preparava para a universidade) para os filhos dos burgueses, onde “[...] se seguia cultivando o ‘ócio digno’, isto é, esses estudos de puro enfeite que os jesuítas inculcaram em outros tempos aos nobres” (Ponce, s.d., p. 95, tradução nossa). Seguindo ao autor, entendemos que esta separação tem sua origem na extinção das corporações ou grêmios de artesãos a partir do momento em que começou a desenvolver-se a manufatura e a relação mestre-discípulo se transformou na relação patrão-trabalhador. É aqui onde a colaboração da oficina desapareceu e a formação em alguma técnica específica para a indústria ficou em mãos do trabalhador. Apesar de deixar no indivíduo a liberdade (dever e direito) de educar-se, isto não significou um descuido do Estado, mas, pelo contrário, a necessidade de garantir o que fosse necessário para o capital.

É por isto que Santos (2017, p. 65) identifica dois modelos educativos para a época: por um lado, o propedêutico, que formava em ciências, letras, oratória, “[...] entre outras disciplinas voltadas para a formação dos dirigentes e seus prepostos”. Por outro lado, o profissionalizante, que sentava bases formativas técnicas aprendidas nas oficinas.

Posteriormente, com a consolidação do proletariado e a grande indústria, novamente se observa, como exigência do capitalismo, a necessidade de continuar ampliando o acesso à instrução além do trabalho repetitivo e da aplicação direta da técnica na fábrica, permitindo a diversificação das profissões para aplicar a ciência nos processos produtivos, isto é, a conjunção entre artes liberais e mecânicas (Manacorda, 2005). É aqui onde apareceu a figura do ‘especialista’, que surgiu da divisão entre os trabalhadores da fábrica e se encarregava do controle da produção (Santos, 2017). É de ressaltar que, com a explicitação da luta de classes, as exigências da classe trabalhadora entraram na agenda pública, sempre com os limites postos pelos interesses da classe burguesa.

Se entende então, que

[...] a educação em sentido *estrito*, cumpre importante função no processo de formação da classe trabalhadora, desde o momento em que a produção industrial, não somente ocupa o lugar da produção agrícola exigindo novos conhecimentos e habilidades para o trabalho, mas acelera o processo de desenvolvimento das forças produtivas (Rodrigues, 2018, p. 113, *itálico da autora*).

É neste processo em que se deu a renovação dos conteúdos técnicos e científicos, modificando assim a universidade. Por exemplo, se pode ver que “[...] as ciências matemáticas e naturais acabam por separar-se completamente do tronco das velhas artes liberais [...]” (Manacorda, 2005, p. 451, tradução nossa) como a filosofia; se criaram as escolas de engenharia; e apareceram as escolas politécnicas, importantes para auxiliar a expansão da grande indústria no contexto do capitalismo competitivo.

A mediados deste século começou uma nova etapa para a burguesia, que tem como resultado o que chama Lukács (2015) de **decadência ideológica**. Para compreendê-la, Coutinho (2010) explica que há duas etapas principais na história da filosofia burguesa. Ambas as duas respondem ao antagonismo entre progresso e reação, próprio da sociedade burguesa, ou seja, às contradições objetivas do desenvolvimento capitalista.

A primeira etapa, a progressista, data desde os renascentistas até Hegel (1770-1831). Sua orientação estava em elaborar uma racionalidade baseada no humanismo e na dialética, e apareceu quando a burguesia representava os interesses de todas as classes contra o absolutismo feudal; a burguesia simbolizava o progresso. O capitalismo foi, em um momento determinado, uma grande revolução do curso da história da humanidade, e os pensadores progressistas compreenderam, a partir desta revolução e deste caráter progressista do capitalismo, que o real era a “[...] síntese de

possibilidade e realidade como totalidade concreta em constante evolução [...]” (Coutinho, 2010, p. 25), portanto, não procuravam uma simples classificação do existente, mas entendiam o poder infinito que tinham para apreender o devir permanente do mundo. Assim, os pensadores conseguiam ver a totalidade porque a burguesia significava essa totalidade, e havia possibilidades reais para a razão humana e para encontrar leis racionais na realidade.

Hegel, segundo Coutinho (2010), tem o mérito de sintetizar os três aspectos progressistas que caracterizam o pensamento burguês revolucionário: o humanismo (“[...] o homem é um produto de sua própria atividade, de sua história coletiva [...]” (p. 28)), o historicismo concreto (“[...] a afirmação do caráter ontologicamente histórico da realidade [...]” (p. 28)) e a razão dialética (“[...] racionalidade objetiva imanente ao desenvolvimento da realidade” (p. 28)). Isto não significa, então, que estes três núcleos apareceram em todos os filósofos progressistas individualmente, mas que, mesmo com as oposições entre eles, sempre estiveram no mesmo campo.

Mas a filosofia progressista clássica não se libertou completamente das formas ideológicas próprias do pensamento burguês nascente. Isto se deve a que, incluso com sua intenção de universalidade, o sistema capitalista já surge sobre a base da exploração do trabalho e em uma forma particular da divisão social do trabalho. Além disso, o capitalismo trouxe novas formas de objetividade intrinsecamente contraditórias. Por um lado, a ‘liberdade’ do trabalho em contraste com o trabalhador transformado em mercadoria, provocada pela nova divisão do trabalho, que representa a “[...] unificação do gênero humano” (Coutinho, 2010, p. 33). Por outro lado, o desenvolvimento da indústria marcada pela generalização da socialização do trabalho em contraste com a apropriação privada e individual dos produtos. Estas duas formas permitiram ver por primeira vez a totalidade da humanidade e encontrar as categorias contraditórias da realidade social nos pensadores progressistas.

A segunda etapa da filosofia burguesa, a decadência ideológica, começa entre 1830-1848 (Coutinho, 2010), se consolida com a revolução de 1848, e representa um momento essencial porque coloca em evidência o caráter de classe da sociedade capitalista (a luta de classes entre burguesia e proletariado aparece no cenário político e histórico da humanidade) (Lukács, 2015), assim, abandona-se a maioria das conquistas obtidas na etapa anterior e a burguesia se converte em uma classe conservadora que limita cada vez mais as possibilidades da razão porque procura, teoricamente, justificar o que existe. Marx o deixa claro no 18 Brumário: “A burguesia tinha uma

exata noção de que todas as armas que forjara contra o feudalismo voltavam seu gume contra ela, que todos os meios de cultura que criara rebelavam-se contra sua própria civilização, que os deuses que inventara a tinham abandonado” (Marx, 1956, p. 261 *apud* Coutinho, 2010, p. 22).

A tendência geral foi construir uma pseudo-história, ou seja, uma interpretação superficial, deformada, subjetivista e mística da história. Isto tem a ver com a “[...] evasão da realidade [...]” (Lukács, 2015, p. 99), onde se eliminam o materialismo e a dialética e se procura mitigar as contradições para satisfazer as necessidades econômicas e políticas da burguesia. Assim, observa-se um desprezo pelos fatos históricos e uma tendência à mistificação, que leva, aos ideólogos burgueses, a não enfrentar a luta de classes, isto é, a não procurar compreendê-la cientificamente desde as causas e a essência. Esta posição é reforçada pelo subjetivismo, que consiste em que os desejos subjetivos sejam compreendidos como a força motora da realidade.

Com isto surge uma apologética do pensamento burguês que Marx ilumina e é trazida por Lukács, entendendo que existe a apologética direta, caracterizada por trivializar e vulgarizar a análise científica do capitalismo, e a indireta, que tem sido mais sutil, pois representa uma crítica romântica ao capitalismo, que encontra problemas dentro do próprio regime, mas não com o objetivo de superá-lo, mas de ‘melhorá-lo’; ela tem se descomposto até o fascismo e representa a “[...] depravação máxima da ideologia burguesa” (Lukács, 2015, p. 105)⁴⁷.

Esta incapacidade dos pensadores burgueses de apreender a essência tem sua base, entre outras coisas, na fetichização e na alienação. O fetichismo da mercadoria se estende a todas as esferas da vida humana, com a separação do indivíduo e a comunidade. Esta seria “[...] a mais evidente consequência social da divisão capitalista do trabalho em sua fase madura” (Coutinho, 2010, p. 37). Outro fenômeno de maior importância é a burocratização de todas as atividades humanas. Ela se entende como a desconexão da ação humana da realidade através de ações mecânicas, repetitivas e formais que ‘manipulam’ o objeto, bloqueando-se “[...] o contacto criador do homem com a realidade” (Coutinho, 2010, p. 40-41). A burocratização aparece então como um

⁴⁷ A decadência ideológica também penetra, como ideologia dominante, a vida cotidiana dos seres humanos singulares, pois a enche de preconceitos que guiam a interpretação de sua realidade (Lukács, 2015). Igualmente, a arte tem sido apanhada pela decadência ideológica. Falando especificamente da literatura, Lukács (2015) explicita vários problemas que podem generalizar-se na arte: **1)** com o avanço da decadência ideológica aumentam os preconceitos do/a artista em quantidade e qualidade; **2)** “[...] a estética deste período propõe como essência da arte tendências intensamente antirrealistas [...]” (p. 123); **3)** a aparência do ser humano no capitalismo é apresentada como essência, como a única e última forma.

momento da alienação porque fetichiza alguns elementos que aparecem como reais, mas são formais.

É por isso pelo que é necessário compreender que os filósofos clássicos também foram influenciados pelos limites da divisão do trabalho, especialmente pela divisão entre o trabalho intelectual e o trabalho manual, “[...] que impediu a elaboração de uma noção materialista da práxis [...]” (Coutinho, 2010, p. 32), até o ponto de reduzir a atividade humana a uma atividade puramente espiritual (idealismo); ainda Hegel foi influenciado pela ‘positividade capitalista’ quando falou da unidade do sujeito com o objeto e do fim da história.

Em consequência, com a decadência a ciência se limita a desenvolver resultados úteis, separando a ciência da filosofia (e a ontologia e a ética da filosofia), tornando-se cada vez mais especializada, declarando a filosofia irracional e incapaz de descobrimentos científicos parciais que tenham repercussões na ontologia e na ética (Coutinho, 2010).

Paralelamente a isto, vemos que no século XIX se generalizaram e afiançaram por completo a secularização⁴⁸, a estatização⁴⁹ e a universalização da educação formal básica. Contraditoriamente, “[...] perdura o desinteresse público pela formação profissional, abandonada à iniciativa privada [...]” (Manacorda, 2005, p. 469, tradução nossa), assunto que se transformou com a aparição do capitalismo monopolista.

A criação dos monopólios foi um processo que respondeu à crise do capitalismo da livre concorrência nos anos 70’ do século XIX (Lenin, 1961). Assim, entre 1890 e 1940 o capitalismo atravessou sua fase monopolista-imperialista que consistiu na “[...] maximização dos lucros pelo controle dos mercados” (Netto, 2002, p. 10, tradução nossa).

Em termos gerais, compreende-se, seguindo a Lenin (1961), que os monopólios se constituíram em empresas que foram crescendo por meio da concentração da produção. Esta concentração se refere ao domínio de grandes empresas sobre uma infinidade de pequenas empresas, à combinação de várias ramas industriais nos monopólios e ao aumento do número de trabalhadores ocupados nas mesmas em relação à totalidade de trabalhadores em um país. Isto, por

⁴⁸ Em 1880 se instaurou plena e finalmente a educação laica, respondendo a uma espécie de acordo que evidenciava que a burguesia e a Igreja deviam seguir em uma frente comum contra a já constituída classe trabalhadora: “[...] aspirava tão somente a regulamentar nas escolas o ensino religioso para não trazer conflitos no seno de uma instituição frequentada por burgueses que professavam religiões diferentes” (Ponce, s.d., p. 99, tradução nossa).

⁴⁹ A lei fabril inglesa de 1864, discutida por Marx (1996a), é um fiel exemplo da função do Estado em relação à educação e sua organização. Mesmo que o autor aclara que esta não era cumprida por muitos empresários, são os começos desta imbricação Estado-educação formal.

sua vez, levou a uma transformação nas formas como as diversas companhias entravam no terreno da concorrência em cada país e inclusive entre países do centro do desenvolvimento capitalista como Alemanha, Inglaterra, França e Estados Unidos. Ressaltando as diferenças entre estes, Lenin (1961) assinala algumas características: **1)** ao aumentar a concentração da produção, também crescia a concentração de capital, fazendo mais difícil que novas empresas foram criadas, ao não ter o capital necessário para competir; **2)** esta ‘elite’ empresarial tinha a facilidade de tomar decisões conjuntas como a fixação dos preços e a quantidade de produtos fabricados; **3)** a produção, especialmente no que tem a ver com o desenvolvimento tecnológico e técnico, era socializada entre os monopólios; **4)** se socializavam os inventários das fontes de matérias primas existentes ao mesmo que tempo que as grandes empresas se apoderavam destas fontes; **5)** se dava uma monopolização da mão de obra qualificada e das vias e comunicações.

Este processo esteve acompanhado simbioticamente pela monopolização do capital financeiro em grandes bancos que foram absorvendo pequenos bancos locais no âmbito nacional e internacional. Ao aumentar a centralização de capital, estes bancos tinham um amplo controle sobre os monopólios empresariais pois ao ter um profundo conhecimento de sua situação econômica, definiam a negação ou concessão de créditos. Deste modo, aumentou a dependência das indústrias para os bancos e levou à criação de oligarquias financeiras por meio da especulação. É por este motivo pelo que Lenin (1961) caracteriza esta fase imperialista do capitalismo como o domínio do capital financeiro, que assegura a superioridade da oligarquia financeira em um país, mas também de uns países sobre outros, dos países com mais capital financeiro sobre os outros.

O anterior acarretou a exportação de capital dos países do centro a aqueles da periferia onde o capitalismo não tinha se implantado completamente e a suas colônias. O excedente de capital nos países mais ricos da época exigia ampliar o campo de inversão de capitais para seguir assegurando o lucro por meio dos empréstimos e a ampliação dos monopólios industriais, levando, inevitavelmente, à criação de monopólios transnacionais, um ‘supermonopolio’ nas palavras de Lenin (1961), além da repartição do mundo no nível econômico e territorial com as colônias e as semicolonias (países com certa autonomia política e com uma profunda dependência econômica)⁵⁰. Como consequência, cria-se um parasitismo em várias frentes. Por um lado, da classe rentista

⁵⁰ Lenin (1961) enfatiza que a diferença entre o imperialismo e o colonialismo na época dos monopólios e em outras épocas, é o domínio dos monopólios industriais e financeiros tanto da matéria prima quanto da mão de obra, na procura de assegurar a ampliação e reprodução do capital.

dentro dos países imperialistas, por outro, dos países imperialistas, no geral, devido à exploração nas colônias. Assim, a forma política da fase imperialista do capitalismo foi o Estado rentista.

Netto (2002) explica que nesta fase se reverteu a tendência a equalizar as taxas de lucro, resultando na produção de superlucros por parte dos monopólios (supercapitalização) levando à elevação da acumulação nos grupos monopolistas, ao aumento da taxa de influência de trabalhadores que ingressavam ao exército industrial de reserva e a que o capital acumulado encontrasse obstáculos para sua valorização. Todo isto estava acompanhado da internacionalização do capital como estratégia para enfrentar os problemas derivados destas medidas.

Já quando o capital monopolista alcançou um certo patamar de desenvolvimento, os obstáculos advindos da supercapitalização exigiram uma intervenção extraeconômica, isto é, uma intervenção estatal. Netto (2002, p. 11, tradução nossa) enfatiza que o Estado sempre agiu nas “[...] condições externas da produção capitalista [...]”, mas que nesta fase se realizaram modificações estruturais em relação à política social e à intervenção social e econômica. Para assegurar a valorização e a acumulação do capital monopolista, o Estado devia garantir as condições de reprodução e conservação da força de trabalho, mas, além disso, devia regular os níveis de consumo e “[...] instrumentalizar mecanismos gerais que garantissem sua mobilização e atribuição em função das necessidades e projetos do monopólio” (Netto, 2002, p. 13, tradução nossa).

Foi por essas mesmas necessidades, e pelas reivindicações e demandas provenientes de setores sociais (como os partidos proletários), que o Estado se viu obrigado a ampliar sua legitimação por meio da via do consenso, generalizando e institucionalizando direitos e garantias sociais; a política social pública surgiu para isto (e somente a partir deste período histórico). Esta se tornou instrumento essencial para afrontar, a favor dos monopólios, as manifestações da questão social, que agora se atendiam de forma fragmentada, aparecendo assim políticas de aposentadoria, de saúde, de emprego, de educação etc.

No aspecto técnico, assistimos, nos inícios do século XX, ao taylorismo-fordismo, que combina a administração científica, proposta por Taylor⁵¹ no final do século XIX, e a produção em

⁵¹ Braverman (1974) identifica o chamado ‘Taylorismo’ com o ‘movimento da administração científica’, que responde à organização monopolista da economia. Este consiste no “[...] controle sobre o trabalho através do controle sobre as *decisões que são feitas no curso do trabalho*” (Braverman, 1974, p. 132, cursiva do autor, tradução nossa), o qual é independente do tipo de tecnologia utilizada. Este controle deve ser feito pela gerência da fábrica (deixando ao trabalhador sem possibilidades de participação no controle do processo de produção) e, para isto, devem estudar-se as condições concretas que o permitem através da aplicação da ciência. Deste modo, Taylor propôs uns princípios para levar isto a cabo: **1)** a gerência deve colher todo o conhecimento acerca dos instrumentos e os materiais de trabalho, deixando de lado o saber dos trabalhadores; **2)** o trabalho intelectual (já separado do trabalho manual, tal como nós o

masa, desenvolvida por Ford⁵² a princípios do XX. É aqui donde, segundo Santos (2017, p. 70), a universidade se converte em uma “[...] forte aliada do desenvolvimento capitalista”.

Manacorda (2005) enfatiza que, na segunda metade do século XX, isto é, uns anos depois da II Guerra Mundial (1939-1945), se dão três fenômenos de grande peso para a educação: **1)** a criação da Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO) em 1945 e, posteriormente, a ‘Declaração universal dos direitos do homem’, aprovada na Assembleia da ONU de 1948, onde, pela primeira vez, se declara como direito universal a instrução (artículo 26). Sobre a educação técnica e profissional, a Declaração assinala que esta “[...] terá de ser generalizada; o acesso aos estudos superiores será igual para todos, em função dos méritos respectivos”; **2)** a primeira vez que a humanidade sai da terra com o Sputnik criado pela União Soviética em 1957, “[...] que parecia demonstrar a superioridade de um sistema de organização científica e educativa” (Manacorda, 2005, p. 525, tradução nossa). Podemos interpretar isto como um dos eventos científicos que marcam a hegemonia da ciência como forma de aproximação à realidade, pois demonstra, com fatos concretos, o que se pode alcançar com o conhecimento das leis naturais e a aplicação desse conhecimento; **3)** a aparição do setor juvenil e estudantil nas lutas sociais pela democratização do ensino e a necessidade de tomar postura frente a seu processo educativo e aos processos sociais no geral. Era o reclamo de uma população que não tinha sido levada em conta. E mesmo que não era a primeira vez na história que o setor estudantil reclamava e protestava contra relações educativas baseadas na desigualdade, o que Manacorda quer ressaltar é que há uma “[...] toma de consciência, por parte de grandes massas, do fato de que esta desigualdade não é mais do que um aspecto particular da desigualdade mais geral nas relações sociais” (Manacorda, 2005, p. 535, tradução nossa).

É neste período (entre 1940 e 1970) que tomou força o Estado de Bem-estar nos países desenvolvidos (desde a lógica do capital). Nestes se assistiu à ‘universalização da educação

explica Marx), agora se subdivide em diversos processos dentro da gerência. Este princípio deriva no barateamento da força de trabalho, pois a formação técnica ou profissional diminui, concentrando-a em um grupo reduzido de trabalhadores não operários; **3)** sistematização, por parte da gerência, do planejamento e o cálculo do que se faz, do como se faz e do tempo requerido e exato que exige uma tarefa específica.

⁵² Gounet (2002) explica que o fordismo propus a produção em masa, que consistia na racionalização do tempo nas operações dos trabalhadores por meio de três transformações essenciais na produção: **1)** parcelamento de tarefas no sentido taylorista, levando à desqualificação do trabalhador devido à repetição de movimentos sem necessidade de compreender o processo em seu conjunto; **2)** instalação de uma cadeia rodante (linha de produção) onde os trabalhadores estão localizados um ao lado do outro, o que permite que a empresa marque o ritmo de produção para controlar, já não somente o trabalho individual, mas o trabalho coletivo; **3)** controle direto de todo o processo de produção desde a fabricação de peças até a ensamblagem final (integração vertical), com a finalidade de padronizar as peças e os modelos aos que pertenciam.

superior’ que se instaurou estatalmente, mas que esteve longe de efetivar-se na realidade. Este elemento o desenvolve Rodrigues (2018) trazendo diferentes autores⁵³ que demonstram, por um lado, que o acesso à educação superior foi majoritário nas classes dominantes, e por outro, que estas mesmas classes eram as que tinham acesso às ‘melhores universidades’. Em outras palavras, está se falando de que a educação no sistema do capital (tal como no escravismo e no feudalismo) é uma educação de classe.

No apartado anterior recorremos os postulados de Marx acerca do exército industrial de reserva e da necessidade do capital de ter uma quantidade de trabalhadores/as disponível para suas exigências de reprodução. Podemos ampliar o exposto por Marx ao conjunto de trabalhadores/as assalariados/as, entendendo que estas exigências vão além do campo da produção industrial e se ampla às diferentes ramas da cadeia produtiva: produção, distribuição, troca e consumo. Desta maneira, trabalhadores/as que tenham uma preparação profissional e que estejam disponíveis no mercado de trabalho também se convertem em um requisito do capital. Isto explica o já falado sobre a expansão da educação a todas as classes sociais e a intervenção do Estado para alcançar tal fim.

Nos anos 70, a ‘época de ouro’ do capitalismo, isto é, o taylorismo-fordismo e o Estado de Bem-estar, passa por um processo de reordenamento que acarreta uma etapa de reestruturação produtiva e laboral do capital, produto do que Mészáros vai chamar de crise estrutural do capital. Lemos e Maceno (2012, p. 181) nos explicam:

O processo de centralização e concentração de capital em sua fase monopolista eleva os níveis de capital constante na mesma proporção em que reduz a participação do capital variável nas unidades produtivas. Isso proporciona aos que saem na frente quanto à incrementação tecnológica uma taxa de exploração diferencial, uma vez que cresce a produtividade do trabalho vivo. No entanto, essa diferença tende a ser equilibrada quando a concorrência equaliza a sua defasagem tecnológica. Esse movimento, ativado de modo simultâneo por todos os capitais aplicados na produção, eleva o patamar produtivo a níveis extraordinários, todavia numa circunstância de eliminação de trabalho vivo, ou seja, de redução de potenciais consumidores. Como consequência, além do desemprego estrutural, tem-se um cenário de superprodução ancorado na queda tendencial da taxa de lucro e do padrão de acumulação capitalista. É nomeadamente a queda tendencial da taxa de lucro que caracteriza a crise do capital.

Neste texto, os autores também expõem sucintamente os postulados de Mészáros sobre as razões pelas quais o capital se encontra em sua crise estrutural, e não mais em uma crise cíclica.

⁵³ Miliband, 1969 *apud* Lessa, 2013; Lessa, 2013.

As formas como o capital tem superado as anteriores crises se caracterizam pelas ‘estratégias de deslocamento da crise: expansão dos ramos de produção, expansão territorial, obsolescência programada e taxa de utilização decrescente das mercadorias⁵⁴. Estas estratégias não podem ser a resposta à crise estrutural porque esta já não pode deslocar seus limites absolutos colocados a sua reprodução: o “[...] antagonismo entre o capital transnacional e os Estados nacionais [...]” (Lemos e Maceno, 2012, p. 183); a possibilidade real da extinção das condições naturais para a existência humana (base natural necessária para qualquer formação social); e a impossibilidade da igualdade substantiva (as lutas sociais se encontram com a barreira do capital, pois este não pode assegurar nem a liberdade nem a igualdade exigida).

Da crise se deriva a resposta do Estado, eliminando grande parte de sua intervenção em aspectos sociais e na garantia de direitos como a saúde, o emprego, a moradia, a educação etc. Por isto não é possível dizer que há uma redução do papel do Estado, mais sim uma diminuição de sua intervenção social. É por isto que, baseado na ideologia neoliberal, o Estado e os diferentes organismos ao redor da educação formal, propõem

[...] como uma de suas funções o desenvolvimento da competência empreendedora do indivíduo, disseminando a ideia de que a grande massa de trabalhadores desempregados, seja porque foram demitidos, seja porque nem sequer tiveram acesso ao emprego, pode redimir-se através do empreendedorismo individual. Essa é a relação que o capital estabelece com a educação pela via da política de Estado, ao revelar que a saída encontrada no momento é preparar a juventude sem perspectiva de emprego, ou seja, de trabalho assalariado, para o desemprego ou subemprego em atividades terceirizadas, geralmente pela via de contratos temporários e baixo valor remunerativo (Rodrigues, 2018, p. 142).

Resultado também da crise estrutural, a lógica empresarial de lucro e eficiência é profundamente introduzida no âmbito das instituições de educação formal, e mesmo que as universidades privadas existiram antes da reestruturação produtiva⁵⁵, se observa um retrocesso

⁵⁴ Para aprofundar, sugere-se retomar Mészáros, 2010.

⁵⁵ Más adiante (p. 93-100) analisaremos a oferta acadêmica a partir de uma mostra das melhores universidades do mundo segundo o ranking QS. As universidades que se encontram nos primeiros 6 postos são privadas e foram fundadas antes do século XX, ou em seus inícios: o Instituto Tecnológico de Massachusetts ou MIT por suas siglas em inglês (1861), a Universidade de Cambridge (1209), a Universidade de Stanford (1885), a Universidade de Oxford (1096), a Universidade de Harvard (1640), o Colégio Imperial de Londres (1907), e o Instituto Tecnológico de California ou Caltech (1891). Como vemos, Cambridge e Oxford são as mais antigas, foram criadas na Idade Média e permaneceram no tempo. Lembremos que a educação universitária, no momento da consolidação da escola pública, se deixa em mãos de privados (Manacorda, 2005).

frente à universalização (pelo menos formal) da educação profissional⁵⁶. É a partir deste momento em que as mesmas instituições devem entrar nesta lógica para não perecer, independente de que sejam privadas ou públicas. Em outras palavras, a educação se torna um negócio.

Até aqui podemos reconhecer que o percurso histórico com os e as autoras nos permite observar generalizações importantes sobre a dinâmica histórica das universidades e as profissões. Também realizamos uma aproximação sucinta às profissões no marco da atual crise estrutural do capital, que permite vislumbrar alguns caminhos de análise, no entanto, reconhecemos a necessidade de aprofundar na investigação concreta da função das profissões, e especialmente daquelas localizadas no complexo ideológico, em relação às exigências do capital a elas e seu espaço de manobra.

Para obter um marco atualizado e assinalando as limitações de nosso estudo, consideramos que a análise da oferta acadêmica das universidades no nível mundial hoje (2023), oferece clarezas para continuar apreendendo nosso objeto.

3.4.1. Uma aproximação à oferta acadêmica profissional no mundo

Para esta aproximação, tomamos o Ranking QS de universidades do mundo. Este é realizado pela empresa QS Quacquarelli Symonds, levando em conta seis critérios com pesos percentuais: reputação acadêmica⁵⁷ (40%), reputação laboral (10%), proporção faculdade/aluno (20%), citações por faculdade (20%), proporção de estudantes internacionais (5%), e proporção de faculdades internacionais (5%). Retomamos este ranking porque oferece uma visão hegemônica da educação profissional na atualidade, o que nos permite realizar algumas generalizações para compreender diferentes aspectos da oferta profissional no nível mundial.

O ranking QS 2023 está composto por 1422 universidades de 100 países. Realizamos uma amostra⁵⁸ de 94 universidades para analisar a oferta acadêmica no nível mundial. Deste modo,

⁵⁶ Isto indica a dependência que a educação de caráter estrito tem com a economia e as formas como, particularmente no modo de produção capitalista, a educação formal vai respondendo às necessidades do capital e não ao contrário. Esta discussão será aprofundada posteriormente (Seção 4, p. 117-120).

⁵⁷ Sobre a reputação acadêmica explicam: “[...] procura responder à poderosa pergunta de quais universidades estão realizando pesquisas de classe mundial. A resposta a esta pergunta não ilumina somente a qualidade da pesquisa, mas também a força da universidade para comunicar essa pesquisa e a força do impacto que tem a pesquisa em todo o mundo” (QS Quacquarelli Symonds, 2023, tradução nossa).

⁵⁸ A amostra foi selecionada com uma margem de erro de 8% e um nível de confiança de 89%. Se procurou ter representação dos 5 continentes, elegendo 10 universidades por região (Norte América, Centro América, Sulamérica, Europa ocidental, Ásia, Oceania, Europa do Este, Médio Oriente e África), exceptuando Sulamérica (11

coletamos informação das ‘melhores universidades’ do mundo. Na seguinte tabela encontra-se a relação entre o continente, região ou país, o número de universidades neste e a primeira aparição no ranking.

Tabela 1 – Relação do número de universidades em cada continente, sub-região ou país e sua primeira aparição no Ranking QS

CONTINENTE, SUB-REGIÃO OU PAÍS	# de universidades	Primeira aparição no ranking
Estados Unidos	201	Posto 1
Reino Unido	89	Posto 2
23 países de Europa Ocidental excluindo o Reino Unido	261	Posto 9, Suíça
16 países de Asia, excluindo a China, Japão, e os países que pertencem ao Médio Oriente (Barein, Irã, Iraque, Israel, Jordânia, Kuwait, Líbano, Omã, Palestina, Catar, Arábia Saudita, Síria, Emirados Árabes Unidos) e a Europa do Este (Armênia, Azerbaijão, Geórgia, Cazaquistão, Turquia)	200	Posto 11, Singapura
China	71	Posto 12
Japão	50	Posto 23
2 países de Oceania	46	Posto 30, Austrália
Canadá	31	Posto 31
Rússia	48	Posto 75
8 países de Centro América	47	Posto 104, México
10 países de Sulamérica	143	Posto 115, Brasil
13 países de Europa do Este, excluindo Rússia	128	Posto 150, Cazaquistão
15 países do Médio Oriente	87	Posto 181, Emirados Árabes Unidos
7 países de África, excluindo Egito	18	Posto 237, África do Sul

Fonte: elaborado pela autora (QS Quacquarelly Simonds, 2023)

É necessário esclarecer vários aspectos do ranking.

Em primeiro lugar, se identifica que os primeiros 7 postos do ranking são ocupados por universidades dos Estados Unidos e do Reino Unido, a saber: **1)** Instituto Tecnológico de Massachusetts (EU); **2)** Universidade de Cambridge (Reino Unido); **3)** Universidade de Stanford (EU); **4)** Universidade de Oxford (Reino Unido); **5)** Universidade de Harvard (EU); **6)** Colégio Imperial de Londres (Reino Unido); Instituto Tecnológico de California (EU).

Em segundo lugar, ressaltamos que os últimos postos pertencem a universidades localizadas em países como Marrocos, România, Chile, Colômbia, Honduras, México, Bolívia, Equador, Sudão, Turquia, Brasil e Síria.

universidades) e Europa Ocidental (13 universidades). Isto devido a que são regiões onde aparecem uma grande quantidade de universidades na maioria dos países que as conformam, diferente da África e da Oceania.

Como terceiro ponto, observamos que as universidades dos Estados Unidos podem ser encontradas em postos altos, meios e baixos do ranking. E por último encontramos que, no geral, todos os países ou regiões têm universidades localizadas em postos baixos.

Logo de eleger a amostra, procurando selecionar países de todas as regiões e sub-regiões, se realizou uma classificação das profissões ofertadas a partir dos fundamentos ontológicos brindados por Lukács, e desenvolvidos na Seção 2: cada profissão foi localizada em um complexo parcial, encontrando quatro complexos parciais que abrigam a oferta acadêmica destas universidades: ciência, ideologia, economia e saúde. Isto evidencia a estandardização da oferta de programas acadêmicos das universidades.

A esquematização da informação foi necessária, reconhecendo que é fundamental a análise concreta dos conteúdos oferecidos no plano de estudos de cada programa e de seus espaços sócio-ocupacionais, além de aprofundar nas bases ontológicas de cada profissão, para assim reconhecer o momento predominante entre seus elementos internos, a função dessa profissão dentro do complexo parcial, a relação entre espontaneidade e participação consciente etc. Igualmente importante é levar em conta que esta classificação não exclui o fato de que entre os complexos parciais e, neste caso, entre seus especialistas, há relações constantes. Isto quer dizer que as relações entre complexos são necessárias e inevitáveis, especialmente com a esfera econômica, mas, além disso, a análise concreta também permite apreender o momento predominante nestas relações⁵⁹.

É por esta razão que é indispensável esclarecer que:

- As matemáticas se classificam no complexo da ciência por sua função nas ciências exatas (física, química, biologia, astronomia, estatística, geologia, dentre outras), reconhecendo que este campo de conhecimento não tem como base, necessariamente, a recollecção e a análise de dados empíricos.
- No caso da programação computacional ou os sistemas, eles podem relacionar-se com o complexo da ciência, pois cumprem a função de aportar ao desenvolvimento científico a partir de modelos computacionais. Aqui encontramos ofertas como Ciência da Computação, Astronomia Computacional, Bioinformática, Física computacional etc.

⁵⁹ Como exemplo podemos tomar aquelas/os profissionais que exercem a docência universitária. Sua ocupação laboral se localiza no complexo da educação, mas sua função principal é difundir o conhecimento da profissão na qual se formaram, portanto, o momento predominante é sua profissão e não seu exercício no complexo educativo. O mesmo ocorre quando tem profissionais que se dedicam à pesquisa em sua área: se desempenham no complexo da ciência, mas sua função central é aportar ao desenvolvimento de conhecimento de sua profissão específica.

Por outro lado, sua aplicação também pode estar aunada a processos produtivos, de engenharia, econômicos e financeiros; neste caso, a função dos sistemas cobra vida no complexo econômico.

Também é preciso esclarecer que com a tipificação de algumas profissões no complexo ideológico não procuramos fazer uma generalização formal acerca de suas funções, mas uma aproximação que abra caminhos para análises concretas sobre elas.

Na seguinte tabela se apresentam os dados colhidos discriminando as ofertas e profissões totais, as que têm presença no 50% das universidades da amostra, as que estão no 75% e as que estão em menos do 25%. Por sua vez, estão classificadas segundo o complexo parcial onde tomam vida.

Tabela 2 – Total de ofertas e total de profissões discriminado por complexo parcial

	Total	Presença no 50%	Presença no 75%	Presença em menos do 25%
Total ofertas/Total profissões	5386/640	1245/15	2775/53	2611/587
Complexo ideológico: Total ofertas/Total profissões	2216/248	469/6	1156/23	1060/225
Complexo da ciência: Total ofertas/Total profissões	1057/125	439/5	620/10	437/115
Complexo econômico: Total ofertas/Total profissões	1655/260	337/4	724/13	931/247
Complexo da saúde: Total ofertas/Total profissões	458/62	0/0	275/7	183/55

Fonte: elaborado pela autora (QS Quacquarely Simonds, 2023)

Do anterior temos que:

- Do total de ofertas existentes no 75% das universidades, o 42% se localizam no complexo ideológico, o 26% no econômico, o 22% no científico e o 10% no da saúde. Assim, mesmo que a maioria das profissões se encontram no complexo econômico (40%), pode afirmar-se que, em termos absolutos, existe uma maior presença de ofertas de profissões com uma função ideológica.
- Há 15 profissões que estão mínimo na metade das universidades, somando um total de 1245 ofertas, correspondendo ao 23% do total da oferta e o 2% das profissões. Mais do

50% das ofertas (51.5%) se encontram no 75% das universidades com um total de 53 profissões (8%) e 2775 ofertas.

- Neste 75% encontramos 22 subáreas. 8 profissões pertencem à subárea de ciências sociais, 7 a ciências exatas, 6 a saúde, 4 a artes, 4 a engenharia, 3 a idiomas, 3 a administração, 2 a jornalismo e comunicação, 2 a finanças, 2 a ciências aplicadas⁶⁰, e 1 a cada uma das seguintes subáreas: economia, modelos computacionais, direito, arquitetura, política, farmácia, letras, produção, negócios, pedagogia e relações.

Na tabela seguinte podemos detalhar isto:

Tabela 3 – Classificação de número de ofertas por complexo parcial

#	Complexo	Subárea	Profissão	# de universidades onde se encontra	# total de ofertas
1	Economia	Economia	Economia	74	99
2	Ciência	Ciências exatas	Matemáticas	67	83
3	Ideologia	Ciências Sociais	Psicologia	64	86
4	Ciência	Ciências exatas	Física	63	76
5	Ciência	Modelos computacionais	Ciência da computação	61	106
6	Ciência	Ciências exatas	Biologia	61	96
7	Ciência	Ciências exatas	Química	59	78
8	Ideologia	Ciências Sociais	História	57	97
9	Ideologia	Direito	Direito	56	69
10	Economia	Arquitetura	Arquitetura, planejamento e urbanismo	55	110
11	Ideologia	Artes	Música	54	105
12	Economia	Engenharia	Engenharia mecânica	54	61
13	Ideologia	Ciências Sociais	Filosofia	54	58
14	Economia	Engenharia	Engenharia civil	51	67
15	Ideologia	Política	Ciência política	48	54
16	Economia	Engenharia	Engenharia elétrica	42	45
17	Ideologia	Idiomas	Idiomas	40	80
18	Saúde	Saúde	Enfermaria	40	41
19	Ideologia	Ciências Sociais	Sociologia	39	48
20	Economia	Engenharia	Engenharia química	39	40
21	Ideologia	Ciências Sociais	Geografia	38	49
22	Ideologia	Jornalismo e comunicação	Comunicação	36	56

⁶⁰ Refere-se a aquelas profissões que utilizam várias ciências exatas para entender um campo específico da natureza.

#	Complexo	Subárea	Profissão	# de universidades onde se encontra	# total de ofertas
23	Saúde	Saúde	Medicina	36	40
24	Saúde	Farmácia	Farmácia	29	31
25	Economia	Administração	Administração	34	49
26	Ciência	Ciências exatas	Estatística	33	40
27	Ideologia	Ciências Sociais	Antropologia	33	42
28	Ideologia	Artes	Teatro	32	46
29	Ideologia	Letras	Literatura e letras	32	52
30	Economia	Finanças	Finanças	32	37
31	Economia	Produção	Produção agrícola e de animais	31	78
32	Saúde	Saúde	Nutrição e dietética	31	34
33	Ciência	Ciências aplicadas	Meio ambiente	32	46
34	Economia	Negócios	Negócios e negócios internacionais	30	43
35	Saúde	Saúde	Especialidade médica	30	65
36	Ideologia	Artes	Artes	30	40
37	Ideologia	Idiomas	Inglês	29	37
38	Ciência	Ciências aplicadas	Ciência da terra	28	37
39	Ideologia	Ciências Sociais	Serviço Social	27	28
40	Economia	Administração	Gestão	27	36
41	Ciência	Ciências exatas	Geologia	27	27
42	Ideologia	Pedagogia	Educação	27	33
43	Economia	Finanças	Contabilidade	27	29
44	Ideologia	Relações	Relações internacionais	26	31
45	Saúde	Saúde	Odontologia	27	38
46	Ideologia	Idiomas	Linguística	26	27
47	Ciência	Ciências exatas	Arqueologia	26	31
48	Ideologia	Artes	História da arte	25	26
49	Ideologia	Ciências Sociais	Ciências Sociais	26	30
50	Economia	Administração	Administração de negócios	25	30
51	Ideologia	Religiões	Religiões	24	35
52	Ideologia	Jornalismo e comunicação	Jornalismo	23	27
53	Saúde	Saúde	Deporte e educação física	23	26

Fonte: elaborado pela autora (QS Quacquarelly Simonds, 2023)

- A profissão com mais ofertas (110) é a de Arquitetura, planejamento e urbanismo, pertencente ao complexo econômico, lhe seguem Ciência da Computação com 106 no

complexo da ciência, Música com 105 no complexo ideológico, Economia com 99 no complexo econômico e História com 97 ofertas, no complexo da ideologia.

- Sobre as profissões que têm presença em menos do 25% das universidades, encontramos que, das 28 subáreas, existem 6 que não se encontram no restante: arquivo, ciências da saúde, mundo, setor público, sistemas e veterinária.

Com os achados apresentados faz-se evidente a tendência atual à standardização da educação superior universitária. Esta se reflexa em dois fatos: **1)** todas as profissões podem enquadrar-se em quatro complexos parciais; **2)** somente o 8% do total das profissões que dominam a oferta e o consumo acadêmico estão no 75% das universidades.

A variedade de profissões oferecidas também nos oferece chaves interessantes acerca das necessidades da reprodução social, pois apesar de que o complexo ideológico tem uma preponderância nas ofertas, isto é, as profissões que mais se ofertam operam neste complexo, a ciência e a economia têm uma presença significativa.

No entanto, é indiscutível que existe uma profunda necessidade de formar profissionais que cumpram funções ideológicas, isto reflexa que o complexo ideológico tem se tornado preeminente para a reprodução do sistema do capital? A pergunta refere à relação educação universitária-sociedade: esta tendência na educação universitária pode refletir uma tendência geral da reprodução social?

Por outro lado, o achado sobre as profissões ofertadas no 75% das universidades relacionadas com a arte (Música, Teatro, Artes no geral e História da Arte), suscita vários interrogantes: qual a função que cumpre a arte como profissão? Qual a importância da profissão de História da Arte na reprodução social? É claro que a arte como complexo parcial deve diferenciar-se da profissão de artista ou músico ou licenciado em teatro, não obstante, como foi mencionado em páginas anteriores, somente análise concretas poderão ajudar a determinar os conteúdos curriculares destes programas acadêmicos para assim identificar a função social que cumprem as profissões localizadas no complexo da arte⁶¹.

⁶¹ Isto se inscreve na discussão posta por Lukács (2018) sobre a arte e a filosofia como ideologias puras. Para o autor, este tipo de ideologias não pode causar nem causam nenhum efeito sobre a economia e podem, ou não, ter um caráter desfetichizante, mas sua tendência geral é ser indicadoras do futuro no que se refere à genericidade e à individualidade; resultam de generalizações elevadas que permitem dirimir conflitos nos dois polos do ser social (ser humano singular e sociedade) e abrir possibilidades para o ser-para-si. Especificamente falando da arte, seu objeto central é o como o ser humano se forma em individualidade genérica, utilizando a antropomorfização consciente a partir das posições de finalidade para desencadear determinados afetos em outros seres humanos. Segundo Lukács, existe uma arte autêntica que busca desvelar a forma como o ser humano vive seu destino genérico, ela se eleva da

Agora é necessário trazer outros elementos de análise sobre a educação profissional na atualidade. Maceno (2017, p. 128) aponta que ela contém três grupos populacionais diferentes. No primeiro e segundo se localizam os trabalhadores assalariados produtivos e improdutivos, abarcando tanto a classe proletária quanto a pequena burguesia. O terceiro grupo está conformado pela classe possuidora dos meios de produção e por aquelas pessoas que têm cargos diretivos, elas também recebem formação profissional, mas dirigida à “[...] gestão e controle sobre seu capital e sobre sua força de trabalho”.

Apesar desta diversidade, é evidente que a maioria das profissões oferecidas atualmente apontam à qualificação do/a trabalhador/a assalariado/a, seja como parte da produção (trabalho intelectual), ou como parte da saúde, da economia, da ciência ou da ideologia. Assim, encontram-se aquelas universidades privadas que formam a classe dirigente, e no outro extremo, a exigência ao/à próprio/a trabalhador/a assalariado/a de estar em constantes processos de qualificação profissional (especializações, diplomados, estudos pós graduais, cursos etc.) “[...] para aqueles que pretendem ingressar no mercado de trabalho, ou permanecer nele” (Rangel, 2016, p. 277).

Igualmente, é notável que esses dois modelos educativos instaurados no século XIX (propedêutico e profissionalizante) vão se borrando, obrigando à coexistência de vários modelos:

[...] aquele que prepara os descendentes da elite para garantir a manutenção e o controle do poder econômico e político; um capaz de garantir a formação de mão de obra qualificada, ou seja, especialistas no domínio das tecnologias, cientistas que se encarregarão de produzir grandes invenções tecnológicas e garantir o desenvolvimento dos meios produtivos, bem como intelectuais responsáveis por disseminar a ideologia burguesa; existem ainda escolas que preparam mão de obra barata, necessária à manutenção do sistema produtivo; e aquelas que cumprem a importante função de não preparar para nada, ou seja, preparam para o desemprego, para a informalidade (Santos, 2019, p. 114).

Há então uma evidente contradição ideológica e educativa da sociedade burguesa: a universalização da educação termina servindo aos interesses particulares do capital, isto é, a burguesia “[...] particulariza seus interesses educacionais; mas afirma que os universaliza” (Santos,

particularidade (*partikularen*) à individualidade. Surge da necessidade do indivíduo, como ser genérico, de conhecer-se, de ter clareza sobre si mesmo e objetivar suas paixões quando o nível de desenvolvimento não o permite. Mas existem outras formas de arte que não têm o papel de dirimir estes conflitos; é o caso daquelas representações artísticas das “[...] particularidades [*Partikularitäten*] passageiras [...]” (Lukács, 2018, p. 472), que, passageiramente, podem cumprir o papel de dirimir conflitos atuais. Portanto, a qualidade artística é o pressuposto geral dos efeitos duradouros do complexo da arte, mas a cadeia concreta de alternativas é determinada pelo desenvolvimento social, que coloca os conflitos a ser dirimidos na época. Com isto não estamos assegurando que estas profissões sejam ideologias puras per se, mas que cumprem funções ideológicas relacionadas com a ideologia pura.

2017, p. 64). Isto ocorre porque, pela primeira vez na história, a educação formal se converte em elemento fundamental para a reprodução de um modo de produção, especialmente devido à garantia do desenvolvimento das forças produtivas (Bispo, 2014) e, como veremos na Seção 4, à reprodução ideológica dele.

Desde outra arista, Rodrigues (2018, p. 115) aponta o papel do Estado na institucionalização da educação formal:

O Estado, ao estar visceralmente comprometido com a reprodução do capital, e este ter como base de sustentação o trabalho alienado, explorado, que outra função pode exercer, senão a de preparar a classe trabalhadora para transformar sua força de trabalho em mercadoria com valor de uso para o capital? Ou seja, adequar a força de trabalho às necessidades do modo de produção vigente.

Tal como vimos em Manacorda (2005), a universalização e expansão da educação responde a estas necessidades. Este processo tem como uma de suas bases as políticas sociais educativas, a partir das quais o Estado organiza a oferta escolar e universitária⁶².

⁶² Isto não quer dizer que a economia deixe de ser o momento predominante em sua relação com o Estado, ou na relação entre complexos parciais. O que se procura indicar é que o Estado, no sistema do capital, cumpre uma função essencial na educação de caráter estrito, especificamente na educação formal.

SEÇÃO 4

4. A IDEOLOGIA E AS PROFISSÕES NO SISTEMA DO CAPITAL

Nesta Seção nos adentramos na elucidação das profissões que cumprem funções ideológicas precisas para a reprodução do sistema do capital. Já observamos as particularidades das profissões no capitalismo em relação à oferta nas universidades mais reconhecidas mundialmente (claramente com padrões dos países do centro econômico), o que nos permitiu ver a preponderância daquelas com uma função ideológica. É neste sentido que reconhecemos sua centralidade na manutenção das formas de legitimação do sistema. No entanto, afirmamos que, a partir da relação dialética entre espaço de manobra e autonomia relativa, as profissões podem tomar posições de crítica e defesa dos interesses das classes subalternas, refletindo esta disputa e suas tendências. Desta forma, propomos uma rota de análise sobre as profissões com uma função ideológica e as contradições que apresentam nas possibilidades e limites para a construção de caminhos para a emancipação humana.

Para isto, em um primeiro momento, trazemos os postulados de Lukács acerca da ideologia como complexo social, a função que cumpre na reprodução social e sua relação com o desenvolvimento econômico, para assim apreender os fundamentos ontológicos da ideologia, compreendendo seus dois sentidos: concreto e estrito.

Em um segundo e último momento nos concentramos nas profissões com funções ideológicas em quatro vias: **1)** as relações entre os complexos parciais da educação, a ciência, a divisão social do trabalho, as classes sociais e o Estado com as profissões, no geral e no capitalismo; **2)** as relações entre a decadência ideológica, a ciência e a vida cotidiana; **3)** os desafios para as profissões com funções ideológicas na construção de caminhos para a emancipação humana; e **4)** uma aproximação de análise concreta dirigida ao Serviço Social como profissão que cumpre funções ideológicas.

4.1.A ideologia como complexo parcial e suas funções na reprodução do ser social

A apreensão da ideologia como complexo parcial parte do exposto por Lukács (2018), especialmente no capítulo da Reprodução (retomado neste trabalho, no apartado 2.2.). Mesmo que,

como mencionamos na Introdução, o autor não utiliza a categoria de ‘complexo ideológico’, consideramos que ela é válida. Lembremos que dentro de cada complexo parcial há uns elementos próprios que somente podem existir e somente têm sentido se são componentes do complexo parcial e têm uma função nele. Isto, além da satisfação de necessidades sociais concretas, a aparição de especialistas dentro da DT, a autonomia relativa, e a função colocada pelo ser-precisamente- assim de cada momento histórico, conformam a base de todo complexo parcial.

Seguindo com nosso autor, entendemos a categoria da **ideologia** como “[...] aquela forma de elaboração intelectual da realidade a qual serve para fazer consciente e capaz de ação a práxis social dos seres humanos” (Lukács, 2018, p. 398). Deste modo, como complexo parcial, a esfera da ideologia tem específicas particularidades.

Lukács se centra nas séries causais que as posições teleológicas põem em andamento e na forma como estas afetam a totalidade do ser social, isto é, os efeitos objetivos, causais das posições teleológicas, como solo do ser social. Para apreender os problemas que emergem disto, o autor coloca como imperativo “[...] considerar mais de perto essas posições teleológicas tanto em referência à sua qualidade estrutural-objetiva, quanto em referência aos seus efeitos sobre os sujeitos que as põem” (Lukács, 2018, p. 309).

Assim, é necessário partir do simples ao complexo, da relação teleologia-causalidade⁶³. Aqui o autor se remete de novo a Aristóteles (pensar e produzir como dois momentos do processo de trabalho) e Hartmann (o pensar dividido em posição de finalidade e investigação dos meios), e assinala os limites deste último autor, pois não observa que a posição teleológica tem gênese e funções muito concretas, que brotam das necessidades particulares dos seres humanos; estes e outros elementos como a totalidade das “[...] circunstâncias concretas correspondentes, os meios e possibilidades concretos socialmente existentes [...]” (Lukács, 2018, p. 310) concretizam a posição de finalidade e tornam a posição teleológica como categoria central do ser social, que o diferencia do ser natural⁶⁴. Essa decisão alternativa não pode ser reduzida à posição de finalidade, pois ela é sempre uma cadeia de alternativas dentro de um espaço de manobra concreto. Isto quer

⁶³ Lembre-se: não há teleologia sem causalidade, mas a causalidade natural existe sem teleologia.

⁶⁴ E ao entender este complexo em sua concretização, abre-se a possibilidade de apreender corretamente o problema da liberdade (aqui apenas falando de sua gênese, a decisão alternativa), que somente pode existir em relação à necessidade. Assim, em sua generalidade, o ‘fenômeno originário’ da liberdade encontra-se nas decisões alternativas no trabalho, não apenas pela eleição entre duas possibilidades, mas também pela eleição entre pleno-de-valor ou avesso-de-valor, é isto o que constitui o desenvolvimento social desde o ponto de vista dos sujeitos humanos, pois sua vida cotidiana consiste, sempre, em tais decisões.

dizer que o processo causal não é posto em andamento por uma única posição teleológica. Igualmente, o autor entende a ontologia da vida cotidiana como capa fundadora-mediadora da totalidade da sociedade e do ser humano singular

No marxismo, no geral, predominou uma forma dual de utilização do método, que entendeu a esfera da economia como necessidade e legalidade, e a esfera da superestrutura como a esfera da ideologia, com diferentes variações, sem fazer justiça “[...] nem à unitariedad estrutural-dinâmica e peculiaridade do ser social, nem às diferenciações e contradições que emergem no interior dessa esfera” (Lukács, 2018, p. 299).

É por isto que é tão necessário **desmitificar a separação entre economia e ideologia**. Tanto o trabalho, quanto os outros momentos que compõem a esfera econômica, são atos teleológicos “[...] dirigidos direta o indiretamente ao processo de trabalho ou postos em andamento por ele” (Lukács, 2018, p. 322). E isto sucede nos outros complexos, que, por último, estão em interação com o complexo da autorreprodução do ser humano, mesmo que com sistemas de mediação cada vez mais complicados, produzidos pela socialização da sociedade.

Várias questões a considerar sobre este tema: **1)** não pode separar-se de forma absoluta o complexo econômico dos outros complexos; **2)** as interações que os conectam não têm a mesma força nem intensidade; **3)** também não têm uma proporção permanente, inclusive dentro da própria esfera econômica; **4)** também há mudanças em suas funções dentro de uma formação social particular; **5)** isto não significa que o ser social como um todo seja “[...] um mingau uniforme-indiferenciado [...]” (Lukács, 2018, p. 323); **6)** na própria esfera econômica, existe uma diferenciação entre fenômeno e essência, ambos dois existentes; **7)** as interrelações entre estes dois elementos constituem uma unidade que é dinâmica, mas que; **8)** suas determinações concretas operam de forma muito diferente.

Em relação ao **problema da ideologia**, da **superestrutura** (onde Marx também coloca a superestrutura jurídica e política) entende-se que, com o desdobramento da divisão do trabalho, a sociedade precisa de outras esferas não econômicas (mediações) para assegurar sua reprodução. E que, como o espaço de manobra é colocado pelo desenvolvimento das forças produtivas, todas as atividades da superestrutura “[...] têm de enlaçar-se imediatamente com o mundo fenomênico da esfera econômica” (Lukács, 2018, p. 336). Muitas vezes esta relação está tão intrincada, que pode haver posições teleológicas que se realizem tanto na esfera econômica, quanto em outras esferas, não apenas na forma, mas no conteúdo.

Isto não significa que não existam limites entre base econômica e superestrutura ideológica. “O que a análise até aqui quis resguardar é, antes que tudo, essa estrutura fundamentalmente unitária, a unitariedade ontológica última de seus ‘elementos’, de suas forças moventes ativas” (Lukács, 2018, p. 336). Assim, afirmar que as posições teleológicas são a base da história da sociedade e de seu desenvolvimento, implica entender o momento ideal no trabalho como ponto de partida para a pergunta e resposta: “[...] o ser humano é um ser que responde” (Lukács, 2018, p. 336).

Lukács, baseando-se em Marx ao diferenciar a base econômica das “[...] formas jurídicas, políticas, religiosas, artísticas ou filosóficas, em resumo, as formas ideológicas sob as quais os homens adquirem consciência desse conflito e o levam até o fim” (Marx, 2008, p. 48 *apud* Lukács, 2018, p. 397-398), e em Gramsci, quem observou o duplo significado da ideologia⁶⁵, entende que a **função social da ideologia**, das ‘formas ideológicas’, está claramente determinada: estas são “[...] o meio com a ajuda do qual os problemas que preenchem esse cotidiano podem ser tornados conscientes e dirimidos” (Lukács, 2018, p. 398). Por tanto: **1)** não é todo pensamento que pode tornar-se ideologia; **2)** para que um pensamento se torne ideologia não é necessário que passe por uma ação intencionada, todo depende das mediações; **3)** uma visão individual ou uma teoria científica etc., somente podem tornar-se ideologia quando “[...] se tornar veículo teórico ou prático para dirimir conflitos sociais” (Lukács, 2018, p. 400). E, na questão geral, não importa sua veracidade ou falsidade.

Sobre este último elemento, Lukács aponta que a crítica realizada por Engels à ideologia é uma crítica da **falsa consciência**, no entanto: **1)** não todas as realizações derivadas da falsa consciência têm se tornado ideologia; **2)** ideologia não é igual a falsa consciência. O critério para identificar uma ideologia não pode ser uma prova crítico-gnosiológica de sua veracidade, mas sua função na convergência com as demandas do desenvolvimento da essência, e nessa convergência há gradações cujo critério é “[...] o impulso que move para uma resposta precisa há muito devida a questões postas justamente pelo respectivo ser-precisamente-assim do desenvolvimento social e seus conflitos” (Lukács, 2018, p. 413). Neste sentido, a ontologia da vida cotidiana desempenha o papel de ser mediadora entre a economia e as ideologias que produz.

⁶⁵ Lukács assinala que este último autor cai em uma abstração, ao igualar a superestrutura (real e necessária) com as interpretações que os seres humanos fazem dela. O erro está em considerar a ideologia apenas como um conceito pejorativo, como tem sido considerado na tradição marxista.

A unidade entre essência e função da ideologia reconduz à sua gênese, onde se visibiliza a dupla função assinalada da totalidade social. Isto porque são os problemas do desenvolvimento dessa totalidade os que podem aparecer como ideologia (objeto da práxis ideológica) e a solução a estes problemas somente pode operar “[...] sobretudo a partir do solo do ser-precisamente-assim-existente *hic et nunc* [...]” (Lukács, 2018, p. 401, itálicas do autor) (base de ação da práxis).

Para o problema da ideologia, é muito importante observar o desenvolvimento das PTS e concretizar mais sua análise: **1)** as PTS se tornam cada vez mais importantes para o processo de produção da sociedade como um todo; **2)** com o desenvolvimento das forças produtivas aumenta o círculo de validade das PTS e surgem esferas ideológicas para satisfazer as necessidades da totalidade social (sobretudo o Direito); **3)** na esfera das PTS existe maior insegurança nas representações (*Vorstellung*) do que no trabalho, portanto, o papel do acaso é mais intenso; **4)** surgem para promover o desenvolvimento econômico, mas não de forma mecânica, pois requerem, promovem, despertam, intensificam e fortalecem “[...] novos tipos de forças psíquicas [...]” (Lukács, 2018, p. 416), novos afetos, diferentes aos do processo de trabalho; **5)** aumenta a impossibilidade de conhecer o não-conhecido, e as explicações antropomórficas têm uma maior importância porque influenciam diretamente os afetos dos ‘objetos’ das PTS (como a religião, a magia, etc.); **6)** tem como finalidade um espaço de manobra de reações.

Quais são as exteriorizações que conduzem ao surgimento e à efetividade das ideologias? São aquelas que, desde o início, apresentam uma dupla cara: **1)** seu conteúdo é determinado pelas necessidades do ser humano singular; **2)** a intencionalidade de sua expressão, tanto teórica quanto praticamente, é colocar esse ato pessoal como realização de um dever-ser colocado socialmente. Ou seja, são atos que têm em sua base os fatos sociais imediatamente importantes para a vida cotidiana, mas que realizam generalizações que vão além dessa imediatidade. Esses fatos sociais expressam necessidades sociais gerais que determinam essas decisões individuais na vida cotidiana. Em todo caso, “[...] a validade concreta de uma determinada generalização é o resultado de um processo histórico-social” (Lukács, 2018, p. 465).

4.1.1. *A ideologia em sentido concreto e em sentido estrito, superestrutura e ocupações ‘ideológicas’*

Retornando a Gramsci, a ideologia então pode entender-se em **sentido concreto** como “[...] aquela forma de elaboração intelectual da realidade a qual serve para fazer consciente e capaz de ação a práxis social dos seres humanos [...]” (Lukács, 2018, p. 398), e em **sentido estrito** como “[...] um meio das lutas sociais, que caracteriza toda a sociedade, ao menos as da ‘pré-história’ da humanidade [...]” (Lukács, 2018, p. 399), donde emerge o sentido pejorativo da ideologia. Assim, toda reação pode tornar-se ideologia, pois os conteúdos e formas de uma ideologia mantêm os sinais de sua gênese. Neste segundo tipo, ao ser meios de luta, as ideologias contêm uma questão decisiva:

[...] um ‘o que fazer?’ social e, para o seu confrontar-se de fato, decisivo é o conteúdo social do ‘o que fazer?’; os meios de justificação dessa pretensão na direção da práxis social permanecem meios cujos métodos, qualidade etc. sempre depende do *hic et nunc* social da espécie de luta, da espécie de ‘o que fazer?’ nele (Lukács, 2018, p. 399, *itálicas do autor*).

A ideologia como meio de luta (lutas ideológicas) é um dos momentos da ideologia como totalidade, e dentro desse momento, o momento predominante é o ‘que fazer’. Esta totalidade tem dois aspectos unitários e indivisíveis, ser tanto objeto quanto base real do agir do ser humano, que operam de forma independente segundo as funções na práxis; inclusive quando se trata de defender o *status quo*, o que se pretende é agir sobre a consciência de outros seres humanos (PTS), pois sempre depende do *hit et nunc* concreto e histórico, objetivo. Assim: “O **sentido concreto** da ideologia [como veículo para resolver conflitos] é portanto mais amplo do que o **conceito estrito** de ideologia [como meio de luta]” (Lukács, 2018, p. 401, **negrito nosso**)⁶⁶.

Ao analisar a esfera estrita da ideologia, entendida, depois de Marx, como o veículo para dirimir conflitos sociais cujas bases estão no desenvolvimento econômico, é possível desvelar as ligações ontológicas entre esta e o sentido concreto de ideologia.

No sentido estrito, “[...] o surgir e o disseminar das ideologias aparecem como traços gerais das sociedades de classe” (Lukács, 2018, p. 405). Nelas é fácil observar que, como os seres humanos singulares são os portadores imediatos da práxis social, os conflitos podem aparecer como choque de interesses entre seres humanos singulares. Mas esses seres humanos singulares são parte

⁶⁶ Se parte da base do desenvolvimento econômico para a compreensão dos outros conflitos não ligados diretamente ao mesmo. Ainda que antes da sociedade de classes a ideologia de forma estrita não tinha como existir, somente a forma concreta, esta última somente é reconhecível quando a estrita se torna explícita, isto é, se torna a chave para entendê-la (lembre-se a anotação de Marx acerca do estudo da anatomia do mono a partir da anatomia do ser humano).

de um grupo com o qual compartilham interesses comuns, que são opostos aos interesses de outro/s grupo/s; esses interesses opostos são eficazmente dirimidos quando cada ser humano singular, ao representar os interesses de seu grupo (que são também os seus), considera sua práxis como útil para toda a sociedade. O seja, um grupo quer impor seus interesses ao todo da sociedade. Isto permite entender a ideologia no geral, não suas formas concretas, pois elas respondem às formas concretas dos conflitos.

Os interesses são determinados pela estrutura social e, nesse sentido, isto pode operar no período da caça e da coleta, onde não existiam classes. Evidentemente, o conceito de ideologia, aqui, deve ser considerado em uma maior extensão. Observe-se que, mesmo que seja um estado primitivo, onde ainda não há uma transformação da natureza (o trabalho propriamente dito) nas atividades da coleta, da caça e da pesca, o ser humano já está além da naturalidade: dominação do fogo, produção de ferramentas, cooperação, emprego de truques e armadilhas. Assim, mesmo que o “[...] trabalho ainda não constitui a base de vida decisiva da sociedade como um todo [...]” (Lukács, 2018, p. 406), as atividades para a sobrevivência já exigiam modos de reação (coragem, auto sacrifício etc.), que, posteriormente, se tornaram virtudes para as classes dominantes, dentro de suas ideologias. E é por este último aspecto que é importante a análise das formas iniciais da ideologia, porque se apresenta uma continuidade.

O decisivo aqui é que isso apenas é possível de realizar-se através de objetivações e exteriorizações, que têm como consequência o desenvolvimento da riqueza na linguagem, ou seja, uma generalização das comunicações humanas, que determinam o comportamento dos semelhantes, suas posições teleológicas. Apenas deste modo, a coleta e a caça teriam sido possíveis. Assim, o sentido concreto da ideologia já *devia*⁶⁷ existir através da educação e da generalização das normas, o que supõe conflitos, mas não conflitos de classe.

Lukács diferencia aqui “[...] tipos do produzir ideologia [...]” (Lukács, 2018, p. 411), isto é, a ideologia de forma latente, nos períodos primitivos (gênese), dos “[...] problemas próprios da ideologia [...]” (Lukács, 2018, p. 411) (desenvolvimento) surgidos com a luta de classes. Esta latência da ideologia nos períodos primitivos se deve a que a personalidade singular (determinada pelas relações de produção) ainda não tinha se desenvolvido a cavaliade; aquilo pode ser confirmado ideologicamente pela homogeneidade social da tradição e da educação, onde surgem leituras sem fundamento na realidade (pouca dominação do não-conhecido).

67 Utiliza-se a palavra ‘devia’, porque não há provas concretas que possam comprovar essa hipótese.

Assim, a partir de um certo patamar da divisão do trabalho, surge necessariamente a oposição de interesses na sociedade e, junto com ela, a necessidade ideológica de questioná-la. Hegel abordou um dos complexos essenciais em relação à luta de classes e a ideologia, que opera em todos os níveis e esferas de práxis dos sujeitos: “[...] o desmascaramento de um interesse que se proclama geral como meramente particular, ou a proclamação de um interesse existente como particular como autenticamente social, portanto geral” (Lukács, 2018, p. 420). Neste sentido: **1)** a motivação de tipo moral da aplicação de uma ideologia não condiciona sua existência; **2)** em alguns momentos históricos a ideologia teve um papel essencial para a solução de problemas vitais do desenvolvimento econômico, isto é, soluções que não teriam sido alcançadas sem a ideologia, pois geraram um entusiasmo coletivo de grande autenticidade e longa duração.

Para compreender o exposto, se devem apreender os elementos essenciais do desenvolvimento social, os quais colocam a necessidade de revolvimentos sociais. Isto a partir do correto *tertium datur* indicado por Marx sobre a **dialética entre essência e fenômeno** (ambos os dois são reais e são um complexo unitário que, em sua interação, se alteram e preservam). É assim como totalidade social e ser humano singular se conectam e surge o que Marx chamou de generidade não mais muda (uma nova forma de relação entre gênero e exemplar singular). Isto é importante para entender a gênese e a função da ideologia, pois a superação da mudez implica uma conscienciosidade interior com base na tendência à generalização das objetivações. Essa generalização significa que o ser social torna a socialidade e a generidade de pensamentos e ações (entendidos como conteúdos primários), em objetos. A convergência e divergência entre socialidade e generidade colocam tarefas específicas às atividades materiais e ideológicas dos seres humanos: a convergência encontra sua base material-econômica no mercado mundial, mas a divergência também faz parte desse processo.

Ao entender a relação entre essência e fenômeno, é possível entender o postulado marxiano de que os conflitos derivados do desenvolvimento econômico são dirimidos pelos meios da ideologia, porque a autêntica generidade aparece apenas como possibilidade colocada pelas necessidades da essência econômica, e para que uma possibilidade possa tornar-se realidade, são exigidas decisões alternativas específicas e concretas operando no mundo fenomênico. Assim, a possibilidade objetiva da autêntica generidade em um patamar determinado aparece como “[...] necessidade absoluta: um espaço de manobra rigorosamente determinado pelas possibilidades humanas em um determinado patamar da autêntica generidade” (Lukács, 2018, p. 427). Esta

contradição determina a relação entre base e ideologia, tanto no cotidiano, quanto nas crises que acarretam as transições de uma formação social a outra.

Com isto não se está superestimando o momento ideológico. O que se quer mostrar é que a divisão do trabalho, em sua divisão entre trabalho material e trabalho espiritual, produz formas ideológicas, muitas vezes derivadas do trabalho espiritual. Quando isto se torna permanente como necessidade para a reprodução da vida, as atividades de tipo ideológico também se tornam uma necessidade social e criam-se **ocupações específicas** para este fim. Isto expressa nitidamente o processo da socialização da sociedade: **1)** necessidade de criar atividades não econômicas ou atividades não diretamente localizadas na produção para garanti-la; **2)** redução do tempo de trabalho socialmente necessário para assegurar a reprodução desses sujeitos não produtores; **3)** criação de um espaço próprio para estas atividades na divisão do trabalho; **4)** elaboração de “[...] coerentes sistemas mais ou menos racionais para dirimir [...]” (Lukács, 2018, p. 428) os conflitos, apoiados, tendencialmente, nos interesses da classe dominante, e assim procurar a generalização destes sistemas⁶⁸.

Dentro destas ocupações específicas encontramos as profissões que têm funções ideológicas.

4.2.As profissões com funções ideológicas no sistema do capital

Na Seção anterior pudemos observar que das 15 profissões que se ofertam em, pelo menos, a metade das universidades da amostra, 6 correspondem ao que chamamos de profissões com funções ideológicas, a saber: Psicologia, História, Direito, Música, Filosofia e Ciência Política. Estas, junto com outras 17, são ofertadas no 75% das universidades (ver Tabela 3 – Classificação de número de ofertas por complexo parcial). A importância que estas profissões têm tomado na sociedade é inegável, no entanto, não podemos dizer que todas/os as/os profissionais das Ciências Sociais, do Direito, da Comunicação, do Arte etc., produzem ideologias, pois nenhuma profissão

⁶⁸ Para entender essa generalidade, Lukács retoma o **Direito**. Este faz consciente o processo econômico com a ideia de dirimir conflitos segundo a proporção de poder entre as classes e o nível de generalidade de cada momento histórico, o que não significa que seu reflexo do desenvolvimento econômico seja verdadeiro, de fato, é um reflexo deturpado que, mesmo assim, cumpre uma função ideológica. O critério do pôr jurídico é a capacidade de ordenar, definir, sistematizar os conflitos sociais relevantes de forma ótima para o respectivo momento histórico, respondendo às necessidades concretas. E com isso, são os interesses da classe dominante os que oferecem o conteúdo das formas como os conflitos devem ser regulados e dirimidos.

com funções ideológicas é uma ideologia ou um complexo ideológico per se. O que podemos entrever é que estas cobram sentido dentro do complexo da ideologia minimamente em sua função de divulgação das ideologias existentes na sociedade. Agora, será necessário identificar, como resultado de análises concretas, as elaborações intelectuais produzidas desde as profissões que tem se tornado ideologias, isto é, que têm se tornado uma ferramenta útil para dirimir conflitos na vida cotidiana dos seres humanos singulares.

4.2.1. Determinações ontológicas das profissões em seu conjunto

Lembremos:

- 1) A forma como o processo de reprodução como um todo determina um complexo parcial depende da função e o lugar que ocupa na totalidade social.
- 2) Este lugar ocupado é também determinado pelas interrelações que um complexo parcial tem com os outros complexos parciais.
- 3) Ainda que todo complexo parcial seja uma síntese de PT singulares, em alguns prima o caráter espontâneo das PT e em outros, o caráter de participação consciente; isto determina seu espaço de manobra e sua autonomia relativa.
- 4) As continuidades e rupturas em um complexo parcial podem observar-se identificando a identidade da identidade e da não identidade entre suas origens e seus movimentos históricos (o que permanece e o que se transforma).
- 5) Todo complexo parcial tem leis e categorias próprias.
- 6) Deve identificar-se o momento predominante na interrelação com os outros complexos parciais.
- 7) Ao responder às necessidades da reprodução como um todo, os complexos parciais se modificam constantemente.
- 8) Tanto a legalidade quanto a necessidade têm um caráter ‘se...então’, onde se revela a **prioridade ontológica do ser-precisamente-assim** como ponto de partida e ponto de chegada para a análise do ser social, isto é, o ser-precisamente-assim coloca tanto as legalidades quanto as necessidades concretas causais que determinam as funções dos complexos parciais e dos seres humanos singulares no processo de reprodução. Por sua vez, o ser-precisamente-assim é síntese “[...] das diferentes necessidades ‘se...então’

dos diferentes complexos de ser e de suas interações” (Lukács, 2018, p. 268). Assim, legalidade e necessidade exigem respostas dos seres humanos singulares e dos complexos parciais: ‘se o desenvolvimento econômico (como legalidade) precisa disto, se deve fazer isto’ ou ‘isto ocorreu porque o ser-precisamente-assim o exigiu’.

As profissões são grupos de especialistas que convertem ao complexo parcial em objeto de conhecimento, assim, tendo como mediação o estudo sobre ele agem nele, procurando também, em alguns casos, administrá-lo (isto sem esquecer o caráter espontâneo de vários complexos que, posteriormente, precisam de uma participação consciente). Desta maneira, com a divisão social do trabalho criaram-se as profissões como forma mediadora na interrelação entre os complexos parciais.

A continuidade destes grupos de especialistas, como foi observado, existe desde Egito até nossos dias. No entanto, as rupturas deste processo se entendem ao relacionar o complexo das profissões com outros complexos que, mesmo que não sejam os únicos, cumprem um papel essencial: economia, divisão do trabalho, classes sociais, educação, ciência e Estado.

Com a progressiva descoberta e realização do novo (novas necessidades e novos caminhos), o trabalho impõe socialmente sua expansão e seu aperfeiçoamento e, simultaneamente, uma **divisão social do trabalho** (não apenas técnica). Para mostrar como este processo de reprodução do trabalho e da divisão do trabalho “[...] imprime o ontologicamente novo na estrutura do ser social [...]” (Lukács, 2018, p. 135), Lukács aponta dois momentos decisivos: **1)** em sua forma originária a divisão do trabalho foi ocasional, significando cooperações ou operações apenas técnicas; **2)** o momento de consolidação (observado como processo e nunca como um evento precisamente determinado) da divisão social do trabalho em algumas profissões o em uma formação social específica, aparecendo frente aos seres humanos singulares como forma independente. Para que estas mudanças aconteceram na divisão do trabalho, ela deve ser compreendida como uma consequência do desenvolvimento das forças produtivas, mesmo que, igualmente, deve entender-se que a divisão do trabalho se torna ponto de partida para um desenvolvimento posterior.

Como é evidente, a divisão do trabalho (como qualquer complexo parcial) emerge de posições teleológicas singulares, mas ao mesmo tempo aparece como ‘poder social’ ante os seres humanos singulares (se impõe socialmente). Além disso, o autor expõe que o complexo da divisão social do trabalho tem “[...] consequências que produzem ações e reações ainda mais amplas,

tornadas puramente sociais” (Lukács, 2018, p. 120). Nas PTS, por exemplo, é necessário o conhecimento dos seres humanos que precisam ser induzidos (despertar as vontades) a realizar posições teleológicas. Com isso aparecem novos valores (exemplo: arte da persuasão, destreza, astúcia), que ampliam o círculo de valores e valorações cada vez mais puramente sociais. É assim como com a divisão social do trabalho, relativamente cedo, surgem ocupações singulares que se tornam independentes em ofícios e profissões.

Com essas formas mencionadas que se desdobram da divisão do trabalho, “[...] cruza-se sua forma historicamente mais importante, a da diferenciação das classes” (Lukács, 2018, p. 139). Sua base se encontra na força de trabalho como valor de uso, que aparece a partir do momento em que se produz mais do necessário. A produção determina as classes, e a relação entre classes determina a produção. Assim, as **classes**, como complexos, somente podem existir “[...] enquanto determinações reflexivas [...]” (Lukács, 2018, p. 139), onde a consciência cumpre um papel essencial⁶⁹.

Lukács adverte que, no desenvolvimento econômico, as classes e sua luta são o complexo que mais fortemente o modificam, pois com o maior desenvolvimento social das classes, maior é o papel do fator subjetivo (classe-em-si, classe-para-si)⁷⁰. Nesse sentido, a **luta de classes** não pode ser considerada, ao contrário do que afirmam muitas teorias, um fenômeno natural, mas puramente social, onde a luta é pelo **mais-trabalho** gerado pela exploração da força de trabalho e não pela luta pela sobrevivência imediata⁷¹.

Devido a que os complexos parciais se tornam objetos de conhecimento e assim aparecem especialistas que os ‘administram’, pode criar-se a ilusão de uma autonomia absoluta. Para evitar isto, é muito importante apreender esta dialética entre “[...] independência dos complexos e sua dependência de seus fundamentos ontológicos” (Lukács, 2018, p. 202). Por esta razão, baseado nos postulados de Marx, Lukács explica que “[...] toda classe enquanto complexo social apenas pode existir em uma determinada sociedade [...]” (Lukács, 2018, p. 140) e, portanto, possui uma

⁶⁹ Segundo o autor, Marx apontava, sobre a consciência da situação de classe, que ela é determinante “[...] para o ser-assim da relação de classe [...]” (Lukács, 2018, p. 139), mas não para sua existência objetiva.

⁷⁰ Para Lukács, a autêntica autonomia relativa de cada complexo parcial como síntese de posições individuais reside na riqueza das reações concretas frente ao desenvolvimento econômico, da realização do que demanda e da oposição a suas tendências concretas.

⁷¹ Em última instância, as formações sociais que se construíram ao redor da apropriação do **mais-trabalho** têm como base o trabalho e a sobrevivência. A diferença é que a luta não é desde a imediatez desta sobrevivência, mas nela aparecem muitas outras mediações muito complexas (e sociais) expressas nos complexos parciais e suas interrelações: a política, a economia, a cultura etc.

autonomia relativa em relação à totalidade da sociedade e com as outras classes, que, igualmente, somente existem nessa sociedade. Em outras palavras, a relação entre as classes e as mesmas classes devem ser entendidas segundo sua posição na formação social à qual pertencem. Por outro lado, essa relação reflexiva é prática, transcorre das ações dos indivíduos das classes. Assim, como em qualquer outro complexo parcial, todo depende das decisões alternativas (pensamento e ação) dos seres humanos singulares e sua síntese.

Desta forma fica claro que a estrutura e a dinâmica econômicas determinam o lugar que ocupam, na sociedade, os seres humanos singulares que participam da produção, o que determina também o espaço de manobra concreto de suas práxis. Isto é visível em qualquer formação social. No entanto, é importante assinalar que, no capitalismo, ao ser uma forma puramente social, está determinada mais diretamente “[...] pelas duas classes economicamente decisivas” (Lukács, 2018, p. 289). Isto tem como consequência a eliminação de sistemas de mediações ‘naturais’ entre o indivíduo e o processo de reprodução social, como as castas, a aristocracia, a cidadania da polis etc., onde o ‘natural’ pode definir-se como falsa consciência que aparece diante dos indivíduos:

O ‘natural’ encontra-se em que uma formação em si social em consequência do hábito, da tradição etc., toma, para os seres humanos, e de fato não apenas para os seres humanos singulares, antes também para as suas massas, até temporariamente para toda a sociedade, o caráter de uma tal inexorável necessidade tal como a da vida orgânica para os próprios seres humanos singulares. Tal como todo ser humano tem de aceitar como dados para sempre sua época de nascimento, seu sexo, sua estatura etc., assim também se coloca ele para com formas de sociedade como casta, estamento etc. e considera seu pertencimento a elas surgido através de seu nascimento como algo natural igualmente inalterável como seu próprio ser surgido através do seu nascimento (Lukács, 2018, p. 290).

Desta forma, pois, no capitalismo, “[...] na medida em que as leis econômicas gerais sempre mais clara e nitidamente ganham expressão — portanto, com o afastamento da barreira natural —, o lugar dos indivíduos singulares na sociedade é submetido cada vez mais evidentemente ao acaso [...]” (Lukács, 2018, p. 143), isto é, os seres humanos singulares podem entender que sua situação social, ao momento de nascer, não é uma determinação fixa, mas casual. Isto não pode interpretar-se como liberdade, é simplesmente uma aparência, pois ao mesmo tempo, “[...] com a crescente socialização do ser social o indivíduo torna-se sempre submetido a crescentes conexões, relações etc. factuais” (Lukács, 2018, p. 143). diz Marx:

Por conseguinte, na representação, os indivíduos são mais livres sob a dominação da burguesia do que antes, porque suas condições de vida lhes são contingentes; na realidade

eles são, naturalmente, menos livres, porque estão mais submetidos ao poder das coisas (Marx e Engels, 2007, p. 65 *apud* Lukács, 2018, p. 292).

Isto significa que com a crescente mediação social entre o mundo dos seres humanos e o mundo natural (afastamento da barreira natural), com o tornar-se-humano do ser humano, a humanidade está mais ‘livre’ em relação às exigências do mundo natural e as casualidades biológicas, mas, ao se submeter às exigências que coloca a reprodução do capital e à fetichização do produto do trabalho (as coisas), este se vê mais sujeito aos processos de alienação.

É igualmente importante o papel da consciência do ser humano singular que age: como vimos, esta é o *médium* imediato da interrelação entre complexos e sofre alterações na medida em que o ser humano singular se relaciona com complexos que são importantes em sua vida. E, sempre, isto tem um caráter alternativo, que pode, por causa da sociedade na qual se desenvolvem os complexos (sociedade de classes), levar a uma fragmentação da personalidade ou a uma riqueza de conteúdos da consciência. Esta dialética entre objetividade e decisões alternativas é uma das fontes sociais do fenômeno da alienação. O processo econômico então apresenta uma tendência contraditória: por um lado, permite a ‘unitariedade’ cada vez maior da sociedade, e por outro, os antagonismos fazem parte de seus fundamentos ontológicos, como aparece na sociedade de classes.

Podemos aprofundar agora no **complexo da educação**. Tal como explica Lukács, ele deve entender-se desde duas acepções: **educação em sentido amplo e em sentido estrito**. Centremo-nos na primeira.

O autor explica que esta busca qualificar os seres humanos para reagir “[...] adequadamente a eventos e situações novas, inesperadas que ocorrerão mais tarde em suas vidas. Isto significa [...] que a educação dos seres humanos [...] jamais está inteiramente completa” (Lukács, 2018, p. 133). A origem da educação dá-se quando, no processo de trabalho, o ser humano tem a necessidade de apropriar-se “[...] dos conhecimentos existentes e, neste processo, novos conhecimentos vão sendo incorporados, outros vão sendo adquiridos” (Bertoldo, 2015, p. 131). Assim, se entende que, mesmo que o trabalho seja o impulsionador da educação, ela, como complexo parcial, vai criando suas próprias categorias e leis, e vai se configurando em uma atividade inerente ao processo de afastamento da barreira natural. Além disso, com a complexificação da sociedade, a educação também se torna mais complexa, pois, por um lado, criam-se cada vez mais mediações entre esta e a economia, e por outro, deve transmitir conhecimentos mais específicos sobre os diferentes

complexos do ser social, respondendo a exigências cada vez mais sociais (aqui aparece a educação em sentido estrito).

Rodrigues (2018) explica que a educação tem em sua base PTS, deste modo, sua função tem a ver diretamente com influenciar outras pessoas a realizarem outras posições teleológicas. Bertoldo (2015, p. 163) detalha mais esta função, ao dizer que a educação consiste em fazer que os seres humanos “[...] se comportem de acordo com o modo socialmente adequado para a reprodução social”.

Este processo social da educação (“[...] como a totalidade de todas as influências que se dirigem ao novo ser humano que se forma [...]” (Lukács, 2018, p. 242)) nos seres humanos singulares é também uma cadeia de **alternativas** que forma seu caráter a partir da interação de dois complexos. Por uma parte, está dirigida a “[...] cultivar nele uma disposição a decisões **alternativas** de determinado tipo [...]” (Lukács, 2018, p. 242, negrito nosso), por outra, mesmo sendo muito criança, o ser humano reage à sua educação também com decisões alternativas. Somente na práxis é que pode provar-se quais qualidades do ser humano singular, adquiridas no processo educativo, se tornam mais fortes. Com isto se mostra a “[...] unidade de determinações psíquico-corpóreas e sociais no ser humano singular, que é o mais profundamente caracterizadora de seu ser-humano” (Lukács, 2018, p. 243).

Assim, como processo, a **educação em sentido amplo** permite ao indivíduo construir as bases para tornar-se membro do gênero humano, levando em conta que o ser humano é tal ao relacionar-se com outros seres humanos; a educação articula o singular e o genérico, “[...] reproduzindo no indivíduo as objetivações produzidas ao longo do desenvolvimento do gênero humano e, com isso, possibilitando a continuidade do ser social” (Lima e Jiménez, 2011, p. 84 *apud* Rodrigues, 2018, p. 43).

Bertoldo (2015), partindo de um vasto estudo de diferentes autoras e autores, explicita o processo contínuo, desigual e contraditório da educação no nível geral, devido a diferentes determinações:

- Se entende que a educação em sentido amplo “[...] opera num nível mais geral e que, dentro deste, se afirma um modo particular de educação, que se encontra relacionado com a forma pela qual os homens produzem e estabelecem suas relações sociais” (Bertoldo, 2015, p. 154). Este modo particular tem como base os grupos ou classes sociais, e o nível mais geral se relaciona com a universalidade, isto é, com “[...] o

predomínio dos elementos genéricos, relativos ao desenvolvimento social” (Bertoldo, 2015, p. 102).

- Ao responder a atos de objetivação e exteriorização, a educação corresponde ao caráter alternativo de toda práxis humana, ou seja, à experiência de cada indivíduo que responde a seu entorno, aos conhecimentos que lhe são ensinados, e à crescente complexificação do mundo social (com o tornar-se-social do ser social existem mais elementos sociais que devem ser apreendidos no processo educativo amplo).
- Como participa da reprodução social, a educação também está permeada pelo movimento dialético de produção do novo e superação ou preservação do velho (nunca sua negação). Em seu processo específico, a educação transmite um conhecimento adquirido no passado, mas prepara ao indivíduo para criar conhecimentos novos em sua experiência cotidiana que, segundo sua utilidade, aparece a possibilidade de ser transmitido às próximas gerações, sua continuidade.

Por outro lado, a educação em sentido amplo cumpre um papel fundamental em relação à construção da memória social, que “[...] influencia ininterruptamente todo evento posterior” (Lukács, 2018, p. 164). Esta memória social está determinada pela consciência, que funciona como *médium* da continuidade social. É por isto que deve entender-se que este tipo de educação tem uma operatividade permanente no ser social, isto é, existe e seguirá existindo enquanto continue existindo a humanidade; esta característica tem sua origem no trabalho, pois o ser social tem como necessidade conhecer de forma cada vez mais profunda a natureza e, posteriormente, a necessidade de conhecer-se a si mesmo.

O segundo sentido da educação, o estrito,

[...] a exemplo da educação escolar (formal) e de outras formas de educação que se dão em espaços informais (igreja, sindicatos etc.), é aquela criada a partir do desenvolvimento social, para responder a determinadas necessidades demandadas pelos homens, dentro de um contexto particular da história humana (Bertoldo, 2015, p. 130).

Rodrigues (2018, p. 41) explica que o caráter espontâneo da educação vai perdendo predominância, instaurando-se a necessidade de agir conscientemente neste complexo, sendo dirigido por grupos sociais especializados; é ali onde “[...] se expande a tendência da educação em sentido estrito [...]”, respondendo ao que já temos mencionado: a complexificação tanto do ser social quanto de sua reprodução. Além disto, está conformada por elementos como “[...] conteúdo,

método duração etc. [...]” (Lukács, 2018, p. 134), que surgem das necessidades de qualquer sociedade de ter “[...] uma determinada quantidade de conhecimentos, habilidades, modos de comportamento etc. de seus membros” (Lukács, 2018, p. 134).

Com a divisão da sociedade em classes, a educação em sentido estrito se reveste dos interesses particulares da classe dominante. Com isto, e como pudemos observar no percurso histórico que realizamos, o conhecimento se cinde segundo se é útil ou não a esta classe, resultando no desenvolvimento de certas habilidades e no detrimento de outras, além da restrição e o controle do acesso a certos conhecimentos que se tornam exclusivos da classe dominante (Rodrigues, 2018). Escolástica Santos (2019, p. 37) nos explica:

A posse de bens materiais implica o desfrute da riqueza intelectual e artística, e também o inverso: a privação de bens materiais significa o alheamento dessa riqueza. Como a posse da riqueza material está concentrada nas mãos da minoria, também a produção intelectual é apropriada por poucos, tendo já aqui uma bifurcação à medida que compartimenta a cultura e estratifica os indivíduos.

Em qualquer caso, estes dos tipos de educação (amplo e estrito) não podem substituir-se, pois operam com autonomia relativa e, ao mesmo tempo, os limites entre um e outro somente podem definir-se segundo as funções que cumprem e as necessidades que satisfazem em cada formação social (Lukács, 2018).

As profissões, evidentemente, respondem à educação de caráter estrito, pois existem com o propósito de assegurar a reprodução da sociedade de classes em suas diferentes formações sociais. Isto não significa que haja uma única forma de educar nas universidades, mas que há uma função ontologicamente determinada. Ponce (s.d.) é bastante cuidadoso em mostrar como as contradições surgidas nos momentos de transição de um modo de produção a outro também se manifestam nas formas de educar e de pensar da época. Os pensadores refletem sua **consciência de classe**, às vezes consciente e outras inconscientemente, e se inscrevem em uma das correntes do momento: conservadorismo, reforma ou revolução, sempre em disputa pelo tipo ‘correto’ de educação. Porém, a economia como momento predominante, e o Estado no cumprimento de sua função histórica, terminam impondo o tipo de educação necessário para sua reprodução.

Entendemos, portanto, que a educação profissional tem em sua base posições teleológicas secundárias⁷². No entanto, o que define a função de cada profissão e, portanto, sua localização em um ou outro complexo não é o processo educativo em si, mas onde desenvolvem sua atividade, isto é, o complexo particular ao qual subsidiam e lhes coloca as tarefas que devem cumprir.

Com estas observações é preciso aproximar-nos ao complexo da **ciência**. Entendemos que ele é independente do complexo da educação e das profissões, e mesmo que a ciência não sempre foi a base formativa na educação profissional, parece-nos importante analisar a relação entre estes, levando em conta, por um lado, a especialização da divisão social do trabalho, e, por outro, a relação ciência-forças produtivas, consolidada com o modo de produção capitalista. Quando a fábrica se torna o centro do trabalho se torna uma necessidade, para a produção, a existência de formações educativas com base científico-técnica nas fábricas. Por isso a exigência da universalização, ou pelo menos de formalizar e legalizar esta universalização.

Lukács assinala que é na esfera da investigação dos meios onde se dá o germe do conhecimento científico, pois com o trabalho se produz um processo contínuo do novo, sempre ascendente, onde conhecer e aplicar as conexões causais (corretas abstrações) pode ser utilizado para outras posições de finalidade. A dialética de pergunta e resposta tem uma possibilidade de desenvolvimento ilimitada porque, ao criar sempre o novo, novas perguntas aparecem menos do entorno imediato natural, e mais do “[...] entorno autocriado” (Lukács, 2018, p. 250). Com isto, as perguntas vão se tornando cada vez mais independentes (como no caso da ciência) e as respostas mais mediadas.

Para iluminar melhor isto, Lukács (2018) traz os postulados de Hartmann que, mesmo tendo a ausência de uma autêntica crítica ontológica, diferenciou a *intentio recta* da *intentio obliqua*. A primeira refere ao impulso, no ato teleológico do trabalho, de capturar o real. Isto exige o desenvolvimento de um reflexo desantropomorfizador da realidade. No entanto, com seu desenvolvimento, criam-se diferentes possibilidades de interpretação de aquilo que vai se conhecendo: uma generalização antropomorfizadora ou desantropomorfizadora da realidade. A

⁷² A mediação entre PT primárias e profissões depende da análise concreta de cada profissão. Se tomamos como exemplo a teologia, entendemos que as formas ideológicas que surgiram na Idade Média para sustentar e reproduzir o feudalismo, que se imbricam necessariamente com suas formas políticas, levaram a que a religião, especificamente o catolicismo, se tornasse um instrumento de luta contra outras crenças. Isto é claro quando vemos como cai o politeísmo do império romano, instaurando-se o monoteísmo da Igreja católica. Daí a necessidade de instaurar uma escola de teologia nas universidades medievais, para assegurar a reprodução e aceitação ideológica de uma formação social determinada, que determinava, por sua vez, as classes sociais e seu papel na sociedade como um todo.

primeira constitui a base da *intentio obliqua*, um impulso a criar ontologias fictícias, gerado pela necessidade de dar-lhe sentido às ações individuais e à própria vida individual e coletiva, além de procurar explicar a sociedade, a ‘segunda natureza’ (Lessa, 2016).

Por seu lado, a ciência, ao ser um tipo de reflexo da realidade que produz um conhecimento diferente ao do sentido comum, tem em sua base a generalização, como consequência do reflexo correto no processo de trabalho (conhecimento objetivo e separação sujeito-objeto), e a desantropomorfização.

Com as posições teleológicas, aparece a “[...] tendência à **generalização** que necessariamente espontaneamente pressiona na direção de fazer consciente as ações singulares como momento de um ‘mundo’ [...]” (Lukács, 2018, p. 378, negrito nosso), do ‘mundo’⁷³ do ser humano singular. Desta forma, o desconhecido faz parte, sempre, do problema da generalidade, que, originariamente, é resolvido por meio de analogias a partir do ‘mundo’ já conhecido.

Desde uma análise *post festum*, assume-se que, nos períodos primitivos, a **analogia** era a ferramenta para conhecer o não conhecido do mundo material. No trabalho, seu papel essencial era ser a ponte para criar categorias que expressassem o mundo material real. Esta é “[...] uma forma elementar do reflexo intelectual da realidade” (Lukács, 2018, p. 410). Portanto, tem ainda um papel importante, mesmo que a crítica tenha cumprido a função de retirar, na vida cotidiana, analogias para a explicação do mundo; a superação destas somente é possível se existe a intenção de conhecer os objetos desde um ponto de vista ontológico.

De qualquer maneira, é a práxis a que proporciona o critério de veracidade ou falsidade da teoria, tal como sucede no processo de trabalho: o reflexo correto permite o sucesso deste. E aquilo pode generalizar-se às outras práxis sociais. O problema se torna mais complicado quando esse conhecimento obtido é usado para a ampliação do próprio conhecimento da natureza no geral (superar as explicações meramente matemáticas de um problema, por exemplo); é mais complicado porque, inevitavelmente, este problema obriga a entender a essência, ou seja, a ter uma interpretação ontológica do fenômeno.

Assim, as contradições surgidas no trabalho na relação teoria-prática têm implicações na criação da falsa consciência, e, nos dias de hoje, na consolidação do capitalismo: aplicação prática

⁷³ Entre aspas porque o ‘mundo’ é um recorte casual da totalidade, e a ‘concepção de mundo’ é um germe de uma verdadeira concepção de mundo.

da ciência sem procurar entender ontologicamente o mundo. Este problema representa “[...] uma permanente esfera de luta na história da ciência” (Lukács, 2018, p. 58)⁷⁴.

Por sua parte, a **desantropomorfização** pressupõe a objetivação, que permite sua posterior aplicação intelectual. Para compreender melhor isto é necessário apontar “[...] a inexorável situação básica de toda práxis humana [...]” (Lukács, 2018, p. 408): nunca vai ser possível dominar intelectualmente totalmente o não-conhecido na execução das posições teleológicas. Nos estados primitivos, já era imprescindível uma consciência, na práxis, sobre o não-conhecido, mas este era maior do que em períodos posteriores. Isto gera um movimento duplo pleno de contradições: **1)** com as experiências do trabalho, o terreno do não-conhecido é cada vez mais conquistado; **2)** é dominado intelectualmente, por meio de generalizações, aquilo que é conhecido, deixando de lado, necessariamente, o mundo ambiente não conhecido.

Mesmo que não se possa apreender o ser-precisamente-assim concreto desse período primitivo, se pode argumentar que essas duas formas de compreender a realidade não podem ser separadas: utilização da ciência (como a matemática) para gerar interpretações do não-conhecido, mas tirando precisamente a base científica (astrologia); ou existência de explicações a-científicas que resultam em descobrimentos objetivos (alquimia). diz Lukács: “Se essa permanente interpenetração mútua, como os exemplos citados mostram, é possível em patamares de desenvolvimento mais elevados, pode-se com grande probabilidade arguir que em inferiores tenha sido ainda mais profunda” (Lukács, 2018, p. 409).

Desde uma crítica ontológica se entende que não é suficiente aplicar esses aparatos técnicos intelectuais de forma correta para garantir que os atos posteriores tenham um caráter desantropomorfizador, no entanto, sem a desantropomorfização não seria possível o avanço do conhecimento do desconhecido, ela é seu “[...] instrumento intelectual decisivo” (Lukács, 2018, p. 379). Este processo é desigual e complicado, e não é teleológico, mesmo que presente a tendência para uma direção determinada⁷⁵. A desantropomorfização é assim um meio homogêneo utilizado

⁷⁴ Lukács traz um comentário metodológico de Marx: “Toda ciência seria supérflua se a forma de manifestação e a essência das coisas coincidissem imediatamente” (Marx, 1986, p. 271 *apud* Lukács, 2018, p. 316). Duas questões são expostas por Marx para entender esta relação: o fetiche da mercadoria e o dinheiro, “[...] o fenômeno torna-se aqui fenômeno justamente ao permitir desaparecer para a imediatez o processo ao qual deve sua existência como fenômeno” (Lukács, 2018, p. 317).

Outra relação identificada por Marx é a do mais-valor (essência) como produto da exploração do trabalhador pelo capital, escondida pelo lucro (fenômeno), que aparece como produto do capital.

⁷⁵ Além disso, deve compreender-se que não há contradição entre a formação do sujeito e o pensamento desantropomorfizador. Na essência da questão não está em que antropomorfizar seja sinônimo de subjetividade, e

em todas as ciências (físicas ou sociais), que lhe permite a qualquer científica/o aproximar-se à realidade (Lukács, 1966).

O desenvolvimento das forças produtivas e da divisão social do trabalho permite que as ciências se tornem independentes entre elas e em relação à produção propriamente dita, mesmo que, direta o indiretamente, tenham “[...] efeito sobre a possibilidade de desenvolvimento das forças produtivas” (Lukács, 2018, p. 467). Isto também leva a que a atividade científica se torna em uma atividade específica de um grupo de especialistas que estão separados da produção.

A Grécia, como sabemos, cumpre um papel importante na história da humanidade porque é nesta sociedade de classes onde se dá o germe ou a evolução de diferentes complexos sociais. Enquanto à ciência, por primeira vez na história: **1)** a investigação da natureza se escinde de questões religiosas; **2)** a ciência se generaliza como comportamento (Bispo, 2014).

Bispo (2014, p. 26, itálicas do autor) também aponta que, na Antiguidade, a relação mais vinculante, “[...] o *locus* privilegiado de manifestação da ciência é o complexo militar”. Lukács (1966, p. 52, tradução nossa) explica que existia um desprezo pelo trabalho produtivo devido a que a aplicação de maquinaria, isto é, “[...] a racionalização científica do trabalho [...]”, era impossível de aplicar na economia, o que levava a que o trabalho manual fosse árduo e tortuoso. É por isto que o conhecimento teórico, como vimos ao analisar as profissões da Idade Antiga, estava concentrado na classe dominante. Assim, este não foi aplicado à produção nem a suas técnicas, mas foi dirigido ao exército e à guerra, pois não pertenciam ao mundo do trabalho escravo.

Porém, a separação da ciência da religião e da cotidianidade permitiu sua constituição enquanto complexo parcial, com autonomia relativa para a criação de metodologias e concepções de mundo (Lukács, 1966). Deste modo, entende-se que a concepção materialista do mundo e a natureza nasce nesta sociedade, pois um conjunto de filósofos gregos conseguiu colocar “[...] os problemas decisivos da especificidade do reflexo científico da realidade [...]” (Lukács, 1966, p. 153, tradução nossa), no entanto, não foi suficiente com que estes pensadores propuseram superar as explicações desantropomorfizadoras da realidade, sem que as condições materiais as tenham suportado (Bispo, 2014). É por esta mesma razão que as concepções antropomorfizadoras dominaram também a Idade Média.

desantropomorfização de objetividade. A desantropomorfização é, de fato, “[...] uma das mais importantes condições e veículos para o tornar-se-humano dos seres humanos” (Lukács, 2018, p. 381), como veremos posteriormente.

Mas com o Renascimento se inaugura uma nova etapa para a ciência. O esgotamento do feudalismo como modo de produção da cabida a pensadores “[...] como Copérnico, Galileu, Hobbes, Bacon, Descartes, Espinosa e tantos outros que tentaram aplicar seu ponto de vista científico à formulação de uma concepção de mundo essencialmente desantropomorfizadora” (Bispo, 2014, p. 50). Eles foram receptores dos desenvolvimentos do Oriente, especialmente da China, levados a cabo no mesmo período em que a Europa feudal sustentou uma quietude científica. No entanto, é no Ocidente, e com o início do capitalismo, onde a ciência toma este grande impulso⁷⁶ (Bispo, 2014).

Por esta razão, a discussão sobre a ciência e a educação aparece nesta época. Santos (2017) indica que Juan Amos Comênio (1592-1670) foi o primeiro pensador que desenvolveu um projeto educativo que superara a transcendência religiosa e colocasse no centro a ciência. A Reforma protestante e a crise do feudalismo eram o marco contextual desta proposta pois, lembremos, é nesta época em que se começa a pensar a relação instrução-trabalho. No entanto, somente quando a educação profissionalizante se torna uma necessidade para a produção e reprodução do capital, é que esta relação se consolida.

Com o capitalismo, pela primeira vez na história da humanidade, desaparecem as limitações à produção e, portanto, ao desenvolvimento científico, pois a ciência é cooptada por sua utilidade para dominar a natureza apreendendo suas leis, permitindo desenvolver as forças produtivas e o processo de trabalho, e aumentando assim o mais-valor relativo. Por este motivo, o sistema do capital tem tido um papel importantíssimo no processo de legitimação da ciência (Bispo, 2014) tanto socialmente quanto na vida cotidiana dos seres humanos singulares (Lukács, 1966), como veremos mais adiante (p. 121-125). No entanto, sua existência não depende deste; como tem seu germe no reflexo correto da realidade, sua permanência continuará.

Com base no anterior, compreendemos que tanto as Ciências exatas quanto as Ciências Sociais são a base técnico-científica das profissões no sistema do capital, que se transmite através da educação profissional. Isto não significa que todas/os as/os profissionais exercem no campo da ciência. A ciência, como um complexo parcial com autonomia relativa, pode desenvolver-se por fora do âmbito acadêmico-universitário, no entanto, ao tornar-se a base da formação profissional

⁷⁶ Na China, a produção além da sobrevivência correspondia às necessidades das classes dominantes de acentuar seu poderio frente às massas camponesas, portanto, as razões dos inventos e descobrimentos científicos não respondiam à geração de lucro, mas à dominação intelectual; o objetivo não era revolucionar as técnicas de produção em si mesmas (Bispo, 2014).

(junto com a técnica), cumpre um papel principal. Desta forma, entendemos que, em último termo, as necessidades da reprodução do capital têm uma prioridade ontológica na relação ciência-profissões, pois vão moldando suas formas e seus conteúdos.

A intenção de compreender estes complexos responde à necessidade de localizar ontologicamente as profissões no conjunto da reprodução social, assim como sua função concreta. A DST tem prioridade ontológica sobre o resto dos complexos analisados e é este complexo, finalmente, que media entre a economia e a reprodução do todo. No entanto, temos evidenciado que os complexos parciais são os mediadores entre a reprodução do todo e a DST; as classes sociais, a educação, a ciência e o Estado cumprem este papel. Mas, ademais, sabemos que a educação tem sofrido rupturas com suas origens, tanto a DST quanto as classes sociais exigem seu sentido estrito, e é aqui onde aparecem as profissões.

Se olharmos um pouco mais de perto a relação das profissões com as classes sociais, a educação em sentido estrito e o complexo no qual operam, o momento predominante são as classes sociais, pois são elas que colocam as necessidades nesse tipo de educação, imprimem uma orientação ao desenvolvimento, oferta e desaparecimento de profissões e também dão direção aos complexos parciais, os quais, sem perder sua autonomia relativa, respondem à reprodução do todo que, em uma sociedade de classes, é a reprodução da sociedade de classes.

Igualmente evidenciamos que os complexos parciais nos quais operam as profissões são os que diretamente põem demandas concretas a serem atendidas, portanto, entre as profissões e as classes sociais, o complexo no que operam cumpre um papel mediador. Isto é de grande relevância para apreender a origem, desenvolvimento e fenecimento de profissões e as mediações com o complexo econômico, evitando fazer leituras mecanicistas sobre a relação entre complexos parciais e momento predominante.

Especificamente falando das profissões com funções ideológicas, sabemos que estas foram as primeiras em aparecer na história. Como vimos, o excedente econômico permitiu à humanidade criar outras atividades não vinculadas diretamente com o processo de trabalho, mas, além disso, que serviram à reprodução da sociedade de classes; a educação em sentido estrito profissional foi exclusiva quase completamente aos membros da classe dominante. As rupturas que se deram na educação profissional respondem às transformações econômicas, que têm ido colocando diferentes necessidades ideológicas. Por isto, com o passar dos séculos, a educação em sentido estrito tem se

ampliado a toda a população, pelas necessidades próprias dos diferentes modos de produção, particularmente do sistema do capital.

Assim pois, as classes sociais cumprem um papel mediador essencial entre o complexo ideológico e as profissões com funções ideológicas. É através das classes sociais que a ideologia em sentido estrito vai tomando formas e conteúdos específicos e que vai exigindo a criação, ampliação e generalização de conjuntos de ideias para a resolução de conflitos de classe.

Localizando-nos nas particularidades das profissões no sistema do capital, é possível afirmar que **todas as profissões têm como base PTS**, pois procuram despertar em outros seres humanos certos afetos ou conduzir sua ação.

Para falar especificamente daquelas profissões que se localizam no complexo econômico, lembremos que, com a divisão social do trabalho, se dá uma divisão bastante clara entre trabalho manual e intelectual, o que permite compreender que profissões como as Engenheiras, a Arquitetura, a Química Industrial, o Desenho de Produtos, dentre outras, participam tanto na construção e produção de valores de troca, quanto no desenvolvimento das forças produtivas.

Por outro lado, no caso de algumas profissões como Administração de negócios, Comportamento organizacional, Relações laborais, Desenvolvimento de talento e cultura organizacional, dentre outras, observamos que estas exercem um papel ideológico-econômico, enquanto procuram que outros seres humanos ajam segundo os interesses da classe burguesa por meio da organização da produção e o melhoramento do clima laboral. Isto quer dizer que este tipo de profissões utiliza o conjunto de ideologias existentes na sociedade burguesa para dirigir e influenciar a ação das pessoas que exercem em uma empresa ou organização determinada, mas sua função principal se desenvolve no complexo da economia, pois sua relação é extremadamente direta com ele, diferente de outras profissões cuja conexão com este complexo é muito mais mediada.

Também encontramos algumas profissões que se localizam no complexo econômico, mas não na produção diretamente. Algumas se desenvolvem especificamente para as necessidades da economia financeira como Contabilidade, Finanças, Ciências Atuariais etc. Outro grupo de profissões deste complexo operam no setor de serviços como Hotelaria e turismo e Bens raízes, e outras na esfera da circulação e o consumo como Comércio, Negócios Internacionais e Marketing.

Outro grupo de profissões são aquelas localizadas na área da saúde (Medicina, Enfermagem, Odontologia etc.). Elas respondem à necessidade da reprodução do todo em relação à espécie como

tal, ao bem-estar físico; procuram influenciar certas ações dos seres humanos, mas também, como parte de sua função social, protegem a vida e curam doenças. Neste sentido, se observa que não estão diretamente localizadas nem no complexo econômico nem no complexo ideológico (não têm como função social a resolução de conflitos no cotidiano)⁷⁷.

Por último, observamos que a função social das profissões peculiares ao complexo ideológico é influenciar outros seres humanos a levarem a cabo outras posições teleológicas, apontando especificamente a dirimir conflitos. Algumas profissões o fazem de uma forma mais mediada do que outras, mas todas procuram assegurar a reprodução de uma formação socioeconômica determinada.

Para a correta análise do papel ideológico destas profissões no sistema do capital, é de grande relevância apreender os movimentos do conhecimento na vida cotidiana, como esta é influenciada, por sua vez, pela ciência, e quais as características do pensamento científico na sociedade burguesa.

4.2.2. *Decadência ideológica da burguesia, ciência e vida cotidiana*

Como foi indicado, a posição teleológica afeta a pessoa que põe. Mas esta pessoa nunca está isolada. Ela se relaciona e vive em uma comunidade, esse é seu território, sua “[...] vida imediata” (Lukács, 2018, p. 373). Igualmente, essas relações imediatas também não estão isoladas do todo. O significado da **vida cotidiana** na reprodução do todo apresenta um fluxo com um movimento duplo: **1)** do centro (o todo) flui para a periferia (vida cotidiana) colocando os grandes problemas a resolver; **2)** as reações a isto voltam ao centro e os problemas específicos se tornam demandas para o centro. “Esa flutuação de fluxos de tomadas de posição parece-nos, com isso, que perfaz o complexo de problemas mais importante da vida cotidiana” (Lukács, 2018, p. 374). Mesmo que a totalidade social constitua o motor, o fluxo sempre vai nas duas direções. Pense-se em qualquer grande pensador, político etc. Mesmo que se dediquem aos grandes problemas da sociedade, tem vida cotidiana, problemas cotidianos a resolver, posições teleológicas que realizar.

Em ambas as esferas, as exteriorizações e as objetivações têm um efeito similar: “[...] a generalização, a sistematização do entorno de fato e vivencialmente relevante do ser humano em

⁷⁷ Isto não exclui as múltiplas relações que existem entre este tipo de profissões com os demais complexos, assunto que exige análise concretas e particulares.

um ‘mundo’, cuja representação intelectual e afetiva na consciência dos seres humanos adquire o caráter de uma ‘concepção de mundo’” (Lukács, 2018, p. 376). Mas também existem diferenças: **1)** no ‘mundo’ do cotidiano, as exteriorizações cumprem um papel maior, pois a tendência do ser-para-si alcança validade no ser humano inteiro, não meramente na esfera do trabalho; **2)** a crítica aos fatos objetivos tem que ser mais fraca (PTS); **3)** preconceitos, falsas representações etc. podem ser mais duradoras; **4)** a reação é à objetivação e à exteriorização, não como sucede com o objeto criado no trabalho. Assim, na análise da vida cotidiana, se entende que o ser humano não é afetado apenas pelo mundo objetivo externo, mas pela própria existência pessoal interna e externa daquele que põe.

O imediato da vida cotidiana se evidencia então, por um lado, em que os mundos ambiente existem necessariamente de forma imediata espiritual e materialmente. Por outro, na relação teoria-prática: “[...] a vida cotidiana é a esfera na qual cada ser humano, tanto quanto possível, molda imediatamente suas formas pessoais de existência, aonde, em importantes aspectos, é decidido o sucesso ou o fracasso desse modo de vida” (Lukács, 2018, p. 383). Portanto, as exteriorizações têm maior significado do que os outros componentes das objetivações; no entanto, normalmente essas exteriorizações não são conduzidas a colocar em jogo a existência, portanto, quando aparece um conflito, usualmente é deslocado, na consciência, aquilo que não é aceito para o modo de vida.

Disto também deve “[...] ser compreendido que essas transformações executadas através de atos de exteriorização [...]” (Lukács, 2018, p. 384) apresentam a tendência à generalização, ou seja, a alterar aquilo que é uma decisão pessoal em uma realização de questões gerais (leis, tradições etc.). Aqui pode observar-se a relação entre o desenvolvimento social e o desenvolvimento da individualidade: é na sociedade onde as exteriorizações podem auto confirmar-se. Além disso, as necessidades da personalidade também conduzem, por meio das alternativas, às tomadas de posição (negação ou afirmação do que está posto).

Devemos lembrar que as ideologias cumprem a função de dirimir conflitos e estão presentes em muitas das decisões que tomamos os seres humanos singulares em nossa cotidianidade. Portanto, não é possível ignorar o papel da **ciência**, tanto como ideologia (pensamento científico) quanto complexo, presente na cotidianidade a partir de sua intrínseca relação com o desenvolvimento das forças produtivas no sistema do capital.

A crítica às teorias antropomorfizadoras na filosofia, realizada por Lukács (1966), nos permite compreender a importância da ciência na concepção de mundo do ser humano singular em

sua vida cotidiana: toda ética que proponha que o ser terrenal da humanidade está por baixo daquela entidade ou mundo supra natural, coloca ao indivíduo em uma constante dúvida e desprezo por sua personalidade, tem algo que não está completo e que não se pode completar no mundo real. Pelo contrário, uma ética que tenha em seus fundamentos uma concepção desantropomorfizadora da realidade, reconcilia ao ser humano singular com sua própria personalidade, “[...] por grandes que sejam as pugnas internas e por profundas que sejam as crises produzidas por seu desenvolvimento; o ser postulado pela ética, mesmo que seja dificilmente conquistável, é o ser de cada homem individual como tal homem” (Lukács, 1966, p. 168, tradução nossa).

No entanto, as possibilidades reais de que uma tal ética se generalize na vida cotidiana não podem desligar-se das condições materiais de existência. Deste modo se entende que na **relação vida cotidiana-ciência**, as teorias e postulados filosóficos de um momento histórico estão determinados pelo desenvolvimento das forças produtivas (metabolismo com a natureza), que coloca na vida cotidiana as representações sobre o mundo. Aqui se dá uma dupla relação: as necessidades brotam do ser-precisamente-assim (que tem sempre como mediação a ontologia da vida cotidiana), portanto, ao responder a elas, os resultados científico-técnicos afetam e transformam o pensamento e a vida cotidiana, e ao mesmo tempo, essas necessidades agem, nos científicos, em sua forma de interpretar os métodos e seus resultados ontológicos. Em outras palavras, está se falando “[...] do complexo de problemas em que alcançam expressão as conexões ontológicas entre ‘mundo’ e ‘concepção de mundo’ do cotidiano, por um lado, e a imagem do mundo das ciências modernas, por outro” (Lukács, 2018, p. 387).

Deve considerar-se que muitas formas do reflexo científico não têm nenhuma expressão análoga na realidade da vida cotidiana; “[...] a grandeza do cosmos ultrapassa a capacidade do pensamento cotidiano” (Lukács, 1966, p. 196, tradução nossa). Um exemplo claro são as matemáticas. Em sua Estética, Lukács (1966) traz o exposto por Galileu (1564-1642) no Renascimento, quando indica que o universo tem uma linguagem própria que deve ser descoberta pelo ser humano, para assim poder estudá-la e apreendê-la. Não existe, na cotidianidade e na sensibilidade humana, possibilidade de observar um círculo em duas dimensões, no entanto, sua utilidade tem sido indispensável para o reflexo científico da realidade físico-natural. Portanto, o reflexo desantropomorfizador exige um abandono da imediatez do reflexo cotidiano. Outro exemplo que podemos mencionar é o dos instrumentos em relação aos sentidos, neste caso, os

postulados baconianos (Francis Bacon 1561-1626), também desenvolvidos no Renascimento, iluminam a questão: não se pode confiar plenamente nos sentidos porque

[...] nos abandonam ou nos enganam. Sobre o primeiro, têm muitas coisas que escapam inclusive aos sentidos perfeitamente são e bem dispostos, ora porque o objeto é fino demais, ou as partes pequenas demais, ora porque a distância é grande demais, ou o movimento rápido demais ou lento demais, ou porque o objeto é conhecido demais, ou por outras causas. Mas quando os sentidos captam a coisa suas percepções não são sempre dignas de confiança. Pois o testemunho e a informação dos sentidos se produzem sempre ao respeito do homem, não ao respeito do universo, e é um grande erro afirmar que os sentidos são a medida das coisas (Bacon, s.d., p. 95 *apud* Lukács, 1966, p. 201-202, tradução nossa).

A legitimidade da ciência no MPC leva a que esta penetre a vida cotidiana de uma maneira totalmente nova, sendo considerada útil e necessária. No entanto, não é o mesmo utilizar os produtos derivados da aplicação do conhecimento científico, do que apreender, no cotidiano, a essência dos objetos com os que cada indivíduo se depara nem reconhecer a origem dos postulados científicos. Por isto, e considerando a influência progressiva que tem a ciência na vida cotidiana, mas também sua contraditoriedade antagônica dentro do sistema do capital, Lukács (1966, p. 211-212, tradução nossa) nos provoca uma importante reflexão:

[...] pode se dizer que os muito diversos modos de manifestação desta situação (desde o ‘faça-lo-você-mesmo’ até a leitura da literatura de divulgação científica etc.) tenham alterado substancialmente a atitude básica do homem da cotidianidade (e todo homem é em algum respeito um homem da cotidianidade)? Tem se transformado realmente essa atitude em uma atitude científica?

É impossível negar que existem muitos indivíduos que têm conseguido fixar um reflexo desantropomorfizador para as decisões em sua vida cotidiana, ao compreender que as fronteiras do conhecimento não têm nada a ver com “[...] a atual capacidade do sujeito enquanto a seu comportamento respeito do mundo e a seu domínio da realidade objetiva” (Lukács, 1966, p. 205, tradução nossa). No entanto, a outra tendência, a antropomorfização, continua existindo. Em qualquer caso, as condições contraditórias do MPC, que já temos explorado, devem ser o solo das reflexões sobre as possibilidades concretas do que Lukács (1966) chamou de homem inteiramente⁷⁸.

⁷⁸ O homem inteiro da cotidianidade se converte no homem inteiramente, “[...] inteiramente orientado ao sistema de objetivação concreto do que se trate” (Lukács, 1966, p. 190, tradução nossa). O primeiro utiliza as ferramentas (materiais e intelectuais) sempre de volta a sua vida cotidiana. O segundo as utiliza como meio para obter

Vemos assim que a relação ciência-vida cotidiana tem estado plena de contradições desde a consolidação da ciência moderna. É sabido já como Lukács (1966), com base em Marx, conseguiu identificar a atitude reacionária da burguesia no momento em que a ciência se torna uma ferramenta indispensável para o desenvolvimento do capitalismo na época do Renascimento. Enquanto não se podia negar a utilidade do pensamento desantropomorfizador para o impulso das forças produtivas, a concepção de mundo religiosa (especificamente católica), não podia entrar em questão. Posteriormente, a ciência

[...] fica autorizada a manipular e dominar livremente o mundo dos fenômenos, uma vez decretado que desse mundo não podem obter-se inferências ao respeito do mundo em si, da realidade objetiva. O idealismo filosófico, agora somente subjetivo, fica em uma posição que consiste na mera proibição epistemológica de uma imagem objetiva do mundo (Lukács, 1966, p. 176, tradução nossa).

O **subjetivismo** não acode à crença de deus, mas à ultra valorização do indivíduo e do pensamento antropomorfizador. Diferente das crenças religiosas, o subjetivismo se apresenta com uma pretendida objetividade baseada na experiência do ser humano singular, em contraposição ao mundo objetivo estudado pela ciência. O coração desta contraditoriedade entre concepção subjetiva do mundo e a contínua e crescente influência da ciência na vida cotidiana se explica pela iniludível necessidade de utilizar categorias desantropomorfizadoras no cotidiano dos indivíduos. Assim, os ideólogos burgueses se encontram a si mesmos em uma encruzilhada: não podem negar a ciência porque está na base da consolidação e o avanço das forças produtivas do sistema que defendem e, ao mesmo tempo, requerem negá-la porque seu completo desenvolvimento desemboca, necessariamente, na aceitação das contradições inerentes ao sistema, isto é, a apologia ao capitalismo seria impossível de sustentar. Por isto, o subjetivismo se torna uma das armas mais potentes para a defesa do sistema do capital (Lukács, 1966).

Vemos, por exemplo, que os ideólogos burgueses realizaram críticas à forma que toma a divisão do trabalho capitalista, no entanto, o problema reside em não entender as razões deste problema e as possibilidades reais de sua superação. Tomando o caso das **Ciências Sociais**, Lukács (2015, p. 110) explica:

um reflexo desantropomorfizador. E isto não significa desconsiderar os afetos e atitudes desse ser humano singular, mas, pelo contrário, reconhecê-las sempre em suas decisões para a ação. Assim, a conexão entre indivíduo e gênero se desdobra e se consolida, esse o objetivo deste processo.

A decadência da ideologia burguesa operou nelas uma tão intensa modificação que elas não podem mais se relacionar entre si, e o estudo de uma não serve mais para promover a compreensão da outra. A especialização mesquinha tornou-se o método das ciências sociais.

Desta forma, elas nascem fragmentadas no estudo de seu ‘pedacinho’ de realidade, quase completamente acríticas. A primeira é a Sociologia, que procura compreender a sociedade separando-a dos processos econômicos, e no sentido contrário, sucede o mesmo com a Economia. A História, por seu lado, centra-se em estudar o percurso histórico em sua unicidade, sem levar em conta as tendências sociais (Lukács, 2015).

Observemos isto um pouco mais de perto. Coutinho (2010) nos explica que, como resultado da fetichização e da alienação inerentes ao sistema do capital, nasce o **pensamento fetichizado**. Ele não transcende a descrição do imediato e deriva da espontaneidade no capitalismo; se divide em duas correntes: o **irracionalismo**⁷⁹ e o **agnosticismo**⁸⁰. Ambas as duas negam a possibilidade de compreender a totalidade de maneira racional. Depois da Revolução Francesa (1789), as duas correntes procuravam apreender o real a partir da apologia do progresso capitalista (negando a contradição da sociedade burguesa, rompendo com a tradição progressista), ou do anticapitalismo romântico (que via na socialização do trabalho e da vida um ataque ao desenvolvimento individual) (Coutinho, 2010).

Do anticapitalismo romântico derivam as filosofias do subjetivismo, revelando um traço religioso e uma conexão espiritual com os momentos pré-capitalistas. Além disso, exaltam a vida privada como espaço de subjetividade e lutam contra a vida pública e, portanto, contra a democracia. São reacionárias e anelam tornar às formas aristocráticas, tanto ética quanto politicamente, para encontrar esse “[...] Absoluto pleno de sentido [...]” (Coutinho, 2010, p. 47), perdido pela alienação na sociedade capitalista.

Com a consolidação e o aprofundamento das contradições já mencionadas do capitalismo, a corrente apologética agnosticista dirige-se para o **positivismo** que: **1)** afasta os problemas da contradição; **2)** considera que os problemas ontológicos da realidade não podem ser conhecidos ou são irracionais; **3)** oculta a essência do real; **4)** estabelece limites ao conhecimento; **5)** toma dados da realidade de maneira arbitrária. Assim: “[...] A própria atividade humana, a práxis social em

⁷⁹ Explicado por Coutinho (2010) como uma intuição fixada na imediatez da vivência, deixando de lado as mediações sociais, por não as considerar autênticas.

⁸⁰ Entendido como uma fixação intelectual em dados homogeneizados sem apreender a totalidade concreta (Coutinho, 2010).

todas as suas determinações, vai sendo progressivamente afastada do domínio da racionalidade” (Coutinho, 2010, p. 55). Em Comte (1798-1857), isto se expressa ao dizer que o homem não existe, e que somente existe a humanidade. Durkheim (1858-1917), ao tratar os fatos sociais como ‘coisas’, os equipara com os objetos da natureza, tirando-lhes toda sua especificidade como práxis criadora. Lévi-Strauss (1829-1902), ao tratar aos homens como ‘formigas’, assegura que as ciências humanas têm como objetivo dissolver o homem, no lugar de constitui-lo. E Foucault (1926-1984), ao entender o discurso como o objeto único de um conhecimento verdadeiro, prediz ‘a morte do homem’.

A radicalização do irracionalismo, com Wittgenstein (1889-1951) como um de seus maiores expoentes, tem suas raízes no momento histórico quando as guerras imperialistas, as revoluções socialistas etc., trazem dificuldades aos intelectuais pequeno-burgueses para entender tantas contradições, abandonando a possibilidade de que a razão dialética explique a realidade. Inclusive os pensadores burgueses mais significativos se encontraram envolvidos “[...] por um pessimismo derrotista claramente tingido de irracionalismo” (Coutinho, 2010, p. 59). Depois deste período veio uma estabilização do capitalismo que resultou em um retorno ao pensamento racionalista, sem renunciar por completo ao agnosticismo.

A “[...] ‘miséria da razão’ transforma em algo irracional todos os momentos significativos da vida humana” (Coutinho, 2010, p. 43). Por esta razão, as filosofias imediatistas somente pensam a partir do que Weber chamava de ‘racionalidade formal’ (burocratizada) e a partir da conversão da práxis burocratizada em um modelo para a vida, deixando a análise da totalidade social. Têm três efeitos desta concepção:

A práxis aparece agora como uma mera atividade técnica de manipulação; a objetividade se fragmenta numa coleção de ‘dados’ a serem homogeneizados; e, finalmente, a razão reduz-se a um conjunto de regras formais subjetivas, desligadas do conteúdo objetivo daquilo a que se aplicam (Coutinho, 2010, p. 43).

Deste modo, nas ramas da sociologia positivista e da economia vulgar, o objeto se desliga da história e, portanto, se formaliza. E na filosofia, toda ontologia ou ética é suprimida, reduzindo-se ao aspecto epistemológico e ignorando as contradições do objeto⁸¹ (Coutinho, 2010).

⁸¹ Para Coutinho (2010, p. 30), a única possibilidade de “[...] fundar cientificamente a ética e a ontologia [...]” é utilizar os três núcleos do progressismo. É por isso pelo qual, na decadência, se produz esta ruptura, a partir da negação ou ‘correção’ das categorias: 1) o humanismo entendido como individualismo exacerbado ou o homem como ‘coisa’ (negação do momento criativo da práxis humana); 2) o historicismo como pseudo-historicidade subjetivista e

Mas Lukács (2015, p. 119) nos adverte que os ideólogos burgueses das Ciências Sociais podem realizar uma ruptura com sua própria classe:

A aberta adesão ao materialismo filosófico; o reconhecimento da teoria da mais-valia, com todas suas implicações, em economia; uma concepção da história que veja na luta de classes a força motriz do desenvolvimento e no capitalismo uma forma social transitória etc. – tudo isto conduz a uma ruptura imediata e radical com a burguesia.

Com estas explicações é possível entender que, no caso da ciência, e especialmente das ciências da natureza, estas não são uma ideologia porque estão ligadas, em sua gênese, ao desenvolvimento da produção (criando uma autonomia relativa, é claro). Em sua relação com a ideologia (na gênese e efeitos duradouros da ciência), se vê que a ontologia da vida cotidiana tem uma presença intensa “[...] naquelas representações fundamentais (*Grundvorstellungen*) nas quais a ciência de períodos inteiros costuma se apoiar como obviedade” (Lukács, 2018, p. 488, itálicas do autor).

Por sua vez, a gênese e os efeitos duradouros das Ciências Sociais “[...] contém um inexorável elemento ideológico [...]” (Lukács, 2018, p. 489), pois, objetivamente, sua base ontológica são as PTS. No entanto, sua realização é mais complicada do que nas ciências da natureza porque, tendencialmente, a divisão do trabalho põe às ciências da sociedade a tarefa de apreender fatos e conexões na totalidade do ser social e esses momentos tendenciais podem levar a sua fetichização e absolutização, como já vimos. Disto se entende que a correção científica não impede a penetração da ideologia e que algo surgido cientificamente pode desempenhar um papel ideológico importante. Portanto, na ontologia da vida cotidiana opera uma intensificação da função da ideologia e da “[...] condução imediata da práxis [...]” (Lukács, 2018, p. 492) das teorias científicas e filosóficas através de duas tendências: por um lado, a vulgarização e simplificação dos componentes da ideologia, e por outro, a síntese que realiza delas⁸².

Assim, para apreender a **relação entre ciência e ideologia**, se deve eliminar a pretensão de neutralidade. Por exemplo, na história da ciência, “[...] permanece ignorado que a escolha, a mais elementar, da temática, seleção dos fatos [...] não pode ser levada a cabo de todo

abstrata ou apologia da positividade; 3) a razão dialética como irracionalismo baseado na intuição arbitrária ou no agnosticismo.

⁸² Não ignoramos que a análise sobre estas relações apresentadas deve ser aprofundado na atualidade. É preciso, por exemplo, abordar os efeitos das teorias pós-modernas nas Ciências Sociais e a função que cumprem no cotidiano e vice-versa, no entanto, isto ultrapassa os limites deste trabalho. Por agora, quisemos apresentar uma aproximação ao debate ontológico sobre estas questões, com o fim de iluminar caminhos de análises.

independentemente de todas as ideologias em geral” (Lukács, 2018, p. 491). Por isto é necessário colocar corretamente as perguntas sobre a conexão ontológica entre o método científico utilizado e a visão ideológica da história. Por exemplo, quando alguns científicos positivistas-modernos negam o ser-em-si, isto se conecta com a ‘concepção de mundo’ do cotidiano em dois sentidos: **1)** o conteúdo das interpretações dentro do desenvolvimento científico está atado a ideologias dominantes determinadas; **2)** as concepções de mundo científicas brotam do cotidiano, que coloca uma necessidade social ao científico, determinada por sua posição no capitalismo e na manipulação, que “[...] torna todo ser humano um nada impotente” (Lukács, 2018, p. 388). Esta é a questão decisiva para a tomada de posição.

O que interessa aqui, é esse fluxo entre o cotidiano manipulado e a concepção de mundo na ciência, a divulgação desse tipo de concepções na elite acadêmica e a falta de crítica sobre elas. Isto é visto de forma transparente no caso da gnosiologia, pois canoniza as formas dominantes do método da época e procura criar ou adaptar “[...] espécies de ser [...]” (Lukács, 2018, p. 389) para dar uma base ontológica a esse método; e, além disso, não diferencia essência e fenômeno, limitando-se ao mundo fenomênico. Em contraste, uma crítica ontológica consegue fazer críticas ao método e às ciências a partir do próprio ser, mas para que isto ocorra, já devem existir estas tendências na vida cotidiana.

Reconhecemos, como parte das produções teóricas influenciadas pela decadência ideológica, a corrente conhecida hoje como **Sociologia das profissões**. A continuação apresentamos alguns elementos de discussão.

4.2.2.1. A decadência ideológica da burguesia e a Sociologia das profissões

Sem ser o objetivo desta pesquisa, é necessário reconhecer algumas discussões propostas, pelo peso histórico e teórico que têm tido, identificando nesta tradição algumas contribuições importantes para a compreensão das profissões e sua função social, ao igual que alguns desacertos acerca da autonomia relativa e o espaço de manobra que possuem as profissões⁸³. Desde esta

⁸³ Consideramos que a crítica marxista não deve representar uma negação dos postulados teóricos que realizam leituras fenomênicas da realidade. O importante é, ao nosso ver, reconhecer as contribuições que estas brindam e, ao mesmo tempo, identificar os equívocos que não permitem fazer uma análise ontológica de qualquer objeto de estudo.

perspectiva têm se construído duas formas de analisar este objeto de estudo: desde a dinâmica interna e desde a dinâmica externa.

Iniciando com Weber, observamos que sua análise se centra nas profissões no capitalismo, sendo estas “[...] a atividade laboral permanente do homem que (normalmente) constitui sua fonte de ingressos e, com ele, sua base econômica existencial permanente” (Weber, 2009, p. 82, tradução nossa). Este autor, referente nas discussões sociológicas, expõe que na religião católica não existe uma expressão equivalente a ‘Beruf’ no alemão (vocação), existente, sim, nos povos onde predominou o protestantismo⁸⁴.

Em contraposição à visão católica de que a “[...] única forma de viver de maneira agradável a Deus [...]” (Weber, 2009, p. 60, tradução nossa) é a partir da vida monacal, se propõe que, para orientar a vida para a vontade de Deus, o indivíduo deve realizar uma construção racional “[...] do estilo de vida dentro do mundo [...]” (Weber, 2009, p. 129, tradução nossa), consistente em cumprir com sua profissão a cavalidade. Weber explica:

Desde o momento em que deve estar ao serviço da glória de **Deus** e não da **criatura**, o ‘amor ao próximo’ se manifesta em **primeiro** termo no cumprimento dos deveres **profissionais** dados pela *lex naturae*, com o que adquire uma característica especial impessoal-objetiva e se converte em um serviço orientado à configuração racional do Cosmos social que nos rodeia. Porque a maravilhosamente útil configuração e disposição deste Cosmos — que tanto segundo a revelação bíblica quanto pela observação natural está evidentemente desenhado para servir ao ‘**benefício**’ do gênero humano — permite inferir que o trabalho ao serviço deste impessoal benefício social promove a glória de Deus e, portanto, é algo que emana de Sua vontade (Weber, 2009, p. 101, negrito e itálicas do autor, tradução nossa).

É assim como a profissão se converte no cumprimento da vontade de Deus.

Por outro lado, existe a consideração de que, para honrar esta vontade, não se pode perder tempo no ócio e que cada pessoa deve reconhecer e trabalhar em sua profissão, seja ela rica ou pobre, levando em conta que:

[...] a utilidade de uma profissão e seu correspondente agrado a Deus se regem em primeiro lugar por normas morais, logo pela importância dos bens produzidos para a ‘comunidade’, mas imediatamente como terceiro critério, e naturalmente o mais importante na prática, segue o do lucro da economia privada (Weber, 2009, p. 171, tradução nossa).

⁸⁴ Weber é insistente em esclarecer que, por um lado, a Reforma não pode entender-se como consequência do desenvolvimento econômico capitalista e, por outro lado, que ‘o espírito capitalista’ não surgiu **somente** da Reforma.

Se Deus brinda a possibilidade do lucro, não se pode negar. No entanto, este não pode estar acompanhado do luxo porque, indubitavelmente, o lucro deve ser reinvestido no processo de produção, o lucro como capital.

Baseado nestes postulados, mas imprimindo uma nova perspectiva teórica, o enfoque neoweberiano aponta que a raiz da definição das profissões dá-se em termos de uma exclusividade social no mercado sancionado pelo Estado (o papel do Estado aqui se torna central devido à regulação legal):

[...] o enfoque neoweberiano se centra no princípio de que vivemos em um mundo dinâmico e competitivo de poder e interesses macropolíticos, no qual os grupos ocupacionais ganham e/ou mantêm uma posição profissional baseada na criação de limites legais que marcam a posição de grupos ocupacionais específicos (Sacks, 2012, p. 4, tradução nossa).

A profissão tem, então, uma posição protegida legalmente no mercado, e usualmente (não sempre) se obtém a entrada às profissões por meio de credenciais de educação superior. Portanto, os limites não estão dados pelo conhecimento e a experiência, mas pelo Estado (influência política dada pela “[...] assinatura estatal” (Sacks, 2012, p. 5, tradução nossa)). Ainda que seja claro que as profissões têm uma relação com diferentes instituições estatais e não estatais (como os grêmios profissionais), estes enfoques não permitem compreender a função social que cumprem as profissões, colocando ênfase exclusivamente nos aspectos formais, externos e fenomênicos delas.

Freidson (2001), um dos neoweberianos mais importantes deste campo da sociologia, propõe realizar uma teoria geral e abstrata das ocupações, enquanto as profissões devem ser concebidas como fenômenos concretos. Isto devido a que “[...] qualquer iniciativa para defini-lo e analisá-lo estará inevitavelmente sujeita à possibilidade de ser empregada com o fim de dirigir a atribuição e a justificação das recompensas para alguns e de retê-las a outros” (Freidson, 2001, p. 35, tradução nossa). Esta postura implica uma preponderância dos interesses institucionais ou subjetivos, como se fosse impossível uma análise objetiva e como se as ocupações não foram, também, fenômenos concretos.

Urteaga (2008, p. 183, tradução nossa) explica que Freidson fala da legitimidade e o controle construindo tipos-ideais, constituindo as seguintes características:

[...] a legitimidade do controle recai sobre: um corpo de conhecimentos especializados e validados por um reconhecimento oficial; a existência de um espaço profissional e de uma

divisão do trabalho controlado pelos trabalhadores próprios; a existência de um mercado fechado do trabalho; a formação longa e diretamente controlada pela elite profissional.

Abbot, outro neweberiano, centra sua análise, de novo, no reconhecimento, e, especialmente, no “[...] reconhecimento jurídico de sua concorrência” (Urteaga, 2008, p. 184, tradução nossa). Este é adquirido pelo triunfo de uma profissão sobre outra, ao responder adequadamente aos problemas colocados socialmente; para isto é essencial a pesquisa científica e os descobrimentos derivados dela. Parece-nos equivocado que o foco esteja na concorrência pelo reconhecimento, e não na resposta às demandas, pois é esta última a que motivaria a necessidade de explicar o mundo para responder com mais exatidão aos problemas sociais e humanos, obtendo, em consequência, maior legitimidade social.

Por outro lado, Parsons considera que a função essencial das profissões é “[...] assegurar o controle social e contribuir, deste modo, à reprodução dessa estrutura [das atividades profissionais]” (Urteaga, 2008, p. 174, tradução nossa). Igualmente, tomando o exemplo da medicina, indica outra função, que é a de legitimar o papel social da ciência:

A função social da instituição médica é a de exercer um controle social do desvio. O paciente se dirige individualmente ao médico e reforça a cultura legítima reconhecendo a validade da peritagem médica e sua superioridade sobre as interpretações profanas e os rituais mágicos. Deste modo consolida os valores da racionalidade científica (Urteaga, 2008, p. 176, tradução nossa).

Desde outra arista, o interacionismo simbólico propõe que as profissões estão compostas tanto por fatores sociais (interação) quanto por fatores individuais (trajetórias biográficas). Esta concepção está centrada nas dinâmicas internas. Sobre isto observamos que é claro que pode haver um esforço individual/coletivo por obter legitimidade social; o problema é concentrar-se somente ali, deixando de lado que as profissões nascem devido a que a sociedade as requiere para cumprir uma função específica. Por isso, essa luta por legitimidade deve estar analisada no cumprir com as exigências sociais: é a sociedade que lhe diz às profissões como devem moldar-se; isto sem deixar de lado a capacidade de resposta, isto é, o espaço de manobra.

Por sua parte, Dingwall (2004, p. 8, tradução nossa) ressalta a importância de que a análise não seja realizada a partir da “[...] procura organizada do interesse de uma ocupação [...]”, mas desde as “[...] condições ambientais [...]” nas que são criadas as profissões. Assim, estas deveriam ser estudadas sob uma perspectiva e dinâmica externa.

É bastante desencaminhador, no sentido lukacsiano, achar que podem existir profissões que resultem de projetos independentes (inclusive se está se falando de certa independência em relação ao Estado), ou que algumas profissões resultem de projetos de Estado de forma exclusiva, sem entender as determinações estruturais. Neste caminho, se entende que é a partir de unas condições histórico-sociais específicas, que aparece o espaço sócio-ocupacional para o desenvolvimento interno das profissões (Netto, 2002). Isto quer dizer que não é suficiente entender a dinâmica interna das profissões para analisar sua autonomia relativa, mas também não pode centrar-se o debate somente nas condições estruturais. Por isto, é necessário, sempre como mediação, o espaço de manobra que tem os indivíduos para agir, dentro de condições determinadas social e historicamente. Em outras palavras: é a realidade social a que demanda e permite o surgimento de qualquer práxis social; somente é possível que alguma coisa exista, porque já há uma possibilidade concreta para sua existência (*dynamis*). Agora, o que diferencia a possibilidade da existência real são os atos humanos concretos que, através da eleição entre diferentes alternativas, permitem a objetivação.

Segundo Felipe (2015, p. 18), desde a Sociologia do trabalho se entende que a maioria das profissões têm uma autonomia relativa pois sua atuação não é totalmente livre. Elas não são autónomas em aspectos como “[...] o assalariamento, o controle hierárquico e a definição externa das condições de trabalho”. Mas podem ter “[...] certa margem de manobra e de liberdade na realização de suas funções”. Por outro lado, existem as profissões liberais (o direito e a medicina como exemplos clássicos) cujas funções não dependem de hierarquias institucionais.

[...] Freidson (1998, p. 99) evidencia que, quando uma ocupação se torna plenamente profissionalizada, ela consegue controlar o que faz e como faz, mesmo que seu trabalho seja desenvolvido no interior de uma organização. Vale destacar que a profissionalização de uma ocupação nada mais é do que a obtenção do direito exclusivo de realizar um determinado trabalho, controlando também o treinamento, o acesso a ele e a avaliação do mesmo pelos pares (Felipe, 2015, p. 19).

É claro que os profissionais devem ter certa autonomia para exercer suas funções, tal vez a dificuldade aparece ao se referir ao ‘direito exclusivo’, que, ademais, tem uma relação direta com o dever. A linguagem deontológica acerca do que é aceito ou não na ação profissional, coloca aqui um matiz idealista, que pode ter a tendência a realizar leituras das profissões a partir do dever ser e não do movimento do real e das possibilidades e limites que coloca a reprodução da sociedade.

Além do anterior, entendemos que, na relação entre o complexo parcial das profissões e os outros complexos, o momento predominante é a economia. Aqui vemos a relação de dependência e autonomia: dependência, pois é a reprodução do todo a que demanda a criação de ocupações especializadas; e autonomia, pois os grupos especializados também dão rumo às profissões (participação consciente) e têm um campo de possibilidades concretas de ação. Ontologicamente é a reprodução do todo a que guia o processo, mas concretamente, como síntese de PT, as profissões também têm a capacidade e a possibilidade de construir caminhos a partir de aspectos ideológicos, éticos, políticos, culturais etc. Eis a importância da análise concreta.

Por outro lado, observa-se que, historicamente, a política, e com ela o Estado, vêm criando laços de interdependência cada vez mais fortes com o processo econômico, em relação com sua necessidade mútua. Isto pode levar ao escurecimento do papel do processo econômico e as reais mediações entre ambos. Por isto não é suficiente entender os “[...] determinantes sociais [...]” (Felippe, 2015, p. 13) como “[...] o papel fundamental do Estado, das universidades, das ordens e de outros agentes nos processos de profissionalização” (Felippe, 2015, p. 13).

Depois de compreender, em termos gerais, a importância que tem tido a decadência ideológica nas profissões com funções ideológicas, surge a pergunta: quais as possibilidades de que estas profissões contribuam à construção de caminhos para a emancipação humana?

4.2.3. *Espaço de manobra, profissões com funções ideológicas e emancipação humana*

O desenvolvido até agora nos permite abrir uma discussão para possibilidades além do sistema do capital, para a emancipação humana. Para isto, como defendemos neste trabalho, consideramos que um dos elementos mais importantes que brinda o método do materialismo histórico-dialético é a apreensão da realidade tal como ela é, e não como a queremos. Assim, ao delinear os aspectos gerais da emancipação humana, entendemos que nossa prática cotidiana, seja como profissionais ou como indivíduos, tem os limites postos na realidade concreta, o que permite desidealizarnos e desidealizar tanto os fins quanto os meios de nossas ações.

Expunha Marx (2010, p. 54) em *Sobre questão judaica*:

a emancipação humana só estará plenamente realizada quando o homem individual real tiver recuperado para si o cidadão abstrato e se tornado *ente genérico* na qualidade de homem individual na sua vida empírica, no seu trabalho individual, nas suas relações individuais, quando o homem tiver reconhecido e organizado suas “*forces propres*”

[forças próprias] como forças *sociais* e, em consequência, não mais separar de si mesmo a força social na forma da força *política*.

Ivo Tonet (2012) explica que, nesta forma de sociabilidade, a base será o **trabalho associado**, que consiste no controle livre, coletivo e consciente de todos os seres humanos sobre o processo de produção e distribuição de valores de uso. Isto tem como condição o fenecimento da sociedade de classes “[...] e todo o conjunto de mediações essenciais para sua reprodução (Estado, política, Direito, etc.)” (p. 35).

Sobre isto, algumas considerações. A partir da análise histórico-concreta se podem vislumbrar, de maneira abstrata, as formas gerais e essenciais que teria uma sociedade baseada no trabalho livre associado, como acabamos de mencionar. Isto reconhecendo que, dentro do capitalismo, com o grande desenvolvimento das forças produtivas, têm se criado as possibilidades para uma verdadeira socialização da produção, isto é, existem probabilidades de que a exploração econômica chegue a seu fim. Assim, sem a base do trabalho explorado se reduziria o tempo de trabalho socialmente necessário e isto estaria acompanhado do aumento do tempo livre que, por sua vez, permitiria o desdobramento das potencialidades humanas que cada ser humano singular quisesse desenvolver, pois já estão a seu serviço, e não ao serviço do capital (Tonet, 2012). Vemos assim que, ao entender a economia como momento predominante, e o trabalho como fundamento ontológico do ser social, é possível vislumbrar mudanças reais e estruturais nos outros complexos da totalidade social. No entanto, é um erro esquecer que a economia tem, predominantemente, um caráter espontâneo, que responde às necessidades concretas em momentos históricos concretos, tanto para a manutenção quanto para transitar de um modo de produção a outro.

Disto surgem vários questionamentos. Ao desaparecer complexos parciais que têm sido ontologicamente fundamentais para a origem e desenvolvimento das profissões com funções ideológicas como as classes sociais, a educação em sentido estrito, a ideologia em sentido estrito e o Estado: quais seriam os conteúdos e formas que estas tomariam? Seguiriam existindo tal como as conhecemos (incluindo universidades, diplomas etc.)? Por outro lado, entendemos que as profissões com funções ideológicas são reflexo das relações antagônicas de classe, e isto pode ser evidenciado tanto na educação quanto no exercício profissional. Portanto, em um nível ontológico (ou seja, desconhecendo análises de situações concretas), a pergunta sobre as possibilidades de que estas profissões desafiem as demandas que permitem sua existência é altamente complexa: **é possível, realmente, que contribuam à construção de caminhos para a emancipação humana?**

Não é possível saber, de nenhuma maneira, o ser-precisamente-assim de uma formação socio econômica que ainda não existe, no entanto, estas perguntas nos remetem a pensar no hoje e nas reais possibilidades de ação das profissões com função ideológica, dentro do modo de produção capitalista, para aportar à construção de caminhos para a emancipação humana e, ao mesmo tempo, quais seriam algumas das mudanças possíveis deste tipo de profissões em uma sociedade emancipada.

É claro que, com uma verdadeira socialização, tanto da produção quanto do consumo, a propriedade privada desapareceria, e com ela as classes sociais e o Estado. Com estas condições, também é evidente que a **divisão do trabalho** sofreria uma transformação essencial, florescendo uma **harmonização entre o trabalho manual e o trabalho intelectual**, referendo-nos à possibilidade de que o trabalhador coletivo da produção capitalista seja substituído pelos/as trabalhadores/as livres associados/as, os quais determinariam as formas de participar⁸⁵ nos processos econômicos. Assim, não existiria um grupo que se dedicasse às tarefas espirituais e outro às manuais, ao trabalho propriamente dito.

O anterior levaria a que os processos formativos se deram nos dois complexos da divisão social do trabalho, pois, por um lado, a **educação** em sentido estrito desapareceria, e por outro, se generalizaria a formação humana integral (uma formação dirigida ao ‘homem inteiramente’, não somente ao ser humano que trabalha, ou ao que pensa).

Manacorda (2005) explica qual era a posição de Marx, e posteriormente de Lenin, sobre a educação. Esta deveria apontar à formação do homem omnilateral, isto é, uma formação não dirigida à especialização de um trabalho em específico, mas ao desenvolvimento das habilidades do ser humano no geral. E traz um fragmento do discurso de Marx no Conselho Geral da I Internacional: “[...] por uma parte se requiere uma mudança das condições sociais para criar um sistema de educação coerente, e pela outra se requiere um sistema de educação coerente para poder mudar as condições sociais” (Marx, 1869 *apud* Manacorda, 2005, p. 477, tradução nossa).

Agora, devido aos antagonismos próprios do MPC, todos os complexos parciais que compõem a totalidade social estão atravessados por relações antagônicas, mesmo que de maneira diferenciada e nunca como uma fórmula. O capital coloca dois objetivos fundamentais à educação em sentido estrito: a formação de mão de obra (educação para o trabalho) e a formação nos valores

⁸⁵ O ser humano não é bom nem mau por natureza, é produto das relações sócio-históricas, portanto, em uma sociedade emancipada, poderia (sempre como possibilidade, nunca como determinação fixa) desenvolver-se um novo tipo de personalidade, uma personalidade autêntica na relação entre ser humano singular e gênero humano.

próprios da sociedade burguesa, ao redor do conceito de cidadania, isto é, uma formação ideológica⁸⁶.

Diz Tonet (2012, p. 27) que, no momento atual de crise estrutural do capital, é indispensável colocar a discussão sobre a educação em termos de uma disjuntiva: “[...] ou a intensificação da barbárie do capital ou a superação deste em direção ao socialismo”. Neste marco, o autor reconhece que não é possível que a totalidade da educação seja emancipadora, no entanto, a proposta à qual aponta é, por um lado, à luta por políticas educativas progressistas e, por outro, à construção e execução de ‘atividades educativas emancipadoras’ encaminhadas a uma ‘formação radicalmente crítica’ que tenham como base as teorias marxianas e marxistas. Para conseguir isto, o autor coloca cinco requisitos. O primeiro é identificar quais seriam as condições de uma sociedade emancipada (como a eliminação da propriedade privada e do trabalho assalariado, e a instauração do trabalho livre associado). O segundo é apreender o processo histórico da humanidade. O terceiro é conhecer a essência da educação. Sobre este último, parece-nos que pode ampliar-se para as profissões, e especialmente para aquelas com funções ideológicas, “[...] para evitar que se atribuam à educação responsabilidades que não lhe são próprias, como, por exemplo, promover a transformação do mundo, ou, então, diminuir demais suas possibilidades, concebendo-a como um simples instrumento de reprodução da ordem social atual” (Tonet, 2012, p. 72). O quarto requisito é a necessidade de dominar os conhecimentos da área de saber específica. E o quinto, a articulação com as lutas do proletariado e as classes subalternas.

Todo isto aponta a um objetivo: desidealizar as ações educativas emancipadoras, ao igual que evitar aquelas desencaminhadoras⁸⁷. Portanto: “É melhor fazer pouco na direção certa, do que muito na direção errada” (Tonet, 2012, p. 39).

E todo isto tem relação com as mudanças que sofreria a **ciência**. Já vimos que ela tem se tornado um refém do capital, mesmo que sempre com autonomia relativa. Por isto entendemos que, ao desaparecer a sociedade de classes, seria possível, por uma parte, a generalização da ciência e o pensamento desantropomorfizador na vida cotidiana, e por outra, que filosofia, ciência e ontologia se unissem, pois já não seria necessária uma visão fragmentada e fenomênica da realidade para

⁸⁶ tem sentido, então, que, na sociedade regida pelo capital, a educação profissional esteja direcionada a qualificar a força de trabalho, e não ao ser humano integral (Tonet, 2012).

⁸⁷ Podemos tomar o exemplo da contradição entre a já mencionada igualdade formal educativa, necessária para os objetivos do sistema do capital, e a igualdade real. Tem se achado que esta última não tem se alcançado por questões de má administração, falta de interesse político ou de orçamento etc. (Tonet, 2012), quando, em realidade, é uma impossibilidade real.

legitimar a reprodução das desigualdades sociais. Esta união traria como consequência, ao nosso parecer, a conjugação dos saberes das profissões com funções ideológicas (levando em conta que suas formas e conteúdos podem ser radicalmente modificados ou inclusive podem extinguir-se tal como as conhecemos), ficando ao serviço do ser humano integral e não de uma classe social em particular.

O mesmo reto coloca-se para as **profissões com funções ideológicas no geral**: o que podemos, e não podemos fazer, está determinado pelo espaço de manobra concreto. Em uma possível sociedade emancipada, a ideologia em sentido estrito desapareceria, portanto, estas profissões não estariam ao serviço da reprodução da sociedade de classes, ou seja, não estariam ao serviço da classe dominante e promulgariam ideologias para resolver conflitos em sentido concreto.

Seguindo com a generalidade, e de forma abstrata e ampla, consideramos que as possibilidades de ação das profissões com funções ideológicas, no marco da atual crise do capital, devem estar dirigidas a diferentes frentes. Uma delas é a difusão e promoção de ideologias que permitam uma compreensão científica, histórica, filosófica e ontológica da sociedade burguesa e a luta de classes, para uma geração de consciência emancipadora. Isto deve estar acompanhado da difusão da importância do papel da ciência para as análises da realidade social, sem separá-la da ontologia, além de utilizá-la para analisar as realidades concretas onde se exerce cada profissão, pois o conhecimento da realidade é o que permite melhorar as formas como as profissões ideológicas levam a cabo ‘atividades emancipadoras’.

Lembremos que o impulso da ciência é um impulso humanizador, pois permite aos seres humanos entender-se a si mesmos em sua vida e não na transcendência etérea. No entanto, a ciência no capitalismo também tem representado um instrumento de desumanização, porque sua utilização no desenvolvimento das forças produtivas tem sido o elemento mais claro de exploração e opressão para o/a trabalhador/a assalariado/a no geral, e especialmente para a classe proletária (Lukács, 1966), ademais, “[...] a ciência, ao invés de aliviar o fardo do trabalho e possibilitar uma nova era para a humanidade” (Bispo, 2014, p. 92). É sob esta compreensão que devemos apontar para a importância de que a ciência, e especialmente as Ciências Sociais (por cumprir uma função ideológica), não se separem da filosofia, pois:

A cismundandade do pensamento —consequência necessária da desantropomorfização— é a chegada do poder humano a um mundo cada vez mais rico e mais intensamente conquistado, não um vácuo nem um abismo, como o tem sentido e dito Pascal e outros muitos depois dele (Lukács, 1966, p. 206, tradução nossa).

Dali a necessária e iminente apreensão da teoria social marxiana e marxista, especialmente por sua relação com a ideologia, pois a separação gnosiológica entre ciência e ideologia não significou nunca um dilema para o **marxismo**, porque: **1)** “[...] se compreendeu, deste o⁸⁸ início, como instrumento, como órgão para dirimir os conflitos de seu tempo, antes de tudo os centrais, entre a burguesia e o proletariado [...]” (Lukács, 2018, p. 494); **2)** sempre teve a exigência da cientificidade.

Para entender a particularidade do “[...] autêntico marxismo [...]” (Lukács, 2018, p. 495), se deve compreender o princípio operante no enlace que realizou entre ciência e filosofia: na maior parte das vezes, a ciência, ‘desde baixo, controla que as generalizações ontológicas da filosofia correspondam com o movimento do real; e a filosofia, faz a crítica ontológica ‘desde acima, controlando que as análises singulares correspondam às conexões ontológicas corretas do desenvolvimento da totalidade social e apreendam seu lugar correto. Ambas as atitudes críticas apontam também à ontologia da vida cotidiana. Esta combinabilidade somente é possível pelo próprio desenvolvimento do ser social:

Em nossos dias, este ontologismo social consistente, esse ser-fundado, consciente e metodologicamente, da generalização filosófica no processo econômico real é um sinal histórico de que a decisão nos conflitos que levam ao término da ‘pré-história da humanidade’, foi gradualmente, em escala histórico-mundial, posta na ordem do dia. Com isto surge a possibilidade de consumir o dirimir ideológico desses conflitos com base na autêntica cientificidade (Lukács, 2018, p. 496).

Isto apenas é uma possibilidade; um problema para resolver, colocado pelos “[...] fundadores do marxismo [...]” (Lukács, 2018, p. 496) (Marx, Engels, Lenin): a realização prática e ideológica da exigência da cientificidade para enfrentar a revolução proletária e sua autocrítica (e isto claramente diferente das revoluções burguesas).

Aqui a teoria é o método para cumprir com a demanda da cientificidade necessária e a autocrítica nas situações concretas, que caracteriza o marxismo “[...] como meio científico para o dirimir dos conflitos sociais” (Lukács, 2018, p. 497). Mas para evitar o rebaixamento deste postulado, não pode pensar-se que: **1)** é possível apenas a partir da lealdade aos textos marxianos;

88 Erro da edição.

2) a cientificidade possa ser substituída por seres humanos ou situações singulares; 3) a posição de classe do proletariado não significa, per se, que ele tenha a capacidade de executar correções.

Para apreender de forma correta a questão, o importante é identificar se, no dirimir dos conflitos, a prioridade é a dedução das estratégias e táticas a partir dos métodos científicos ou a prioridade é a utilização dos métodos científicos como propaganda para uma decisão tática já tomada. É por isto que é necessária uma **renovação do marxismo**, resgatando-o como “[...] uma síntese de nova espécie de filosofia e ciência [...]” (Lukács, 2018, p. 500), como uma possibilidade de dirimir conflitos sociais que conduzam do ser-em-si ao ser-para -si.

Pelo anterior, pensamos que é indispensável, na contribuição à construção de caminhos para a emancipação humana, acompanhar as diferentes e heterogêneas lutas sociais que apontam este horizonte, reconhecendo os limites da participação política. Estes limites têm a ver com a incontrabilidade do sistema do capital, já explicada por Mészáros (2010), mas, além disso, com a compreensão de que a consciência emancipadora não depende destas profissões, sem desconhecer suas contribuições. Portanto, sempre será possível levar a cabo ações a partir de uma postura emancipadora. Enquanto à luta política, parece-nos indispensável acompanhar lutas por políticas progressistas e pelo aprofundamento da cidadania, a defesa radical dos Direitos Humanos e aportar análises que desvelem o verdadeiro papel do Estado e sua relação com as sociedades de classes e o capitalismo.

Todo o anterior coloca a importância de compreender o espaço de manobra em dois aspectos: o coletivo e o individual, e a formação e ação profissional. Vemos que às profissões se lhes impõe, ontologicamente, responder às demandas que emanam da totalidade da sociedade (a economia como momento predominante), portanto, o exercício constante de desidealização exige observar as possibilidades de ação dos indivíduos profissionais e da profissão como tal. Para entender um pouco melhor esta discussão, podemos ver o Serviço Social (SS).

4.2.4. *Uma aproximação ao Serviço Social como profissão com funções ideológicas*

O SS está presente, como já vimos, no 75% das universidades estudadas no Ranking QS. As reflexões acerca de sua função social têm sido desenvolvidas amplamente no Serviço Social latino-americano, apresentando discussões interessantes acerca do espaço de manobra.

Felippe (2015, p. 19-20) coloca:

[...] no exercício do Serviço Social, a autonomia assume uma dupla configuração: direito e dever. É um direito no sentido de que ao assistente social é garantida a competência de discernir e decidir acerca do seu objeto de trabalho, dos valores nos quais irá se fundamentar e do conteúdo que será impresso ao seu trabalho [...]. Como dever, a autonomia envolve o compromisso ético do profissional de que suas atividades não sejam desenvolvidas com base em interesses pessoais, clientelísticos, ilícitos. Para garantir que esse dever se cumpra, o Estado, fundamentado na Lei de regulamentação, estabelece Conselhos de categoria, que implementam mecanismos de regulação pelos pares com base em valores estabelecidos no Código de Ética.

Segundo o autor, a autonomia profissional do Serviço Social estaria determinada pelos estatutos jurídicos e políticos, que permitem que a profissão possa ‘decidir acerca de seu objeto de trabalho’ e seus conteúdos, e a limitam através das leis e normas. Esta leitura deixa de lado uma análise mais ampla e profunda acerca desses limites e possibilidades, que, ainda com o papel do Estado cada vez mais totalizador, não começa nem termina nele. Igualmente, é óbvio que cada profissão possui um constructo teórico e prático próprio (não necessariamente exclusivo), e que pode ter formas internas de pedagogia e didática, alguns temas que considere mais importante abordar do que outros, perspectivas teórico-metodológicas etc. Porém, aqui deve ser mencionada a necessidade de diferenciar entre o fator subjetivo e objetivo para compreender que é a sociedade, em sua totalidade, a que compõe o momento predominante sobre os complexos parciais, portanto, aquele constructo teórico e prático tem como fundamento aquilo que a sociedade permite e precisa. Isto significa que é dentro do espaço de manobra que os profissionais podem agir, inclusive para realizar propostas e levar a cabo ações contra o status quo.

O Serviço Social brasileiro é um claro exemplo desta situação: surge e existe dentro do sistema do capital, o qual determina seus fundamentos tanto em sua gênese quanto em seu processo, mas existe um espaço de manobra, não exclusivo do Serviço Social, que permite a esta profissão reconhecer e fortalecer a perspectiva crítico-marxista a partir de uma consciência de classe, que somente existe devido aos antagonismos próprios da sociedade burguesa.

Não poderemos, neste trabalho, esgotar as longas discussões ao redor dos postulados que têm se realizado sobre as concepções desta profissão e sua função social⁸⁹, mas podemos apresentar

⁸⁹ Como exemplo, podemos considerar três das posturas mais relevantes no debate profissional, ao propor discussões partindo da heterogeneidade da tradição marxista: conceber o SS como parte do trabalhador coletivo, como parte da classe que vive do trabalho (assalariado), ou como complexo ideológico. Estes postulados são profundamente divergentes entre eles e têm exigido um estudo rigoroso especialmente sobre as categorias de trabalho e trabalho assalariado. Para aprofundar recomenda-se revisar Ramírez (2021).

os aspectos que nos permitem analisar o Serviço Social como profissão com funções ideológicas e sua autonomia relativa. Macedo (2020) e Lessa (2012), sob a ontologia marxiana e lukacsiana, nos deixam claro que não é possível igualar o SS com a atividade do trabalho, pois a base desta profissão são as posições teleológicas secundárias, e não as primárias, isto é, sua função é influenciar a consciência de outros seres humanos para que ajam de uma forma específica. Mas esta função é mais concreta, ela se articula com a necessidade do Estado de institucionalizar um tipo de resposta especializada às expressões da questão social, principalmente por meio das políticas sociais, ou seja, responder aos conflitos derivados da relação antagônica entre as classes sociais no capitalismo. É neste exato sentido que entendemos que o **Serviço Social pode ser considerado como uma profissão com funções ideológicas**. Isto pode vislumbrar-se tanto na produção teórica, quanto na formação e no exercício profissional⁹⁰.

Em seu livro, Macedo (2020) conclui que o SS é um complexo ideológico que transita entre o caráter estrito e a ideologia pura. Para a autora, a manifestação da função ideológica em sentido estrito do SS se dá na prática profissional e em sentido puro nas generalizações teóricas. No entanto, estas denominações nos parecem problemáticas.

Levando em conta as críticas já apresentadas sobre a fragmentação das Ciências Sociais no sistema do capital, consideramos que o Serviço Social, junto com a Psicologia, a História, a Sociologia, a Antropologia, dentre outras, constituem um conjunto de profissões que poderiam entender-se como um complexo ideológico. Elas têm em sua base o estudo e a atuação sobre a realidade social. O detalhe acerca das categorias internas (lembre-se que todo complexo parcial tem uma legalidade e umas categorias internas próprias) deste complexo ultrapassa este trabalho, mas poderíamos arriscar algumas como métodos de pesquisa, teorias produzidas, e técnicas e estratégias de ação. Todas estas profissões, em sua singularidade, se localizam na fronteira entre a economia e a generalização dos interesses da classe dominante para toda a sociedade (Macedo, 2020). Isto as aproxima a outros complexos parciais como a política ou a educação, mesmo que profissões como Educação, Direito e Ciência Política tenham um conjunto de formas e conteúdos que as diferenciam.

Então, cada profissão das ‘Ciências Sociais’ constitui um complexo ideológico? Poderíamos reconhecer que cada uma tem uma estrutura institucional (tanto no nível das

⁹⁰ Mais acima colocávamos que a função generalizada destas profissões é a divulgação das ideologias existentes na sociedade. Ao aproximar-nos ao SS, podemos dizer que esta profissão não somente tem esta função, mas que utiliza estas ideologias para sua prática no âmbito dos conflitos derivados das classes sociais antagônicas.

instituciones de educação superior quando no exercício profissional), mas parece-nos que, ao realizar análises sobre a realidade social, todas aportam à construção de teorias sobre o social, independente do caminho elegido (gnosilogia ou ontologia) (Tonet, 2016).

Isto se relaciona com uma discussão de velha data no Serviço Social acerca da especificidade profissional. Macedo (2020, p. 179-180, tradução nossa) reconhece que o SS

[...] produz conhecimentos de natureza política, filosófica e científica que podem destinar-se a pensar além do simples imediato. O universo das generalizações produzidas pelo Serviço Social é amplo e variado, compreende um sem-número de objetos e de processos que se dirigem a um também diversificado campo de atuações. Dali a dificuldade de delimitar a especificidade do Serviço Social, em termos de objeto exclusivo, pois esta exclusividade não existe.

Pensamos que este mesmo postulado pode ampliar-se a todas as ‘Ciências Sociais’ e, portanto, todas em conjunto conformam um complexo ideológico.

Enquanto ao Serviço Social como ideologia pura, a professora brasileira especifica:

Além disto, o Serviço Social também produz generalizações que não se situam no âmbito dos conflitos cotidianos mais imediatos. São pensamentos que se referem à produção e reprodução do gênero humano. Esta perspectiva se preocupa pelas grandes interrogações no campo da ética: a relação entre socialização e individualidade; a produção e reprodução dos indivíduos autenticamente genéricos; o problema da liberdade e de outros valores humanos; os impedimentos na construção de uma sociedade humana e solidária; dentre outros.

Problemáticas que vão muito além do conflito de interesses ou da simples reprodução material dos homens em suas expressões cotidianas. Denotam preocupação pelas origens e destino da genericidade humana. Desse modo, entendemos o Serviço Social como um complexo que se move da ideologia restrita à ideologia pura (Macedo, 2020, p. 160, tradução nossa).

Continuando com a crítica anterior, consideramos que as produções teóricas do Serviço Social não são próprias e exclusivas da profissão, mas que pertencem ao conjunto das teorias sobre o social, e incluso à filosofia, portanto, não se pode dizer que, por realizar este tipo de generalizações teóricas, o Serviço Social transite para uma ideologia pura, pelo menos não em sentido estrito como profissão. Ao estar determinada pelas correntes de pensamentos das teorias do social e da filosofia, também pode produzir teorias, mas estas não pertencem exclusivamente ao SS, mas a esse conjunto de profissões.

Então, o conjunto de valores (ideias) que guiam a ação do TS têm sido do mais variado durante sua história. E é aqui onde observamos como a luta de classes determina as posições

ideológicas dentro do SS no nível internacional, mas também em cada país. Atualmente, pode considerar-se que a defesa dos Direitos Humanos é a rota de guia da profissão no nível mundial; uma visão liberal da sociedade que não questiona a ordem social vigente, mas que procura realizar melhorias no mesmo. Mas as ações individuais dos sujeitos profissionais também estão atravessadas por posições ideológicas, portanto, em seu agir podem realizar ações de corte emancipador (Macedo, 2020). Aqui, de novo, surge a importância do papel dos sujeitos na objetivação de diferentes possibilidades postas na realidade através da alternativa. Nesta perspectiva, não é possível ignorar a ação dos sujeitos profissionais, mas também é necessário evitar leituras subjetivistas que colocam o peso – quase ou exclusivamente – nos sujeitos ou nas profissões, suprimindo da análise as determinações ontológicas do SS que lhe imprimem a função generalizada que cumpre.

Eis o movimento complexo entre o espaço de manobra e a função sócio ontológica colocada às profissões com função ideológica, e ao Serviço Social em particular: ao ser a reprodução da totalidade social o momento predominante, e ao estar imbuídos no sistema do capital, a reprodução do capital é o momento predominante. Não é uma questão lógica, já vimos a prioridade ontológica do trabalho e da economia na relação entre complexos parciais. Deste modo, as ideologias existentes na sociedade determinam as ações dentro do SS (no nível individual e coletivo, e no âmbito da formação e do exercício profissional), mas sua função não é alterada: assegurar a reprodução da sociedade burguesa.

Por último, fazemos ênfase em que nossas observações não são conclusivas, mas que pretendemos colocar pontos de discussão que permitam localizar ontologicamente o SS dentro da reprodução social e em relação aos complexos parciais que lhe dão forma e conteúdo. Esta é, ao nosso ver, a única maneira de realizar ações concretas dirigidas à construção de caminhos para a emancipação humana.

SEÇÃO 5

A MODO DE CONCLUSÃO: apreensões e caminhos de análises no estudo das profissões com funções ideológicas desde uma ontologia histórica e materialista

Os subsídios de um conjunto de autoras e autores, principalmente da tradição marxista (incluindo Marx), nos abriram a possibilidade de apreender os movimentos históricos das profissões com funções ideológicas a partir de sua origem e seus diversos desenvolvimentos. Não sendo a primeira pesquisa que procura aprofundar nos fundamentos ontológicos delas, procuramos apresentar elementos de análises em diferentes rotas.

Em primeiro lugar, como vimos na segunda Seção, compreender nosso objeto sob os fundamentos ontológicos do ser social, evidenciados por Marx e aprofundados por Lukács, para entender aqueles complexos próprios do ser humano e a tendência do tornar-se-social do ser social. Sabemos assim que o trabalho constitui a categoria transicional entre o ser biológico e o ser social, portanto, é sua atividade fundante. Mas sabemos também que o ser humano não se constitui somente pelo trabalho, o que nos obrigou a entender como se reproduz a sociedade em seu conjunto. Em sua Ontologia, Lukács decompõe a complexidade que constitui a reprodução social enquanto à relação entre a totalidade da sociedade, a reprodução biológica e o ser humano singular, ademais, nos permite apreender o funcionamento dos complexos parciais em sua relação com a reprodução do todo e sua necessária autonomia relativa.

Desta forma, entender a economia como momento predominante nos permitiu estabelecer diferenças entre o trabalho como posição teleológica primária, e outras atividades humanas que têm em sua base posições teleológicas secundárias, como as profissões. Esta distinção foi um dos elementos ontológicos mais importantes para analisar nosso objeto de estudo, pois nos permitiu, a partir de uma ‘abstração razoável’, e de forma geral, reconhecer as funções que cumprem e têm cumprido as profissões ao longo de sua existência na reprodução das diferentes sociedades de classe. Repetimos em várias ocasiões que somente análises concretas podem brindar suficientes subsídios para a apreensão da história e o desenvolvimento de cada profissão. No entanto, pudemos concluir que, ao referir-nos a essas funções, as profissões se tornaram indispensáveis para a transmissão de conhecimentos especializados que levava a práticas especializadas. Em um primeiro momento (na sociedade escravista), este tipo de atividade esteve reservado exclusivamente para a

classe dominante, devido à mesma estrutura produtiva, onde a classe trabalhadora (as/os escravos) não participava de nenhuma maneira nos assuntos extraeconômicos. Logo, com o feudalismo, a educação profissional começa um processo de ampliação para outras classes sociais (excluindo maioritariamente à classe trabalhadora) e criam-se as universidades que, com modificações, herdamos até nossos dias. A formação de um terceiro estado, isto é, da classe burguesa, foi alterando a educação profissional, ao permitir que outras classes diferentes à feudal participaram dela. É com a consolidação do capitalismo, tanto econômica quanto politicamente, que se amplia a educação profissional a todas as classes sociais. Já vimos como esta ampliação é mais formal do que real, no entanto, não se pode negar que há uma profunda mudança na forma como se dá o acesso a este tipo de educação.

Reconhecendo estas diferenças, isto é, a identidade da identidade e da não identidade entre as origens e o desenvolvimento histórico das profissões, encontramos que é a economia a que tem imprimido seu rumo enquanto subsidiam a reprodução de formações socioeconômicas baseadas na exploração de uma classe sobre outra.

Por este mesmo motivo, a teoria marxiana foi indispensável para apreender os fundamentos ontológicos do sistema do capital: suas leis, sua dinâmica interna, seu funcionamento e suas contradições. Como modo de produção vigente em nossos dias, se torna uma exigência retornar a estes postulados que deram a base para compreender os movimentos posteriores. E isto porque nos permite identificar o processo de produção e reprodução do capital, marcado pela extração do mais-valor às/aos trabalhadoras/es assalariadas/os, isto é, pela exploração de uma classe social sobre outra. Este é o momento predominante em relação aos diferentes complexos que se desenvolvem no capitalismo, mesmo que já fomos bastante insistentes em aclarar que esta nunca pode ser compreendida como uma relação mecânica. É com Marx, retomado na Seção 3, que conseguimos dilucidar as formas gerais que as profissões têm tomado no momento em que se tornam indispensáveis para a reprodução do capital, entendendo a diferença entre produção de valor e produção de mais-valor (trabalho produtivo) e produção de bens materiais e bens intelectuais. Sabemos também, por um lado, que a criação de profissões no complexo econômico é exclusiva do sistema do capital, por outro, que as profissões com funções ideológicas continuam tendo uma grande predominância, como observamos na amostra realizada do Ranking QS (QS Quacquarelly Simonds, 2023).

Ao entender a generalidade das funções, origens e desenvolvimentos históricos das profissões, passamos à Seção 4 onde apresentamos diferentes argumentos que nos permitiram identificar a ideologia como complexo parcial, ao estar conformado por elementos próprios como as elaborações intelectuais que ajudam a dirimir conflitos, a diferença entre ideologia em sentido concreto e em sentido estrito, os tipos de conflitos objeto das ideologias, os tipos de ideologias, os tipos de posições teleológicas secundárias que conformam este complexo e sua função social. Esta última, explicada amplamente por Lukács (2018), responde a satisfazer necessidades sociais concretas: fazer consciente aos seres humanos, por meio de elaborações intelectuais, dos conflitos que enfrentam em sua vida cotidiana para levar a cabo ações. Igualmente, é possível identificar que existem grupos de especialistas na divisão social do trabalho que cumprem funções ideológicas, mantendo uma autonomia relativa em relação à totalidade social e ao complexo da economia. Sob este entendimento, identificamos o complexo ideológico em sua origem e desenvolvimentos, para assim dilucidar as mudanças em suas formas e conteúdos, levando em conta que, com a sociedade de classes, a ideologia também adota um caráter estrito: a resolução de conflitos imbuídos na luta de classes.

E ali encontramos as profissões com funções ideológicas, compreendendo que não todas as profissões com funções ideológicas constroem ideologias, portanto, consideramos que sua função principal e geral é a difusão das ideologias existentes em um momento histórico determinado. Estas profissões nascem em Egito, como já temos identificado, respondendo às necessidades de reprodução da classe escravista. Deste modo, até os dias de hoje, estas podem identificar-se dentro da ideologia em sentido estrito, mesmo que também reconhecemos que possam realizar contribuições direcionadas à ideologia pura. Igualmente, a educação em sentido estrito responde às necessidades postas pela reprodução da sociedade de classes.

No entanto, tanto a ideologia quanto a educação são complexos que existiram antes destas formações sociais, ao igual que a divisão social do trabalho. Outros complexos como a ciência (moderna), as classes sociais, o Estado e as profissões no geral, apareceram com a primeira sociedade dividida em classes, o que nos sugere interrogantes interessantes acerca de sua permanência ou fenecimento em uma sociedade emancipada; estes guiam a última parte deste trabalho. É por isto que se sugere uma análise concreta acerca do Serviço Social como profissão com funções ideológicas, e suas possibilidades de ação dentro do espaço de manobra posto pela

sociedade burguesa e seus interesses, por um lado, e por outro, as apostas pela construção de caminhos para a emancipação humana.

Ao estudar as profissões com funções ideológicas, foi necessário, por sua vez, observar as mudanças e tendências ideológicas dentro da sociedade burguesa que têm marcado sua configuração. Ali vemos que a decadência ideológica levou à criação das Ciências Sociais, por exemplo, e ao surgimento de filosofias subjetivistas e irracionalistas que atacam diretamente a possibilidade real e concreta de realizar análises da totalidade social. Isto, como foi desenvolvido, responde a uma necessária apologética ao sistema do capital que, em suas formas embrionárias, prometia a emancipação da sociedade das cadeias do senhor feudal e da monarquia e assim, a libertação dos indivíduos em seu conjunto. A primeira, como sabemos, foi efetivamente alcançada (o que Marx (2010) chamou de ‘emancipação política), no entanto, a história foi mostrando que a emancipação humana era impossível devido à formação de uma nova sociedade de classes. Assim, muitos ideólogos burgueses, em favor de continuar defendendo o novo sistema, optaram por criar corpos teóricos e filosóficos que, de muitas diversas formas, não permitiram a elucidação das contradições básicas dele. Igualmente, a aparição do proletariado como classe obrigou, e obriga, a tomar uma posição de classe a todas/os as/os pensadoras/es da época e da atualidade.

Pelo anterior, reconhecemos a decadência ideológica como base filosófica e teórica das profissões com funções ideológicas enquanto são um suporte para a divulgação de ideologias que procuram legitimar a sociedade burguesa. No entanto, se identificarmos o papel predominante que tem a ideologia burguesa no geral, e a decadência ideológica em especial, também entendemos que as ideologias revolucionárias (em quanto à construção de uma sociedade emancipada) permeiam e dão forma a estas profissões.

Todo isto mostra, de novo, a importância de apreender os fundamentos ontológicos destas profissões e da sociedade no geral. Fazemos ênfase em que a economia se constitui de um alto grau de espontaneidade, respondendo às necessidades de momentos históricos concretos, o que nos leva a evitar construir sistemas teóricos ideais acerca de nossas possibilidades de ação. Por isso mesmo, consideramos indispensável reconhecer que o modo de produção capitalista, e a sociedade de classes no geral, tal como o identifica Lukács, traz consigo um movimento ascendente para a generidade não mais muda, ao mesmo tempo que leva à humanidade a níveis de desigualdade intoleráveis. É neste espaço de manobra em que nos movemos e devemos pensar nossas práxis, tanto individuais quanto profissionais e coletivas. Como exemplo, podemos ver o impulso que teve

a ciência com a implantação do capitalismo, elemento indispensável para a libertação das cadeias que atam o ser humano com o mundo natural ao lograr compreendê-lo. Com isto não desconhecemos a destruição que a mesma humanidade tem ocasionado no meio ambiente, mas entendemos que, ao dilucidar estas contradições, podemos evitar posições messiânicas ou derrotistas.

Em todo caso, o motor de realizar pesquisas sobre os fundamentos ontológicos baseados na teoria social de Marx é o de não separar a teoria da prática. Isto coloca um compromisso ante a relação entre a academia e a luta de classes: deselitizar o conhecimento e continuar as lutas cotidianas que promovem, dentro dos limites do capital, confrontar suas contradições.

Como último aspecto, reconhecemos esta pesquisa como uma aproximação inicial à apreensão ontológica das profissões com funções ideológicas. Não se esgotam, neste trabalho, os diferentes elementos que se interrelacionam com estas profissões, nem o estudo da literatura sobre o tema. Como sempre, com este tipo de pesquisas procuramos abrir arestas de discussão que permitam avançar para melhores entendimentos sobre a realidade social, com o objetivo de guiar nossas ações com o compromisso da construção de uma sociedade além do capital.

Referências

ANDERSON, P. **Transiciones de la antigüedad al feudalismo**. Vigésimo segunda. ed. México: Siglo XXI editores, 1997.

ANDERSON, P. **El Estado absolutista**. Decimoquinta. ed. México: Siglo XXI Editores, 1998.

BERTOLDO, M. E. **Trabalho e educação no Brasil**: da centralidade do trabalho da centralidade da política. São Paulo: Instituto Lukács, 2015.

BISPO, A. **Universidade, ciência e violência de classe**. São Paulo: Instituto Lukács, 2014.

BRAVERMAN, H. **Trabajo y capital monopolista**: la degradación del trabajo en el siglo XX. México D.F.: Nuestro Tiempo, 1974.

COUTINHO, C. N. **O estruturalismo e a miséria da razão**. Segunda. ed. São Paulo: Expressão Popular, 2010.

DINGWALL, R. J. Las profesiones y el orden social en una sociedad global. **Revista Electrónica de Investigación Educativa**, México, v. 6, n. 1, p. 1-18, 2004. Disponível em: <<http://redie.uabc.mx/vol6no1/contenido-dingwall.html>>.

FELIPPE, J. M. Contribuições da sociologia das profissões para a reflexão sobre a autonomia e os monopólios interventivos do serviço social. **Sociedade em Debate**, Pelotas, v. 25, n. 3, p. 9-32, 2015.

FREIDSON, E. La teoría de las profesiones. Estado del arte. **Perfiles educativos**, Ciudad de México, v. 23, n. 93, p. 28-43, 2001. Disponível em: <https://www.scielo.org.mx/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0185-26982001000300003>.

GOUNET, T. **Fordismo e toyotismo na civilização do automóvel**. São Paulo: Boitempo, 2002.

LEMO, L. A.; MACENO, T. Educação, reprodução social e crise estrutural do capital. In: BERTOLDO, E.; LEMO, L. A.; JIMÉNEZ, S. **Trabalho, educação e formação humana frente a necessidade histórica da revolução**. São Paulo: Instituto Lukács, 2012. p. 175-186.

LENIN, V. I. El imperialismo fase superior del capitalismo. In: LENIN, V. I. **Obras escogidas. Tomo I**. Moscú: Progreso, 1961. p. 376-424.

LESSA, S. **Serviço social e trabalho:** porque o serviço social não é trabalho. Segunda. ed. São Paulo: Instituto Lukács, 2012.

LESSA, S. **Para compreender a ontologia de Lukács.** Maceió: Coletivo Veredas, 2016.

LUKÁCS, G. **Estética.** Tradução de Manuel Sacristán. Barcelona: Ediciones Grijalbo, 1966.

LUKÁCS, G. Marx e o problema da decadência ideológica. In: VEDDA, M.; COSTA, G.; ALCÂNTARA, N. **Anuário Lukács 2015.** São Paulo: Instituto Lukács, 2015. p. 97-150.

LUKÁCS, G. **Para uma ontologia do ser social. Volume 14.** Maceió: Instituto Lukács, 2018.

MACEDO, G. **Trabajo Social en debate:** ser social, trabajo, ideología. Tradução de D. Ramírez. La Plata: Dynamis, 2020.

MACENO, T. E. **Educação e reprodução social:** a perspectiva da crítica marxista. São Paulo: Instituto Lukács, 2017.

MANACORDA, M. **Historia de la educación 2. Del 1500 a nuestros días.** Tradução de Miguel Martí. Octava. ed. México: Siglo XXI, 2005.

MANACORDA, M. **Historia de la educación 1. De la Antigüedad al 1500.** Tradução de Miguel Martí. Novena. ed. México: Siglo XXI Editores, 2006.

MARX, K. . E. F. **A ideologia alemã.** Tradução de R., Schneider, N., Cavini, L. Enderle. São Paulo: Boitempo Editorial, 2007.

MARX, K. **O Capital. Livro 1. Capítulo VI (inédito).** São Paulo: Livraria Editora Ciências Humanas Ltda., 1978.

MARX, K. **O Capital. Crítica de economia política. Livro I. Tomo I. O processo de produção do capital.** Tradução de R., Kothe, F. Barbosa. São Paulo: Nova Cultura, v. 1, 1996a.

MARX, K. **O Capital. Crítica da economia política. Livro I. Tomo II. O processo de produção do Capital.** São Paulo: Nova Cultura, 1996b.

MARX, K. **O 18 de Brumário de Louis Bonaparte.** Tradução de J., Chitas, E. Barata-Moura. s.l.: Edições Avante, 2003.

MARX, K. **Contribuição à crítica da economia política**. Tradução de F. Fernandes. São Paulo: Expressão Popular, 2008a.

MARX, K. Libro 1. El proceso de producción de capital. Tomo 1. Volumen 3. In: MARX, K. **El Capital. Crítica de la Economía Política**. México: Siglo XXI, 2008b. p. 759-1042.

MARX, K. **Sobre a questão judaica**. São Paulo: Boitempo, 2010.

MARX, K. **O Capital. Crítica da Economia Política. Livro I. O processo de produção do capital**. Tradução de R. Enderle. São Paulo: Boitempo, 2013.

MÉSZÁROS, I. **Más allá del capital. Hacia una teoría de la transición**. La Paz: Pasado y Presente XXI, 2010.

NETTO, J. P. **Capitalismo Monopolista y Trabajo Social**. 2. ed. São Paulo: Cortez Editora, 2002.

PONCE, A. **Educación y lucha de clases**. [S.l.]: Partido Comunista Obrero Español, s.d.

QS QUACQUARELLY SYMONDS. Ranking QS. **Academic Reputation**, 2023. Disponível em: <<https://support.qs.com/hc/en-gb/articles/4405952675346>>. Acesso em: 10 Mayo 2023.

RAMÍREZ, D. Trabajo social y trabajo: una aproximación al debate. **Revista Eleuthera**, Manizales, v. 23, n. 1, p. 202-2016, Enero-junio 2021.

RANGEL, R. Educação e trabalho no processo de reprodução do ser social. In: VEDDA, M.; COSTA, G.; ALCÂNTARA, N. **Anuário Lukács 2016**. São Paulo: Instituto Lukács, 2016. p. 257-284.

RODRIGUES, M. G. **Educação para o trabalho no capitalismo**: o ProJovem como negação da formação humana. São Paulo: Instituto Lukács, 2018.

SACKS, M. Defining a Profession: The Role of Knowledge and Expertise. **Professions and professionalism**, v. 2, n. 1, p. 1-10, 2012. Disponível em: <<https://typeset.io/pdf/defining-a-profession-the-role-of-knowledge-and-expertise-5co6wszrxf.pdf>>.

SANTOS, D. **Educação e precarização profissionalizante**: crítica à integração da escola. São Paulo: Instituto Lukács, 2017.

SANTOS, E. **Trabalho, educação e pobreza**. Maceió: Coletivo Veredas, 2019.

SPENCER, H. Origen de las profesiones. **Reis: Revista Española de Investigaciones Sociológicas**, n. 59, p. 315-325, Julio-Septiembre 1992. Disponível em: <<https://www.jstor.org/stable/40183829?origin=crossref>>.

TONET, I. **Educação contra o capital**. São Paulo: Instituto Lukács, 2012.

TONET, I. **Método científico: uma abordagem ontológica**. Maceió: Coletivo Veredas, 2016.

URTEAGA, E. Sociología de las profesiones: Una teoría de la complejidad. **Lan Harremanak**, s.l., n. 18, p. 169-198, 2008. Disponível em: <<https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=2961869>>.

WEBER, M. **La ética protestante y el espíritu del capitalismo**. [S.l.]: La editorial virtual, 2009.